



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**WALTER NUNES DE SOUZA**

***YLÉ AXÉ RUNTÒ RUMBÔCI: A Construção e Solidificação do Candomblé em  
Cajazeiras – PB***

**CAJAZEIRAS-PB  
2017**

WALTER NUNES DE SOUZA

***YLÉ AXÉ RUNTÒ RUMBÔCI: A Construção e Solidificação do Candomblé em  
Cajazeiras – PB***

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Formação de Professores – Campus Cajazeiras, em cumprimento às exigências para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Viviane Gomes de Ceballos

CAJAZEIRAS-PB  
2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize dos Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S729y Souza, Walter Nunes.  
Ylé Axé Runtó Rumboci: a construção do Candomblé em Cajazeiras – PB /  
Walter Nunes de Souza. - Cajazeiras, 2017.  
97f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Viviane Gomes de Cebalhos.  
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

1.Candomblé. 2.Ylé Axé Runtó Rumboci.3. Religião afrodescendente, Cajazeiras.  
I.Ceballos, Viviane Gomes. II.Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro  
de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 299.6

**WALTER NUNES DE SOUZA**

***YLÉ AXÉ RUNTÒ RUMBÔCI: A Construção e Solidificação do Candomblé em  
Cajazeiras – PB***

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Formação de Professores – Campus Cajazeiras, em cumprimento às exigências para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>.Viviane Gomes de Ceballos – UACS/ CFP/ UFCG  
Orientador/a

---

Prof<sup>a</sup> Ma. Belijane Marques Feitosa  
Examinador/a Externo/a

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Rita Uhle  
Examinador/a Interno/a

*Dedico à minha família, amigos e agregados, que sempre souberam estar ao meu lado nos momentos em que mais necessitei. Em especial, dedico à minha esposa, Eline, que sempre me incentivou para adentrar a esta graduação e me fez seguir em frente; às minhas filhas de coração, Amanda, Adriana e Anne Beatriz que se mantiveram ao meu lado dando força para continuar na caminhada. Ao meu neto de coração, Rafael, que desde tão pequeno consegue me dar esperança para um futuro tão almejado nesta caminhada que, por muitas vezes, chegou a ser tortuosa. Dedico ainda à minha mãe, Inácia, que sempre me guiou pelo caminho da honestidade para que, ao final, fosse possível colher vitórias mais saborosas.*

## **AGRADECIMENTOS**

O meu maior agradecimento é aos Orixás que iluminaram o meu caminho durante todo o percurso do meu sonho de chegar até o fim.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe Inácia, minha esposa Eline, às minhas filhas de coração – Amanda, Adriana e Anne Beatriz – e ao meu neto Rafael, que se mantiveram firmes ao meu lado, mesmo quando os momentos eram de desespero ou desesperança.

Agradeço também aos amigos, em especial à Nathalya Kelly, Mariana Rolim (Mãezinha), Widmarck Querino, Patrício Albuquerque, Gutemberg Miguel, Jéssica Góis e Emerson Matheus, que fazem a diferença estando ao meu lado em momentos que acreditei serem impossíveis de ser enfrentados.

Agradeço aos colegas de turma em especial a Yan Moraes, Benício Duarte e Guehansberguer Tayllow, pelas parcerias incondicionais que possibilitaram o enriquecimento deste percurso e me deram a certeza de que ao olhar para trás, sentirei muitas saudades de nossos momentos.

Agradecer aos mestres que nos repassaram seus conhecimentos com tanta dedicação, além de me incentivar e guiar pelo caminho de melhor aprendizado.

Agradecer em especial à minha orientadora Viviane Ceballos que teve tanta paciência e continuou a caminhada ao meu lado, mesmo com a incompatibilidade de alguns horários e disponibilidade de tempo reduzida para nossos encontros.

Agradecer ao meu Babalórìsà, Jackson Ricarte, que além do apoio espiritual e a amizade particular, esteve ao meu lado na finalização e concretização deste sonho, abrindo seu *Ylé Axé* e me fornecendo todos os instrumentos necessários.

Agradecer aos integrantes desse meio religioso que me passaram seus conhecimentos, em especial à professora e amiga Belijane Feitosa que sempre se colocou enquanto disponível no momento de auxiliar em meu crescimento, tanto espiritual quanto intelectual.

Agradecer ao amigo Jorge Daniel, que sempre se dedicou ao Candomblé com tanto amor e repassou todo esse seu sentimento através de conhecimento, mesmo antes desta pesquisa ser iniciada.

Enfim, gostaria de agradecer a todos que direta ou indiretamente me ajudaram e me animaram, aos que amei e abracei, mesmo sem ter a chance de dizer-lhes isso todos os dias. Tive a oportunidade de comprovar que mais importante que as coisas que conquistei até hoje, são as pessoas que me conquistaram e fizeram toda a diferença nesta caminhada que a partir de agora entra num novo ciclo.



FONTE: <http://paimutalengunzo.blogspot.com.br/2015/09/filhos-de-santo-no-candomble-angola.html>

*“Vem desde o tempo da senzala  
Do batuque e da Cabala  
O som que a todo povo embala  
E quanto mais forte o chicote estala  
E o povo se encurrala  
O som mais forte se propala  
(...)  
É a Capoeira e o Candomblé  
É a festa do Brasil mestiço, santuário da fé.”*

(Brasil Mestiço, Santuário de Fé - Clara Nunes)



## RESUMO

As relações com base nas religiões de matrizes africanas ainda possuem certo misticismo, chegando a sofrer preconceitos variados sobre os que fazem parte dela. Esse é um meio que traz diversas lendas, rituais, crenças e uma historiografia cercada de momentos árdios aos seus integrantes. Na atualidade, esse ponto ganha novos questionamentos que, em muitos casos, chegam a investigar até a vida pessoal dos sujeitos. Mesmo com a diminuição do preconceito, o Candomblé ainda é enquadrado num espaço discriminado e com algumas visões distorcidas, mas a abertura de um terreiro em determinado espaço consegue influenciar na dinâmica da vida dos moradores próximos, assim como no pensamento destes. O desenvolvimento deste trabalho busca conhecer a história do Candomblé em Cajazeiras – PB através do *Ylé Axé Runtò Rumbôci* e as visões que cercam este espaço religioso. Para se alcançar tal resultado utilizou-se de referências que estavam disponíveis de modo impresso, assim como na rede mundial de computadores (internet), além de entrevistas com pessoas que estão diretamente envolvidas com o foco de estudo. Esta pesquisa encontrou materiais considerados riquíssimos, conseguindo descrever desde a entrada da religião no Brasil, seu processo de aceitação, sua operacionalização na atualidade, a base de suas crenças e solidificação do específico barracão na cidade, dessa forma, tem-se uma reflexão que não foi somente inspirada na história encontrada nos livros, mas também na história construída concretamente e resguardada na memória e no pensamento dos sujeitos que nela estão envolvidos.

**Palavras-chave:** Candomblé, Religião Afrodescendente, Cajazeiras, *Ylé Axé Runtò Rumbôci*.

## **ABSTRACT**

The relations based on the African religions still carries a stigma of mysticism, with diverse prejudices to those that are part of them. This environment brings legends, rituals, beliefs and a historiography surrounded by tough moments to its members. At present, this reality brings new questions that, in many cases, even seek to investigate the personal life of the subjects. Even with the reduction of prejudice, Candomblés still framed by discrimination and with distorted visions, but the opening of a *terreiro* in a certain space can influence the dynamics of the life and the thinking around them. This work seeks to know the history of Candomblé in Cajazeiras-PB through Ylé Axé Runtó Rumbôci and the visions that surround this religious space. In order to achieve this objective, we used references that were available in printed form, as well as in the world wide web, and also interviews with people who are directly involved with this subject. This research found very rich materials, being able to describe from the entrance of the religion in Brazil, its acceptance process, its current operation, the basis of its beliefs, and the solidification of the specific shed in the city. In this way, this reflection was not only inspired by the history of the books, but also by the concretely constructed history, sheltered in the memory and in the thought of the subjects that are involved in it.

**Keywords:** Candomblé, African matrix, Cajazeiras, Ylé Axé Runtó Rumbôci.

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>CAPÍTULO I: O Candomblé no Brasil</b> .....	16
1.1 A entrada do Candomblé no Brasil.....	16
1.2 A legalização do Candomblé no Brasil.....	17
1.3 O Candomblé na atualidade do Brasil.....	19
<b>Capítulo II: Rituais, Cargos e os Orixás cultuados no Brasil</b> .....	23
<b>2.1. Rituais no candomblé</b> .....	23
2.1.1. Ìpètè .....	25
2.1.2 Olúbáje.....	26
2.1.3. Ajere.....	26
2.1.4. A procissão de Ìyámase e a festa de Baàyànní .....	26
2.1.5. Lórògun.....	26
2.1.6. Ìbèrè – O ritual de iniciação .....	27
2.1.7. Bólónan – Bolar no Santo .....	28
2.1.8. As Águas de Oxalá .....	29
2.1.9. A Procissão do Àlà.....	29
<b>2.2. Cargos no Candomblé</b> .....	29
2.2.1. Ialorixá ou Babalorixá .....	30
2.2.2. Ògáns: Responsáveis Pelo Bataque dos Elús.....	30
2.2.3. Ekéjì: Cuidadoras Dos Orixás .....	31
2.2.4. Iabasé: Responsável Pela Cozinha .....	31
<b>2.3. Principais Orixás do Candomblé cultuados no Brasil</b> .....	32
2.3.1. Exú.....	33
2.3.2. Ogum .....	34
2.3.2. Oxóssi .....	35
2.3.4. Ossaim.....	36
2.3.5. Oxumarê .....	37
2.3.6. Omolu .....	37
2.3.7. Nanã .....	38
2.3.8. Iemanjá .....	39
2.3.9. Oxum .....	40

2.3.10. Iansã .....	41
2.3.11. Xangô .....	42
2.3.12. Ewá .....	42
2.3.13. Obá .....	43
2.3.14. Oxalá .....	44
<b>CAPÍTULO III: A Casa de Candomblé <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> em Cajazeiras – PB .....</b>	<b>45</b>
<b>3.1. Construção e implantação do Candomblé no <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> em Cajazeiras – PB .....</b>	<b>45</b>
<b>3.2. Administração e organização do Candomblé no <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> em Cajazeiras – PB .....</b>	<b>47</b>
<b>3.3. Práticas e rituais religiosos do Candomblé no <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> em Cajazeiras – PB .....</b>	<b>49</b>
3.3.1. Festa das Obrigações .....	49
3.3.2. Festa do Caboclo Kaytumba .....	53
3.3.3. Festa de Yemanjá .....	55
3.3.4. Feijoada de Ogum .....	56
3.3.5. Festa de Omolú .....	58
3.3.6. Festa de Yansã .....	59
<b>CAPÍTULO IV: Percepções práticas sobre o <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> de Cajazeiras – PB .....</b>	<b>60</b>
4.1. Percepções dos participantes iniciados do <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> acerca do Candomblé .....	60
4.2. Percepções dos frequentadores do <i>Ylé Axé Runtó Rumbôci</i> acerca do Candomblé .....	66
4.3. Percepções de representantes de outras religiões existentes na cidade de Cajazeiras – PB acerca do Candomblé .....	69
<b>5. Conclusão .....</b>	<b>73</b>
<b>Referências .....</b>	<b>76</b>

## INTRODUÇÃO

No CENSO realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, parte da população adulta residente no Brasil se declarou frequentador ou praticante de alguma religião de matriz africana; quando fala-se em número, um total 407.331 se colocam enquanto frequentadoras e praticantes da Umbanda em meio a 470 mil praticantes de religiões com raízes africanas, sendo que a população total do Brasil foi estimada em 190.755.799 habitantes (IBGE, 2010). O Brasil, desde seu descobrimento, é um país consideravelmente católico, onde os negros precisaram recriar suas origens espirituais para sobreviver em meio ao “novo mundo”, principalmente depois que se tornaram pessoas “livres”.

Questões voltadas à imposição católica fizeram com que visões pejorativas sobre as religiões vindas da África – e mais especificamente sobre o Candomblé – fossem desabrochadas, o que influenciou determinantemente na realização do xangô de Pernambuco, no tambor-de-mina do Maranhão, no batuque do Rio Grande do Sul e em tantos outros exemplos espalhados em todo o território nacional, sendo que todos esses passaram a ser nomeados, simplesmente, enquanto Candomblé pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (REIS, 2005).

Por muito tempo os rituais do candomblé (e de outras religiões de matriz africana) foram proibidos e perseguidos, o que faz com que na atualidade seus praticantes ainda sejam submetidos a situações agressivas, de constrangimento e preconceituosas. Esses fatos são reportados através de vários veículos midiáticos, a exemplo da revista Brasil 247 (2017) em sua reportagem “*Candomblé e Umbanda, as maiores vítimas de intolerância religiosa*”<sup>1</sup>, do jornal online BCC (2016) quando apresenta texto intitulado por “*Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?*”<sup>2</sup>, da Mídia News (2016) com a reportagem “*Preconceito leva 70% dos terreiros e viverem na clandestinidade*”<sup>3</sup> ou ainda o jornal

---

<sup>1</sup> Disponível em <https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/167362/Candombl%C3%A9-e-Umbanda-as-maiores-v%C3%ADtimas-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.htm>

<sup>2</sup> Disponível em

[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_intolerancia\\_religioes\\_africanas\\_jp\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm)

<sup>3</sup> Disponível em <http://www.midianews.com.br/cotidiano/preconceito-leva-70-dos-terreiros-a-viverem-na-clandestinidade/273002>

O Estado do Espírito Santo (2017) que apresentou aos seus leitores a reportagem *“Religiões de origem africana lutam contra a intolerância religiosa”*<sup>4</sup>.

Essa discussão também percorre os espaços acadêmicos, podendo-se encontrar diversos textos que buscam refletir sobre o tema, como *“Intolerância contra afro-religiosos: conhecendo o candomblé dentro de sala de aula”*, escrito por Araújo e Acioly (2016). Porém estes não são fatos que ficam distante da realidade dos praticantes. Exemplo disto são reportagens diversas que surgem na mídia relatando momentos desagradáveis, discriminatórios e agressivos, a exemplo de uma reportagem intitulada por *“Menina é apedrejada na saída de culto de Candomblé no Rio”* e lançada pelo site UOL Notícias (2015) ou a reportagem *“Estudante agredida por intolerância religiosa dentro de escola não quer voltar ao colégio”* publicada através do site Extra (2015). É por todo esse histórico que se acredita ser importante um estudo aprofundado sobre a construção, solidificação e atualidade dessas religiões no Brasil, sendo que neste caso especificamente dar-se-ia maior centralidade ao Candomblé.

No primeiro capítulo, intitulado *“O Candomblé no Brasil”*, será apresentado o histórico da religião no território nacional, desde o descobrimento e a chegada dos negros pelo trabalho escravo, perpassando pela liberdade concedida a estes homens e o culto religioso e maneira mais organizada e autônoma, chegando a atualidade com a implantação da liberdade religiosa e as principais tradições mantidas e remodeladas.

O segundo capítulo, *“A Casa de Candomblé Ylé Axé Runtò Rumbôci em Cajazeiras - PB”*, apresenta a história do zelador Jackson Ricarte na cidade de Cajazeiras – PB e a fundação do *Ylé Axé Runtò Rumbôci*<sup>5</sup>, já que este é o principal objeto de estudo dentro desta pesquisa e acredita-se que é necessário – pelo menos – um conhecimento prévio da construção social do mesmo para então haver abertura a uma discussão em torno das percepções de diversos pontos de vista que são lançadas sobre ele. Apresenta-se ainda dentro deste capítulo um breve relato das celebrações que acontecem nesse espaço, juntamente com as significações e importâncias das mesmas, em alguns momentos de modo mais superficial, já que o

---

<sup>4</sup>[http://www.oestadoes.com.br/\\_conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contraintolerancia-religiosa.html](http://www.oestadoes.com.br/_conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contraintolerancia-religiosa.html)

<sup>5</sup> *“O Poço Que Nunca Seca”*

Candomblé possui rituais e conhecimentos que devem fazer parte do saber somente daqueles que possuem cargos ou são iniciados na religião.

No terceiro capítulo, intitulado “Percepções práticas sobre o *Ylé Axé Runtó Rumbôci de Cajazeiras - PB*”, apresentar-se-á o resultado de entrevistas efetuadas com o zelador do *Ylé Axé Runtó Rumbôci* – Jackson Ricarte – com um participante do Candomblé já iniciado na religião, com um visitante assíduo dos rituais que ocorrem em meio à religião e com outros dois representantes de religiões distintas (católico e evangélico). Haverá ainda uma relação entre falas de autores disponíveis na literatura com as opiniões encontradas através das entrevistas e as vivências percebidas pelo pesquisador antes e durante o desenvolvimento do estudo, sendo que percebe-se que em alguns momentos há falas que corroboram entre si e noutros são refutadas, seja pelos entrevistados, por autores ou pelo próprio pesquisador.

Busca-se enquanto principal objetivo desse Trabalho de Conclusão de Curso encontrar a relação entre a realidade vivenciada por pessoas da sociedade comum na cidade de Cajazeiras – PB com a literatura encontrada em âmbito nacional. Acredita-se ser uma pesquisa importante, pois somente através de discussões – como essa – se faz possível refletir acerca das diferentes crenças advindas de diversos espaços, buscando-se entender como os pensamentos expostos nessa pesquisa foram construídos, consolidados e são refletidos no cotidiano.

## CAPÍTULO I: O Candomblé no Brasil

### 1.1 A entrada do Candomblé no Brasil

Acredita-se ser de suma importância considerar a hierarquia de poder e – sobretudo – religiosa que havia no Brasil na época em que as religiões trazidas pelos negros chegaram nestas terras, já que o Candomblé especificamente foi um dos instrumentos que caracterizou a resistência dos escravos ao sistema que lhe estava sendo imposto e auxiliou na criação da identidade desses povos (RODRIGUES, 1982).

O Candomblé é na verdade uma adaptação do que havia sido praticado na África pelos povos negros para manter certa ligação com seus ancestrais, isso ocorre pela mistura de famílias que houve na chegada ao Brasil e pela proibição que foi imposta, já que a religião que deveria ser cultuada por todos em terras brasileiras seria o catolicismo (MOTTA, 2002). É importante chamar a atenção para a existência forte de três religiões em meio a este contexto: a católica, a indígena e o candomblé; sendo que este último apresenta na atualidade um misto com as duas anteriores.

Sociedade e culturas, pensamentos e concepções filosóficas, os valores civilizatórios devem ser conhecidos, pois os africanos arrancados de seus territórios, durante o período do tráfico, eram portadores de cultura e profundos conhecedores de seu meio ambiente, detentores de saberes e competências. Mas para “legitimar” a escravidão criou-se uma ideologia que, sendo eurocêntrica, aponta o africano como não portador de nenhum conhecimento, como “selvagem” ou “primitivo”. (...) Na verdade, o processo de espoliação colonial foi brutal, milhões de seres foram arrancados de seus domicílios, suas famílias dizimadas (...) (SILVA & CALAÇA, 2007, p. 11).

Muitos líderes religiosos – tanto indígenas quanto negros – acabaram por criar cultos sincréticos, adicionando a eles o catolicismo, para que, desse modo, pudessem cultuar suas crenças de maneira camuflada e fugir das ameaças brancas que surgiam por todas as partes (RODRIGUES, 1982). “Na concepção judaico-cristã, os povos africanos foram classificados como *animistas*, o que quer dizer que para eles haveria *anima* – alma – em tudo: animais, pedra, água, vegetais...” (SILVA E CALAÇA, 2007, p. 12). Rodrigues (1982) complementa que o principal objetivo dessas novas formas de cultos era fazer com que seus seguidores se sentissem



bem ao estarem inseridos nelas, podendo responder suas dúvidas e ainda condizentes com a situação econômica e social na qual estavam inseridos.

Chegamos, pois, a uma mistura de santos com orixás que ainda hoje é motivo de mau entendimento, porque um se confunde com o outro. Pelo sincretismo chegamos à seguinte classificação de orixás e santos católicos: Exú – Santo Antônio, Ogum – São Jorge, Oxóssi – São Sebastião, Omolú – São Lázaro, Ossaim – São Benedito, Oxumaré – São Bartolomeu, Nanã – Santa Ana, Oxum – Nossa Senhora da Conceição, Logum Edé – Santo Expedito, Obá – Santa Joana d’Arc, Euá – Nossa Senhora das Neves, Inhansã – Santa Bárbara, Iemanjá – Nossa Senhora dos Navegantes, Xangô – São João Batista, Oxaguiã – Menino Jesus, Oxalá – Senhor do Bom Fim, Olorum – Deus (FREITAS, MEDEIROS, SILVA & SILVA NETO, 2013, p. 209-210).

Este contexto faz com que surja uma sensação de sincretismo, já que as divindades religiosas negras eram interligadas aos santos católicos, sincretismo este que foi explorado pela primeira vez através de Nina Rodrigues (1935) *apud* Rodrigues (1982) por uma visão culturalista e que passou a explorar quais as reais heranças que ainda resistiam em meio a esta mistura de crenças religiosas. A maioria das visões lançadas sobre tal questão corrobora com Bastide (1973, p. 33) que “ao procurar entender o sincretismo entre orixás e santos, tem-se, inicialmente, a impressão de que o catolicismo é um disfarce e que realmente seria a ilusão da catequese de que trata Rodrigues”. A esse respeito Fort (1999, p. 205) afirma que:

[...] no Ocidente falamos de um deus piedoso, um ser que demonstra compaixão, enquanto na sabedoria mítica da África fala-se de um deus da compaixão, a personificação de um poder (neste caso, a compaixão) que motiva toda forma de vida, inclusive a nossa.

Havia o desenvolvimento dos centros urbanos e este era um ambiente propício para a aglomeração de moradias negras, o que conseqüentemente fez com que as trocas de experiências religiosas se tornassem mais estáveis, e a implantação de terreiros de Candomblé acontecesse mais naturalmente (REIS, 2005). E dessa maneira, esse culto religioso veio a dar seus primeiros passos para ser solidificado enquanto uma religião afrodescendente legalmente reconhecida em solo brasileiro.

## 1.2 A legalização do Candomblé no Brasil

Durante o século XX, o Brasil passava por diversas novas experiências em relação ao culto de religiões, porém os cultos que foram trazidos da África através dos escravos somente passaram a ter sua legalidade e conquistar espaço concreto no fim de 1950, assim como explica Maggie (2005). Esta mesma autora afirma que antes desse momento, a Constituição Republicana garantia o culto de quaisquer religiões, mas o candomblé e as outras religiões que chegaram ao Brasil através dos negros eram vistas como feitiçaria e enquadradas no crime de exercício ilegal da medicina, já que – em muitos casos – buscavam ofertar melhoria na saúde das pessoas através de rituais específicos, sendo que este papel não deveria ser exercido pela religião e somente pela medicina.

Ortiz (1991) afirma que a Umbanda possuiu melhor aceitação no momento de sua solidificação, pois esta estava mais próxima do espiritismo Kardecista; chegando a sofrer preconceitos na posterioridade ao ser rotulada enquanto “baixo espiritismo” e também acusada por feitiçaria e curandeirismo. O principal motivo para tais acusações era que o espiritismo desenvolvido por Allan Kardec era praticado por pessoas intelectuais, nobres e com alto poder na sociedade (MAGGIE, 2005).

Inicialmente, o Candomblé era cultuado em casas isoladas das cidades ou da civilização branca e em sítios povoados por negros, onde possuíam a liberdade de referenciar seus ancestrais, enterrar e cultuar seus mortos, buscar auxílio<sup>6</sup>, encontrar-se com o divino e sociabilizar, assim como afirma Bastide (1973). Este mesmo autor complementa seu pensamento dizendo que nesta época estes eram espaços reservados apenas às mulheres e homens negros, porém após as primeiras décadas da libertação dos escravos através da Lei Imperial nº 3.353<sup>7</sup>, homens brancos passaram a frequentar tais Casas, onde podiam socializar com os negros e, em muitos casos, restabelecer laços familiares que foram perdidos<sup>8</sup>.

As correntes religiosas afrodescendentes se espalharam além das fronteiras. Alberti (2006) diz que a instituição da liberdade religiosa – em 1889 – dada aos terreiros de Candomblé passaram a ganhar forma e a estruturar seus rituais e suas crenças, abrindo espaço para confraternizações espirituais. Entende-se que este

---

<sup>6</sup> Muitos escravos que fugiam das senzalas durante a escravidão buscaram refúgio nos terreiros candomblecistas aos quais estavam integrados.

<sup>7</sup> Também conhecida como Lei Aurea, sancionada em 13 de maio de 1888. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM3353.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM3353.htm)

<sup>8</sup> Como, por exemplo, no caso de senhores de engenho que vieram a ter filhos com escravas e perderam o contato com os mesmos após a libertação dos escravos e saída destes de sua fazenda.

passo foi de grande importância para a consolidação das religiões de raízes africanas no Brasil, pois tornou-se possível a construção de um espaço social que viesse a respeitar o espaço religioso daqueles que não necessariamente faziam parte da religião predominante em território brasileiro, o catolicismo.

Silva Júnior (2015) afirma que muitas batalhas foram travadas para que a descaracterização das religiões vindas através dos negros africanos enquanto algo ruim acontecesse e que maior prova de vitória sobre essas lutas é a criação da Lei nº 10.639/2003 que garante espaço para a cultura e história africana nas escolas, além do Decreto nº 4.887 de 20 de novembro de 2003 que passou a regular a identificação e titulação dos espaços ocupados por remanescentes quilombolas. Este mesmo autor ainda cita a Lei nº 12.519, datada de 10 de novembro de 2011, que passou a definir o dia 20 de novembro enquanto celebração oficial pela consciência negra no Brasil.

Porém é interessante que se ressalve que a existência das Leis e Decretos referente à inserção do Candomblé e das tradições africanas em meio à sociedade é apenas uma legitimação frente a mais uma crença, o que não implica dizer que os preconceitos e comportamentos frutos deste deixaram de existir. Quando fala-se em preconceito, tem-se enquanto base a Psicologia Social, sendo que esta apresenta diversos conceitos para o termo; entretanto – no desenvolvimento deste estudo especificamente – trabalha-se com a definição apresentada por Rose (1972) apud Machado (2007, p. 201) ao afirmar que preconceito é“(...) um conjunto de atitudes que provocam, favorecem ou justificam medidas de discriminação”, além do pensamento de Allport (1954) apud Pereira, Torres e Almeida (2003) que já havia definido o preconceito enquanto sendo atitudes negativas lançadas contra um grupo baseando-se em suas crenças.

### **1.3 O Candomblé na atualidade do Brasil**

Beniste<sup>9</sup> (2013) afirma que muitos estudiosos sobre o Candomblé no Brasil não conseguiram realçar essa história de maneira fiel e acabaram por perder a essência da religião ou implantar visões destoantes da realidade, já que acredita-se

---

<sup>9</sup> Escritor, historiador, pesquisador, conferencista e autor de ensaios sobre os problemas dos diversos cultos de raízes africanistas, foi iniciado no Candomblé Ketu em 1984, pela Iyalorixá Mãe Cantu de Airá Tola do Ilê Axé Opó Afonjá.

que o Candomblé vindo da África possuía outros costumes do que é narrado e conhecido na atualidade, em decorrência até mesmo do catolicismo que havia na época da chegada dos negros. Acredita-se que esta essência pode chegar a ser descoberta por estudiosos e historiadores que possuem foco neste tema, porém ao mesmo tempo entende-se que estas são possibilidades distantes e de difícil acesso, já que muito da história dos negros e de sua religião era transmitida de maneira oral. Em sua obra, o autor supracitado resgata a questão histórica e tenta apresentar comparações entre a religião que chegou ao Brasil através dos escravos e a forma na qual a mesma é cultuada nos dias atuais. Schwarcz (1995, p. 8) explica que:

Nunca saberemos ao certo quantos africanos foram arrancados de sua terra natal. Para o Brasil vieram negros de dois grandes grupos: os bantos, predominantemente, originários do Sudoeste e Sudeste africanos, e também os sudanenses, procedentes do Noroeste do continente. Da Costa da Mina partiram sobretudo os sudanenses, dentre os quais destacam-se os iorubas, os jejes e os fantiashantis. Por sua vez, de São Paulo de Luanda vieram os bantos, sendo as maiores levas compostas pelos angolas, caçanjes e bengalas.

Inicialmente, os negros cortavam seus corpos nos ritos de iniciação para identificar a tribo africana a qual faziam parte, os negros faziam todos os seus rituais de maneira interna, enquanto os terreiros atuais admitem visitantes em festividades; o culto ao *Ibéji*<sup>10</sup> foi abolido; os negros possuíam lugares diferentes para cultuar cada orixá, enquanto nos barracões da atualidade todos são cultuados no mesmo local, tendo cada um o seu espaço; a quantidade de orixás que vieram da África através da crença é bem superior em relação a quantidade cultuada nos dias atuais que são somente 16 (dezesesseis), isso se explica pela necessidade que os negros tiveram em reduzi-los para que assim conseguissem efetuar seus rituais sem serem percebidos pelos brancos; a semana yorubá possui somente quatro dias e a religião foi adaptada aos sete dias que compõem a semana ocidental (BENISTE, 2013). Esses são alguns exemplos de modificações que ocorreram desde a chegada dos negros no Brasil até a atualidade, porém facilmente se encontram outras várias nas obras de Beniste (2013) e Verger (2000). Ainda a esse respeito, Prandi (2001, p.19) afirma:

---

<sup>10</sup> Ritual que determinava a morte de um dos filhos no caso do nascimento de gêmeos.

A recente expansão do candomblé no Brasil envolveu forte adesão de seguimentos sociais diferentes daqueles em que se originou no Brasil a religião dos orixás, com a inclusão de adeptos não necessariamente de origem negra e que são provenientes de camadas sociais com maior escolaridade e habituadas à idéia da informação pelo livro.

Beniste (2013) justifica que tais modificações ocorreram pelo pouco comprometimento que parte dos novos integrantes da religião passou a ter sobre ela, chegando a iniciar-se e participar sem a necessidade de busca teórica sobre toda a tradição que foi construída ao longo dos anos. “A constante troca de Terreiros faz com que as pessoas se tornem portadoras de diferentes conhecimentos, criando uma confusão de rituais e produzindo a perda do que se acostumou a entender como raiz de santo (...)” (BENISTE, 2013, p. 292).

Com um iniciado que muda constantemente de ilê (casa de axé), acontecem duas coisas que não se pode descartar, primeiramente, este vai inconscientemente ou não propagar a fusão de práticas ritualísticas diferentes em cada casa por onde passou e que não poderiam acontecer ou mesmo abdicar de práticas aprendidas corretamente, por entender que as mesmas não são mais necessárias. Isso vai se espalhar com o tempo e os novos integrantes se conhecerem o axé pelas mãos desse iniciado estarão reproduzindo sua prática errônea, modificando a raiz do candomblé. Por fim, uma pessoa que troca muito de axé é tido como alguém sem credibilidade. Costuma-se entre os iniciados, entender que essa pessoa planta a discórdia por onde passa e por isso é expulso das casas onde busca abrigo.

As crenças e rituais que estão inseridos no Candomblé da atualidade são extensos e possuem certa complexidade, sendo realizados nos terreiros e criando um ambiente envolvente para seus participantes, chegando a ser visto como um mundo à parte para estes (SILVEIRA, 2005). Este mesmo autor afirma que cada terreiro possui suas próprias regras, que são definidas de acordo com a hierarquia, o calendário e a economia que faz parte deles, chegando – em alguns casos – a utilizar-se inclusive de línguas próprias dos antepassados.

Um terreiro é um universo social fortemente hierarquizado, liderado por uma mãe<sup>11</sup> ou pai de santo<sup>12</sup>, que é responsável tanto pelos seus filhos humanos quanto pelas entidades (orixás, erês, exus, caboclos, eguns<sup>13</sup>) alí reunidas e

---

<sup>11</sup> Iniciada que incorpora no santo e que já cumpriu com sua obrigação de sete anos. Autoridade máxima em um terreiro.

<sup>12</sup> Versão masculina para o cardo de mãe de santo.

<sup>13</sup> Egum ou Egum-gum, palavra usada diversa nações. Vem do Nagô e quer dizer Osso. Mas o seu significado é mais amplo, significando também “alma de pessoa morta”.

assentadas. O grupo dos filhos humanos é diferenciado a partir de critérios que se cruzam e por vezes se reforçam. Um critério importante distingue os adeptos de acordo com a experiência (ou não) da possessão: de um lado temos os rodantes, aqueles que são tomados por suas entidades (que viram ou rodam no santo), de outro, os adeptos que não vivenciam a possessão e são confirmados *ekedi*<sup>14</sup> (se mulher) ou *ogãs*<sup>15</sup> (homens), assumindo funções específicas na casa. Igualmente central é o critério etário (definido por idade de iniciação), que opera mais fortemente no grupo dos rodantes e que distingue *abiãs* (adeptos ainda não iniciados, mas já incorporados à casa), *iaôs* (iniciados que ainda não completaram a obrigação de sete anos de feitura), e *ebomis* (adepto que, tendo pagado a obrigação de sete anos, ingressaram no grupo dos “mais velhos”). *ekedi* e *ogãs* já “nascem” velhos (RABELO, 2015, p. 234-235).

Essa relação de hierarquia que é construída dentro do terreiro faz com que o funcionamento do mesmo – seja em dia de rituais ou não – ocorra de maneira mais positiva, pois é através destas regras que se faz com que o respeito aos mais velhos e às próprias entidades ocorra. Entende-se que o mais velho é possuidor de maior conhecimento, portanto, este passa – ao mesmo tempo – em ser o mais respeitado e aquele responsável por ensinar o que se faz necessário aos mais novos. Deve-se considerar que a obtenção do conhecimento deve ocorrer de acordo com o envolvimento do filho dentro do terreiro, levando-se em consideração – ainda – a maturidade que este possui. Não se pode deixar de enfatizar que há aqueles rituais e conhecimentos que somente chegam ao discernimento dos mais velhos que possuem cargos, não devendo ser apresentado aos mais novos ou àqueles que não são adeptos da religião.

Os barracões, como também são chamados os terreiros, possuem alguns cômodos e, entre eles, há um salão onde os fiéis iniciados<sup>16</sup> incorporam as divindades e efetuam danças públicas que fazem parte de certos rituais; outro espaço é o *Ilê Òrisà*<sup>17</sup>, onde ficam os *Ìgbás*<sup>18</sup> e somente possui acesso a este espaço pessoas que já têm iniciação e certo grau de pureza perante a religião, sendo que

<sup>14</sup> Conhecido também por *Ajòyè* é um cargo exclusivamente feminino para iniciadas que não incorporam, por isso elas são responsáveis pela segurança e integridade das pessoas que estão incorporadas e assim acabam por serem chamadas de mãe na maioria dos *candomblés*.

<sup>15</sup> Cargo exclusivamente masculino para iniciados que não incorporam, são responsáveis por diversas ações em um terreiro que vão desde o entoamento de cânticos e rezas, até o tocar dos atabaques. Por aturem como as *Ekéjis*, podem ser chamados de pai em diversos *candomblés*.

<sup>16</sup> Para ser considerado iniciado no *Candomblé* é necessário passar por alguns rituais e ter conhecimento sobre determinadas informações que, geralmente, são passadas ao filho de santo através do pai de santo ou dos cargos que auxiliam nos cuidados durante os rituais de iniciação.

<sup>17</sup> Quarto de santo. Local onde apenas os iniciados podem entrar. Local onde repousa a personificação dos *Orixás*, onde são guardados seus símbolos, insígnias e colocadas suas oferendas.

<sup>18</sup> Assentamento. Representação física do *Orixá*.

neste espaço há a realização de determinados rituais que são vistos enquanto secretos<sup>19</sup> (SILVEIRA, 2005).

## **Capítulo II: Rituais, Cargos e os Orixás cultuados no Brasil**

### **2.1. Rituais no candomblé**

Segundo Rocha (2000) os rituais e festas podem variar de acordo com cada terreiro e com as nações nas quais eles estão inseridos, sendo que esta é uma questão determinada pelo responsável pelo terreiro. Porém, aqui apresentar-se-ão alguns dos principais rituais abertos à população e que acontecem em todo o Brasil, assim como noutros países. É interessante frisar que a forma de realização de cada ritual ainda pode chegar a variar, porém a simbologia principal é a mesma, independente de sua variação.

Peirano (2003) diz que há diversas formas de se constituir um ritual, podendo ser festivo, formal, informal, profano, religioso, simples ou elaborado; e chega a corroborar com o autor anteriormente citado ao afirmar que o principal deste momento não é o conteúdo explícito, e sim a simbologia que o cerca.

Beniste (2012) diz que os visitantes de uma casa de Candomblé em dia de festa devem se vestir de maneira informal e ao mesmo tempo sem utilizar-se de decotes e roupas curtas, no caso das mulheres, assim como os homens devem evitar usar bermudas; devem buscar vestir tecidos com cores claras, evitando preferencialmente o vermelho, preto e roxo; sentar-se nos espaços reservados para visitantes, respeitando assim a hierarquia existente no lugar; caso não encontre um espaço para sentar-se, evitar ficar na porta, já que este lugar possui importância mística à religião.

Tornou-se conhecimento do pesquisador através do tempo em que o mesmo está inserido na Casa de Candomblé que a porta, também chamada de Ilekun é onde está localizado um dos pontos "cardeais" de canalização de energias positivas da casa, lá está simbolicamente a presença de Esù, o guardião de todas as entradas e saídas da casa. A porta também é local de culto da divindade Ogun, na condição de sentinela, vigia, guarda. Em épocas festivas é necessário que assim como se

---

<sup>19</sup> Há rituais que é necessário possuir cargos na Casa para serem assistidos ou executados, havendo ainda rituais que podem ser observados por pessoas iniciadas e que não possuem cargos. Essa questão pode vir a depender da organização que é dada ao terreiro onde os rituais acontecem e também da idade de santo do participante.

fazia nas aldeias africanas, os responsáveis pela casa de axé, coloquem nas portas e janelas o Màrìwò<sup>20</sup> representando a lembrança e proteção de Ogun e por esse motivo, não se permite que a passagem seja obstruída por qualquer motivo; deve-se também evitar fumar dentro do barracão, falar alto e buscar manter comportamento discreto para que não atrapalhe os movimentos ritualísticos.

Quanto aos integrantes do Candomblé, Beniste (2012) fala que seu comportamento deve seguir de acordo com a hierarquia da casa e que a forma de organização é demasiadamente complexa, mas chama a atenção para o cumprimento das regras existentes no local, onde os filhos da casa já estarão esclarecidos sobre elas, enquanto os iniciados em outros terreiros devem observar e seguir a mesma conduta. Este mesmo autor diz “que nada se pergunta, tudo se aprende, vendo-se e ouvindo-se” (BENISTE, 2012, p. 83).

O Alàgbé<sup>21</sup> Jorge Daniel Lucena de Santana<sup>22</sup> explica que no Candomblé, os rituais são variados e envolvem desde festas que saúdam as divindades perpassando por comemorações sobre a iniciação de um filho de santo, como também ocorre a celebração dos sete anos do iniciado, quando o mesmo se tornará Ègbónmi, Bàbálórìsà ou Ìyálórìsà, quando este receberá ou não o seu DEKÁ<sup>23</sup> durante a obrigação de sete anos ou oduljè. Ainda segundo o Alàgbé acima citado, a obrigação de sete anos é tão grande e importante quanto a feitura e pode acontecer de duas formas.

A primeira forma possível para comemorar os sete anos de iniciado que deixará de ser Ìyàwó para se tornar um Ègbónmi (pessoa que ingressará no grupo dos mais velhos mas não abrirá seu próprio ilê). É importante lembrar que a escolha de abrir ou não uma casa de axé, se dá pelo orixá do iniciado, que responde esse questionamento ao Bàbálórìsà e seus auxiliares da roça, através do jogo de búzios. Só quando fizer a obrigação de sete anos ou Oduljè é que será considerado

---

<sup>20</sup>Folha do dendezeiro, sua função é proteger e espantar as energias negativas e espíritos perturbadores nas casas de Axé.

<sup>21</sup>Alàgbé é o ogã responsável por conduzir os rituais na Casa de Candomblé, sejam estes públicos ou reservados aos possuidores de cargos.

<sup>22</sup>As informações apresentadas sobre as duas formas de comemorar os sete anos de iniciado foram expostas por este e colhidas de maneira oral, através de uma conversa informal durante a produção desta pesquisa. O mesmo é Alàgbé do Ilê Asé Adagawrá, na cidade de João Pessoa – PB.

<sup>23</sup>Deká ou oyê (título) sacerdotal outorgado ao Ìyàwó que cumpriu seus primeiros sete anos dentro da comunidade, comparado a vida social, seria uma cerimônia de formatura na qual permite posteriormente o Ìyàwó seja de fato e de direito um Bàbálórìsà ou uma Ìyálórìsà.



um Ègbónmi e continuará na roça onde normalmente receberá um posto para ajudar a Ìyálórìsà.

A segunda forma dessa obrigação é quando o orixá responde novamente através dos búzios, que o iniciado deverá abrir sua casa de axé e assim o Ìyàwó se tornará Bàbálórìsà ou Ìyálórìsà. O responsável pela casa entregará para o Ègbónmi no ato da festa seus pertences (jogo de búzios, pombas, favas, sementes, tesoura, navalha, tudo que vai precisar para iniciar Ìyàwós) no Ketu é chamado Oduljê com Oyê, em outras nações é chamado de Deká, Peneira, Cuia, etc. Nesse caso, o novo sacerdote terá que providenciar uma casa para onde será levado seu Orixá e iniciar um novo Ilê axé. Todo Bàbálórìsà ou Ìyálórìsà é obrigatoriamente um Ègbónmi, mas um Ègbónmi não necessita ocupar um dos postos outrora citados.

Descrever todos os rituais possíveis numa Casa de Candomblé é uma tarefa longa e – provavelmente – interminável, porém será descrito a seguir alguns destes rituais que, em sua maioria, acontecem em todas as casas, independente da nação a qual pertençam<sup>24</sup>. Todavia acredita-se ser interessante explicar que nem todos os rituais descritos nessa construção textual ocorrem no *Ylé Axé Runtò Rumbôci*<sup>25</sup>, porém entende-se que estes possuem relevância sobre o entendimento da religião e suas crenças.

### 2.1.1. Ìpètè

Ìpètè é o nome dado à comida de Oxum<sup>26</sup> e ao ritual que acontece após as festas de todas as *Àyabas*<sup>27</sup>, com exceção de Nanã que é festejada junto a Omolu; acontece somente após a festa das Águas de Oxalá; não possui sacrifícios; proporciona maior calma ao barracão, já que durante as outras festas a agitação é bem maior; durante toda a festividade há cantos e danças que em alguns momentos são levadas pelos próprios Orixás e noutros momentos pelos participantes iniciados (BENISTE, 2012).

<sup>24</sup> Alguns rituais podem chegar a sofrer alterações de acordo com a nação na qual acontecem e/ou de acordo com a organização do terreiro no qual ele é cultuado, porém a simbologia continua sendo sempre a mesma.

<sup>25</sup> Nessa Casa de Santo ocorrem somente o Ìpètè, o Bólónan e o Olúbáje dentre os rituais descritos neste capítulo.

<sup>26</sup> Feita com inhame cozido e amassado, temperado com camarão, dendê e sal.

<sup>27</sup> Orixás femininas.

### 2.1.2 Olúbáje

É a festividade dedicada à família de Omolu, onde Nanã participa no lugar de estar presente no momento das *Àyabas*; o ritual é direcionado pelo *Àsógbá*<sup>28</sup>; durante os sacrifícios não se utiliza faca nos animais, somente depois de mortos eles entram em contato com a faca para ser destrinchado; acontece fora do barracão, no tempo; a alimentação é servida aos visitantes em folhas de mamonas; os cânticos que acontecem durante a festa são puxados de acordo com a tradição do terreiro (BENISTE, 2012).

### 2.1.3. Ajere

Esta festa é dedicada a Xangô e possui uma duração de 12 dias, havendo rituais em todos eles; a maioria das casas inicia estes rituais no dia 29 de junho; necessariamente sua esposa *Iansã* está presente neste ritual, pois é ela quem sai com a panela de *Ajere* na cabeça; o *Àmálá* é a principal comida dos rituais por ser a preferida do Orixá homenageado nesta ocasião (BENISTE, 2012).

### 2.1.4. A procissão de *Ìyámase* e a festa de *Baàyànní*

Estes dois rituais se fundem para finalizar os rituais de Xangô; há uma procissão dentro do próprio espaço interno do barracão, onde há características próprias destes momentos e com suas simbologias; possui enquanto principal símbolo o *Adé Baàyànní*<sup>29</sup>; nesta festa a homenagem principal é feita para a irmã de Xangô que, na cultura do Candomblé, acredita-se que seja a reencarnação de seu próprio pai (BENISTE, 2012).

### 2.1.5. Lórògun

---

<sup>28</sup> Um dos cargos masculinos mais importantes na Casa de Omolu.

<sup>29</sup> Uma grande coroa enfeitada com búzios em sua estrutura e sete tiras de búzios que caem na face de quem a utiliza.

Acontece no primeiro domingo após o Carnaval; não há sacrifícios, somente comidas secas; após esta festa as atividades ritualísticas do barracão são suspensas<sup>30</sup>, voltando a acontecer somente em 29 de junho com a festa de Xangô; ao final da festa o jogo de búzio indica o único Orixá que poderá estar presente na Casa para tomar conta de seus filhos nesse período de “recesso”; enquanto o barracão estiver fechado, é deixada uma bacia grande com pipocas na casa ou no assentamento de Xangô para garantir a paz no ambiente (BENISTE, 2012).

### 2.1.6. *Ìbèrè* – O ritual de iniciação

Segundo Beniste (2012), o *ìbèrè* é o ritual que determina a iniciação de uma pessoa dentro do Candomblé, é a partir deste ritual que pode-se dizer que aquele indivíduo foi feito na religião, ou seja, que ele está inserido no meio místico de maneira concreta; não há data para que este ritual ocorra durante o ano, pois são diversos fatores referentes ao pai ou mãe de santo, aos orixás e ao próprio indivíduo que será iniciado que influenciam para que a iniciação aconteça; ela é marcada – principalmente – pela reclusão social do sujeito, para que esse possa aprender as regras que fazem parte da religião e da casa a qual está adentrando, tomar conhecimento sobre rituais e orações que acontecem periodicamente, ordenação e controle sobre suas manifestações espirituais, entre outros ensinamentos que lhes são passados pelas pessoas mais velhas que participam ativamente desse momento de recolhimento; esse tempo de reclusão pode variar, dependendo de cada barracão e das tradições seguidas pelo zelador da casa; após tal obrigação<sup>31</sup> aquela pessoa torna-se um *ìyàwó*<sup>32</sup>; durante todo este ritual participam todos aqueles que fazem parte do barracão e – em alguns casos – pessoas de outros barracões que tenham ligação com aquele que está em obrigação, sendo que todos

---

<sup>30</sup> Durante o período de escravidão no Brasil os negros eram forçados a não dançar durante a Semana Santa, demonstrando sentimento de tristeza de acordo com as simbologias empregadas pela igreja católica. Desse modo, as tradições que foram repassadas durante todos esses anos mantiveram esse espaço de tempo vazio dentro da religião, preservando somente a oferenda de *Àmàlà* para Xangô nas quartas-feiras.

<sup>31</sup> Maneira como são chamados alguns rituais que ajudam a elevar o nível espiritual dos praticantes do Candomblé.

<sup>32</sup>Fala-se *laô*

auxiliam em algo<sup>33</sup>, pois assim como afirma o autor supracitado, sempre há algo a ser feito num barracão durante uma obrigação.

### 2.1.7. Bólónan – Bolar no Santo

Esta é considerada a primeira manifestação do Orixá na pessoa e pode acontecer em meio a uma festa, onde o indivíduo sente tremores pelo corpo e cai no chão inconsciente – por estar incorporada em seu Orixá – bolando de um lado para o outro no barracão, ao acontecer isso, esta pessoa é envolvida num pano branco e levada ao Runcó<sup>34</sup> ou ao Quarto de Santo<sup>35</sup> do barracão, onde as pessoas que possuem cargo a chamam de volta<sup>36</sup> e explicam o acontecido; ao bolar no santo, o indivíduo é indicado a fazer a iniciação, pois ali é um recado de que seu Orixá “quer ser feito”<sup>37</sup>, porém esta é uma decisão que pode ser tomada posteriormente, assim como afirma Beniste (2012).

Este mesmo autor diz que existe um ritual específico de Bólónan antes das obrigações, onde os principais objetivos dele são: definir se as pessoas apontadas a serem *Ogans* e *Ekéjis* realmente não incorporam; certificar-se de que o Orixá indicado no jogo de búzios é realmente aquele que comanda a cabeça daquele filho de santo; e determinar a composição de pessoas que estarão inseridas no barco<sup>38</sup> que será recolhido. No Ylê Axé Runtó Rumbôci, o iniciante indubitavelmente passará pelo Bólónan, tanto podendo acontecer naturalmente, ou sendo proporcionado no momento da iniciação do mesmo como parte do processo de feitura, em um ritual interno, conduzido e supervisionado pelas yálórisàs ou Babalórisàs presentes e assistidos pelos mais velhos da casa. Esse ritual ocorre com poucos participantes da Casa de Candomblé, onde somente se tem acesso ao ritual quando se possui cargo. A pessoa a ser iniciada é induzida a uma espécie de transe, onde nem mesmo ela

---

<sup>33</sup> Há quem fique responsável pela compra dos animais utilizados durante as oferendas aos Orixás, outra pessoa fica responsável pela limpeza dos espaços, outras pelos ensinamentos a quem está recolhido, outras pela alimentação de todos os presentes, e assim por diante, onde cada participante recebe uma função a ser desempenhada.

<sup>34</sup> Quarto onde ficam recolhidas as pessoas que estão em obrigação.

<sup>35</sup> Quarto onde fica a maioria dos símbolos que representam os Orixás.

<sup>36</sup> Há algumas palavras na língua Yorubá que ao ser ditas ao Orixá ele entende que é o momento de “sair do corpo” daquela pessoa e deixá-la consciente novamente.

<sup>37</sup> Expressão utilizada que indica quando um sujeito entregou-se, através do Candomblé e da iniciação, ao Orixá.

<sup>38</sup> Pode ser entendido enquanto um coletivo para pessoas iniciadas em grupo.

terá acesso aos procedimentos que acontecerão. Essa é uma questão que faz parte da tradição religiosa.

### **2.1.8. As Águas de Oxalá**

Beniste (2012) diz que este ritual carrega consigo três grandes características: festividade sobre as colheitas agrárias, abertura do barracão para a realização das festas dos outros Orixás e purificação do ambiente e das pessoas presentes; sendo que dura uma média de 17 dias onde será lembrada e vivenciada a vida de Oxalá, desde certa aventura onde ele foi preso e maltratado, perpassando por “uma odisséia assentada num mito consagrado e de forte expressão religiosa” (BENISTE, 2012, p. 235).

### **2.1.9. A Procissão do Àlà<sup>39</sup>**

É mais um dos rituais que acontece em meio ao ritual “As Águas de Oxalá”; no dia que antecede a procissão do àlà colocam-se todos os assentamentos de volta no quarto de Oxalá envolvidos por um pano branco; nesse momento comemora-se a volta de Oxalá após sua prisão e tortura; acontece logo após o Ìpàdè, antes que o sol se ponha e com as luzes apagadas; são momentos acompanhados por orações e cânticos remetentes àquele momento de maneira específica, além da cobertura de tudo e de todos com um pano branco grande durante os momentos que simbolizam a procissão para trazer Oxalá de volta ao seu reino; o ritual é finalizado com a presença de todos os Orixás incorporados dentro do barracão (BENISTE, 2012).

## **2.2. Cargos no Candomblé**

Toda Casa de Candomblé possui sua própria hierarquia e ela é definida de acordo com os cargos existentes no barracão e esta é a primeira lição aprendida e

---

<sup>39</sup> Pano Branco.

entendida pelos filhos de santo, porém todos os cargos são importantes para que o andamento do espaço aconteça como o planejado (BARROS, 2009). Seguem alguns dos principais cargos que atualmente existem dentro das Casas que cultuam o Candomblé.

### 2.2.1. Ialorixá ou Babalorixá<sup>40</sup>

Augras (2008) afirma que este é o cargo líder do terreiro, é o maior nível de hierarquia a ser encontrado em qualquer Casa de Candomblé, onde ele recebe obediência e respeito de todos os frequentadores e participantes. Esta mesma autora diz que “somente o pai ou a mãe-de-santo tem a capacidade para exercer qualquer função: substituir o sacrificador, colher plantas sagradas, consultar o oráculo” (AUGRAS, 2008, p. 183).

Evangelista (2013, p. 101) explica que “para se tornar um pai ou uma mãe-de-santo, seria preciso passar por uma trajetória hierárquica específica, que compreende, necessariamente, a condição de òyàwó”. O autor supracitado ainda complementa seu pensamento dizendo que o cargo de babalorixá ou ialorixá somente é dado a alguém que cumpre com a renovação de sete anos de obrigações, sendo que cada uma delas possui suas especificidades.

### 2.2.2. Ògáns: Responsáveis Pelo Batuque dos Elús

Assim como explica Evangelista (2013), esse cargo é o responsável pelo batuque nos elús<sup>41</sup> e somente pode ser ocupado por homens<sup>42</sup>, porém não somente isso, eles são considerados os protetores do Candomblé que também passa por grandes obrigações ritualísticas, onde é confirmado o Orixá que domina sua cabeça.

Estes homens, tal como as Ekéjì, não entram em transe e só passam a ser integrados a uma casa a partir de algumas destas decisões:

---

<sup>40</sup> Mãe ou Pai de Santo

<sup>41</sup> Tambores utilizados nos rituais.

<sup>42</sup> No Candomblé acredita-se que o elú é a entrada e saída principal de energias, ao mesmo tempo em que acredita-se que a mulher em seu período menstrual está com o “corpo aberto” e absorve mais facilmente todos os tipos de energias, por esse motivo não é aconselhado que elas toquem durante os rituais, já que elas podem chegar a internalizar alguma energia negativa que – por ventura – esteja presente no espaço.

- a) Tendo sido *escolhidos* pelo babalorixá entre as pessoas que frequentam a casa, pelos seus préstimos ou pela amizade que mantêm com o terreiro;
- b) Tendo sido *apontados* como candidatos à confirmação, descobertos geralmente através do Jogo de Búzios;
- c) Tendo sido *suspensos* pelo orixá dono-da-casa ou por um orixá que os escolheu e chamou para si;
- d) Finalmente, podem ser *Ògáns confirmados* aqueles que realizam suas obrigações sacramentais, que recebem sua faixa identificatória com o nome de seu cargo. (BARROS, 2009, p. 93-94).

### 2.2.3. Ekéji: Cuidadoras Dos Orixás

Segundo Evangelista (2013), este é o cargo dado às mulheres que não incorporam nenhum tipo de divindade e que passam a ser responsáveis pelo cuidado aos Orixás incorporados nos outros filhos de santo, além de organizar e fazer a manutenção sobre o barracão. Este mesmo autor explica que essas mulheres ocupam uma posição de mãe pelo cargo que recebem, mesmo sem ter chegado a ser *Ìyàwó*. De maneira sucinta, Lima (2004, p. 112) corrobora com este autor ao afirmar que:

As Ekéji devem cuidar do santo a que se dedicam, quando o mesmo chega à cabeça de sua filha. É ela quem atende à filha no momento do transe. [...] A Ekéji é, assim, uma espécie de pajem do orixá e guardiã da segurança física e do conforto da filha-de-santo, cujo orixá a escolheu como protetora.

### 2.2.4. labasé<sup>43</sup>: Responsável Pela Cozinha

É a pessoa – geralmente mulher – responsável pela preparação e organização dos pratos que serão oferecidos às divindades, sendo conhecedora das preferências existentes por cada uma delas, podendo receber o auxílio de outros que já possuam iniciação no Candomblé. Porém, é a labasé quem comanda e prepara os momentos considerados cruciais, que acontecem desde a compra do alimento até o momento da oferenda (AGUIAR, 2012). Esta mesma autora complementa tal definição ao dizer que

(...) este é um cargo que está voltado preferencialmente a mulheres que já estão na menopausa, com certa idade, pois existe todo um tabu em torno do sangue menstrual, que limita os espaços da mulher no candomblé durante este período. Além disso, outro aspecto importante está relacionado

---

<sup>43</sup> “Senhora da Cozinha”.

à dedicação a cozinha, que deve ser exclusiva para alabasé, o que exige a sua presença diária no terreiro (AGUIAR, 2012, p. 168).

### 2.3. Principais Orixás do Candomblé cultuados no Brasil

“Quando se traduz o termo òrisà (orixá) de origem yorubá, que quer dizer “cabaça-cabeça” encontra-se no sentido desta palavra, fragmentos da grande complexidade que envolve o universo religioso de origem africana” (FERREIRA, 2011, p. 7). Reis (2005) explica que a base do Candomblé é o culto a entidades desprovidas de matéria e possuidoras de forças energizantes – orixás – que representam as quatro forças da natureza: ar, terra, fogo e água. Este mesmo autor diz que no Brasil existem diversos orixás a serem cultuados, podendo variar sua quantidade de acordo com a nação<sup>44</sup> predominante do terreiro. “O panteão iorubano na América é constituído de cerca de uma vintena de orixás e, tanto no Brasil como em Cuba, cada orixá, com poucas exceções, é celebrado em todo país” (PRANDI, 2001).

As histórias dos orixás nos chegam de diversas maneiras: através de seus mitos, das músicas entoadas nas festas e, principalmente, pelo que pude observar, de comentários muitas vezes prosaicos sobre aspectos de sua personalidade, especialmente em suas relações com outros orixás. Muitas vezes escutei comentários como “Eu gosto tanto de você, você só pode ser de tal santo”, ditos pelos filhos de um determinado santo que tem boas relações com o suposto santo da outra pessoa (FLAKSMAN, 2016, p. 17-18).

Carmo (2006) e Prandi (2001) corroboram aos explicar que cada pessoa possui um Eledá, ou seja, um Orixá de Cabeça<sup>45</sup> no Candomblé, sendo que o nome de tal orixá somente é possível se saber através do jogo de búzios feito por um babalorixá<sup>46</sup> ou yalorixá<sup>47</sup>. As lendas yorubás contam que os orixás são divindades espirituais que possuem domínios sobre as forças da natureza, mas que na época

<sup>44</sup>Dos muitos grupos de escravos vindo para o Brasil, 03 (três) categorias ou nações se destacaram: os negros Fons ou nação Jeje, os negros Yorubás ou nação Ketu e os negros bantos ou nação angola. Cada uma dessas 03 (três) nações tem dialeto e ritualística própria. Na nação Jeje os deuses são chamados de Voduns, na nação Ketu, de orixás e na nação de angola, de Inkices.

<sup>45</sup> Cada pessoa carrega dois orixás, o eledá (primeiro orixá ou orixá de cabeça) e o Juntó (segundo orixá) nos casos dos iniciados rodantes, este se apresenta depois da segunda obrigação que acontece no aniversário de três anos de iniciado.

<sup>46</sup>Sacerdote líder. Só pode chegar a essa posição depois de sete anos de ter sido feito no santo. O mesmo que Pai de Santo.

<sup>47</sup> Feminino de babalorixá.



em que o mundo foi criado eles possuíam existências físicas (BELLONI, 1994). Oliveira (2011, p. 88) afirma que:

São histórias de caçadores e agricultores, bruxas e feiticeiros, reis e princesas, de heróis, e narrativas míticas que envolvem a fundação das cidades. São também histórias de pequenas ou grandes disputas entre marido e mulher, histórias de amor e de morte, lendas de comunhão com os segredos da natureza e da terra.

Beniste (2012) diz que cada orixá possui suas próprias características e cada uma delas é externalizada através das danças, dos rituais e dos próprios materiais que envolvem toda a estrutura dentro do terreiro; chegando a representar, além dos quatro elementos fundamentais na construção do mundo, os três reinos – mineral, vegetal e animal – juntamente com os princípios de masculinidade e feminilidade.

### 2.3.1. Exú

O catolicismo empregou a Exú a figura do diabo, por ser uma criatura cheia de audácia e se apresentar com danças que remetem à sexualidade, porém o Candomblé diz que nada tem haver, já que este não está na oposição a Deus; é conhecido como o fiscalizador do terreiro, mas dificilmente se manifesta, chegando a servir aos participantes da casa de acordo como é agrado (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que este é considerado o Orixá mensageiro, pois possui a ligação Terra-Céu-Inferno, apesar de ser uma divindade considerada mentirosa. O mesmo autor ainda diz que os filhos dele são pessoas brincalhonas, inteligentes, mentirosas, com muito apego financeiro e, na maioria das vezes, não cumprem com suas dívidas relacionadas ao dinheiro. Oliveira (2011, p. 101), segundo as lendas africanas, conta que:

Nada existia além do ar. *Olorum*<sup>48</sup> era uma massa infinita de ar. Quando começou a se mover, a respirar, uma parte do ar transformou-se em massa de água, originando *Órinsànlá*. O ar e as águas moveram-se e uma parte transformou-se em lama, barro. Desse barro originou-se uma bolha, primeira matéria dotada de forma, avermelhada e lamacento. Olorum admirou esta forma e SOPROU, sobre ela, o seu hálito, dando-lhe vida. Nasceu, Olorum, Esu (Exu) o mensageiro, o proto-Exu, Esu-Yangi, o símbolo do elemento procriado. Exu é o resultado do hálito divino, o elemento-origem da vida. Exu, como o primeiro ser criado é o portador do Axé, a energia dinâmica.

---

<sup>48</sup>Olo = Senhor. Rum = o além, o céu.

Possui enquanto elemento de identificação a sua comunicação que, na maioria das vezes, é de fácil entendimento, tem enquanto símbolo um bastão com cabaças que representam seu sexo e um tridente de três ou sete pontas; suas contas<sup>49</sup> e roupas são pretas e vermelhas; é saudado pelo termo *Láaròyè Èsù!* Que significa o bem falante e comunicador; em suas oferendas há a utilização de farofa com dendê, inhame, aguardente, água, feijão, entre outros; e utiliza-se de folhas de bananeira, folha-da-fortuna, tiririca, carrapateira, unha-de-gato, mal-me-quer-bravo e picão-da-praia. O dia em que este Orixá é saudado é a segunda-feira de cada semana (BENISTE, 2012).

### 2.3.2. Ogum

É tido enquanto a divindade guerreira, detentor da sabedoria sobre a caça, o plantio e a produção de suas próprias ferramentas; em sua dança há movimentos que remetem à luta e abertura de novos caminhos nos matagais; possui sete nomes diferentes de acordo com os atributos que lhes são dados, sendo que esta é uma forma de referenciar sete vilarejos que haviam ao redor da cidade de *Irê* e foram derrotados e conquistados por Ogum (BENISTE, 2012). Sobre essa conquista e a concretização de Ogum enquanto Orixá, Verger (1997, p. 13) baseia-se em lendas e conta que:

Ogum continuou suas guerras. Durante uma delas, ele tomou Irê. Antigamente, esta cidade era formada por sete aldeias. Por isto chamam-no, ainda hoje, *Ogum mejejêlodêlrê*<sup>50</sup>(...) Ogum matou o rei Onirê e o substituiu pelo próprio filho, conservando para si o título de Rei. Ele é saudado como *Ogum Onirê*<sup>51</sup>(...) Entretanto, ele foi autorizado a usar apenas uma pequena coroa, "akorô". Daí ser chamado, também, de *Ogum Alakorô*<sup>52</sup>(...) Após instalar seu filho no trono de Irê, Ogum voltou a guerrear por muitos anos. Quando voltou a Irê, após longa ausência, ele não reconheceu o lugar. Por infelicidade, no dia de sua chegada, celebrava-se uma cerimônia, na qual todo mundo devia guardar silêncio completo. Ogum tinha fome e sede. Ele viu as jarras de vinho de palma, mas não sabia que elas estavam vazias. O silêncio geral pareceu-lhe sinal de desprezo. Ogum, cuja paciência é curta, encolerizou-se. Quebrou as jarras com golpes de espada e cortou a cabeça das pessoas. A cerimônia tendo acabado, apareceu, finalmente, o filho de Ogum e ofereceu-lhe seus pratos prediletos: caracóis e feijão, regados com dendê; tudo acompanhado de muito vinho de palma. (...) Ogum, arrependido e calmo, lamentou seus atos de violência, e

<sup>49</sup> Cordão feito geralmente de miçangas que é utilizado pelos filhos do orixá para serem identificados como tal.

<sup>50</sup> "Ogum das sete partes de Irê".

<sup>51</sup> "Ogum Rei de Irê".

<sup>52</sup> "Ogum, dono da pequena coroa".

disse que já vivera bastante, que viera agora o tempo de repousar. Ele baixou, então, sua espada e desapareceu sob a terra. Ogum tomara-se um orixá

Suas contas e roupas são verde e azul-rei; usa duas tiras de pano cruzadas sobre o peito, uma na cintura e uma no calção<sup>53</sup>; tem enquanto saudações *Ògúnye!* *Ògúnque* significa “é vida” e *Pàtak’ori* que significa “é importante”; em suas oferendas encontra-se inhame, milho, trigo e outros alimentos; utiliza-se de folhas de aroeira, nativo, cajazeiras, vassourinha e cipó chumbo (BENISTE, 2012). Silva Júnior (2015) diz que os filhos de Ogum no Candomblé são conhecidos por não levar desaforo para casa, são briguentos e se ofendem com facilidade, por isso recebem a fama de serem grosseiros o dia dedicado a Ogum é a terça-feira.

### 2.3.2. Oxóssi

É tido enquanto a divindade da caça; teve seu culto desaparecido na África com a destruição da cidade Kétu, mas foi preservado no Brasil; é tido enquanto um Orixá Real, porém não usa coroa; é o guardião das terras e matas e ao dançar imita a utilização do arco e flecha com a ponta dos dedos; especificamente no Candomblé, possui bissexualidade e vive seis meses nas matas caçando e seis meses nos rios pescando (BENISTE, 2012). Prandi (2001, p. 116) transcreve uma das lendas deste orixá da seguinte forma:

Um certo dia, Orumilá precisava de um pássaro raro para fazer um feitiço de Oxum. Ogum e Oxóssi saíram em busca da ave pela mata adentro, nada encontrando por dias seguidos. Uma manhã, porém, restando-lhes apenas um dia para o feitiço, Oxóssi deparou com a ave e percebeu que só lhe restava uma única flecha. Mirou com precisão e a atingiu. Quando voltou para a aldeia, Orumilá estava encantado e agradecido com o feito do filho, sua determinação e coragem. Ofereceu-lhe a cidade de Queto para governar até sua morte, fazendo dele o orixá da caça e das florestas.

O dia da semana dedicado às suas saudações é a quinta-feira. Suas contas e roupas utilizam-se das cores verde-claro e azul-claro; é saudado com o termo *Oke Aro!* Que referência a um lugar especial ocupada pelos moradores de Kétu antes da fundação desta cidade; em suas oferendas há milho cozido com coco e inhame; lida

<sup>53</sup> Espécie de calça utilizada dentro dos terreiros.

com folhas de bredo, capeba, pega-pinto, betis cheiroso, carrapicho e nativo. (BENISTE, 2012).

#### 2.3.4. Ossaim

É o detentor das ervas litúrgicas e medicinais, tendo nas mãos o poder da natureza; acredita-se que cada orixá possui poder sobre determinadas folhas, mas somente Ossaim tem esse poder sobre todas elas; sua representação material é uma árvore alta esculpida em ferro com um pássaro em cima; em sua dança pula com uma perna só representando as árvores; sua importância na casa de candomblé é tão grande que na maioria dos rituais<sup>54</sup> faz-se necessário a utilização de folhas, cada uma sendo específica para determinado fim (BENISTE, 2012). Verger (1997, p. 21) apresenta a lenda de que:

Ossain recebera de Olodumaré o segredo das folhas. Ele sabia que algumas delas traziam a calma ou o vigor. Outras, a sorte, as glórias, as honras, ou, ainda, a miséria, as doenças e os acidentes. Os outros orixás não tinham poder sobre nenhuma planta. Eles dependiam de Ossain para manter a saúde ou para o sucesso de suas iniciativas. Xangô, cujo temperamento é impaciente, guerreiro e imperioso, irritado com esta desvantagem, usou de um ardil para tentar usurpar, de Ossain, a propriedade das folhas. Falou do plano à sua esposa Iansã, a senhora dos ventos. Explicou-lhe que, em certos dias, Ossain pendurava, num galho de *Iroko*, uma cabaça contendo suas folhas mais poderosas. "Desencadeie uma tempestade bem forte num desses dias", disse-lhe Xangô. Iansã aceitou a missão com muito gosto. O vento soprou a grandes rajadas, levando o telhado das casas, arrancando as árvores, quebrando tudo por onde passava e, o fim desejado, soltando a cabaça do galho onde estava pendurada. A cabaça rolou para longe e todas as folhas voaram. Os orixás se apoderaram de todas. Cada um tomou-se dono de algumas delas, mas Ossain permaneceu senhor do segredo de suas virtudes e das palavras que devem ser pronunciadas para provocar sua ação. E, assim, continuou a reinar sobre as plantas, como senhor absoluto. Graças ao poder (axé) que possui sobre elas.

Suas contas e roupas são branco rajado de verde, amarelo e marrom; recebe sua saudação através de *Ewê o asà!* Que significa que as folhas me ajudem, me protejam; em suas oferendas encontra-se milho vermelho, feijão e arroz; e utiliza-se das folhas de erva-tostão, peregun verde, chapéu-de-couro, trevo e manjerona (BENISTE, 2012). O dia que lhe é dedicado é a quinta-feira.

---

<sup>54</sup> Como por exemplo, nos banhos de limpeza corporal e espiritual, na iniciação do filho de santo e na construção dos colares de contas.

### 2.3.5. Oxumarê

É visto através da serpente e representado pelo arco-íris, simbolizando a união entre o céu e a terra; durante as danças, este orixá carrega duas cobras feitas de metal nas mãos; “(...) dirige as forças que produzem o movimento, e representa o princípio da continuidade, da mobilidade e da riqueza (...)” (BENISTE, 2012, p. 115). Este mesmo autor complementa sua descrição afirmando que este orixá apresenta-se em sete formas diferentes representando as cores do arco-íris, assim como não possui sexo definido.

Silva Júnior (2015) diz que os filhos deste orixá são vaidosos e adoram viver no luxo. Castro (2012, p. 3), baseado nas lendas desta divindade, conta que:

Oxumarê vivia duramente explorado por Olofin, o rei de Ifé, seu principal cliente. Olofin consultava a sorte de quatro em quatro dias, mas o rei remunerava seus serviços com extrema parcimônia e Oxumarê vivia em estado de quase penúria. Oxumarê fora chamado por Olokum, um rei de um reino vizinho, cujo filho estava muito doente e não conseguia manter-se de pé, tinha crises, e de acordo com a lenda, nestes momentos rolava sobre as cinzas ardentes do fogareiro. Oxumarê curou a criança e voltou ao Ifé repleto de presentes, vestido com riquíssima vestimenta do mais belo azul. Olofin, espantado por esse repentino esplendor e lastimando sua avareza passada, rivalizou em generosidade com Olokum, dando também a Oxumarê presentes e oferecendo uma roupa de uma bela cor vermelha. Oxumarê tornou-se rico e respeitado.

Suas contas são verde rajado de amarelo e amarelo rajado de preto; já suas roupas recebem tonalidades de azul, verde-claro e branco; sua saudação é *Ahogboboyi*; nas oferendas encontra-se feijão-fradinho com ovos cortados, milho branco, inhame, coco e mel; utilizando-se das folhas de taioba, chapéu-de-couro, saião, mutamba e parietária (BENISTE, 2012). O dia reservado às suas oferendas é a quinta-feira.

### 2.3.6. Omolu

Também chamado de *Obalúwáiyé*<sup>55</sup> é considerado o dono da terra e está diretamente ligado às doenças que provocam febre, por isso não se pronuncia seu nome sem uma real necessidade; acredita-se que ao dançar e passar por todo o salão do terreiro, este orixá está recolhendo as enfermidades que ali estão

---

<sup>55</sup> Fala-se “Obaluaê”.

presentes, da mesma forma que ao abraçá-lo este deve ser um ato delicado por possuir muitas feridas abertas ao longo do corpo (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que durante sua adolescência foi colocado para fora de casa por sua mãe, Nanã, e precisou se prostituir para sobreviver; desse modo adquiriu todas as doenças sexualmente transmissíveis. O mesmo autor afirma que antes de morrer, porém muito doente, foi acolhido e cuidado por Iemanjá, sendo este o motivo desta divindade também proteger os filhos de Iemanjá no Candomblé. Prandi (2001, p. 204), baseado numa lenda, conta que:

Obaluaê era um menino muito desobediente. Um dia, ele estava brincando perto de um belo jardim repleto de pequenas flores brancas. Sua mãe lhe havia dito que não deveria pisar nas flores, mas Obaluaê desobedeceu à sua mãe e pisou nas flores de propósito. Ela não disse nada, mas quando Obaluaê deu-se conta estava ficando com o corpo todo coberto por pequenas flores brancas, que foram se transformando em pústulas, bolhas horríveis. Obaluaê ficou com muito medo. Gritava pedindo à sua mãe que o livrasse daquela peste, a varíola. A mãe de Obaluaê lhe disse que aquilo acontecera como castigo porque ele havia sido desobediente, mas ela iria ajudá-lo. Ela pegou um punhado de pipocas e jogou no corpo dele e, como por encanto, as feridas foram desaparecendo. Obaluaê saiu do jardim tão bom quanto havia entrado.

As contas que são atribuídas a este orixá são nas cores preta, e branca; a vestimenta de *Omólú/Obaluaê* é feita de *iko*<sup>56</sup>, elemento de grande significado ritualístico, principalmente em ritos ligados a morte e o sobrenatural, sua presença indica que algo deve ficar oculto; a saudação que é dada a ele é *Atóto!*, significando silêncio; em suas oferendas encontra-se pipoca, feijão-preto e camarão; é possuidor das folhas de alfavaquinha, cana-do-brejo, raiz santa, mamona, erva parasitas, gervão e urtiga (BENISTE, 2012). O dia dedicado a este Orixá é a segunda-feira.

### 2.3.7. Nanã

Esta é a divindade feminina mais velha, sendo representada pela lama e lodo dos pântanos; tem enquanto elemento identificador a fertilidade; sua dança acontece com movimentos lentos, o que caracteriza uma pessoa idosa e sempre carrega talos de dendezeiro como se fosse uma criança, pois se acredita que ao morrer, qualquer pessoa volta ao ventre de Nanã (BENISTE, 2012). Silva Júnior (2015, p. 52) identifica

<sup>56</sup>É uma fibra de ráfia extraída do Igí-Ògòrò, a palha da costa

esta divindade enquanto sendo uma “velha rabugenta” que está diretamente ligada aos mortos e cemitérios.

Conta-se que Nanã teve dois filhos. Oxumarê era o filho belo e Omulu, o filho feio. Nanã tinha pena do filho feio e cobriu Omulu com palhas, para que ninguém o visse e para que ninguém zombasse dele. Mas Oxumarê era belo, tinha a beleza do homem e tinha a beleza da mulher. Tinha a beleza de todas as cores. Nanã o levantou bem alto no céu para que todos admirassem sua beleza. Pregou o filho no céu com todas as suas cores e o deixou lá para encantar a Terra para sempre. E lá ficou Oxumarê, à vista de todos. Pode ser admirado em seu esplendor de cores, sempre que a chuva traz o arco-íris (PRANDI, 2001, p. 197).

É reverenciada na segunda-feira, suas contas são azul, branco e vermelho; as roupas são brancas; sua saudação é *Saluba!*; Suas oferendas são feitas com pipoca, feijão, arroz, mel e inhame; carrega as folhas de cipreste, manacá, golfo redondo, taioba, capeba, jarrinha e cana-do-brejo (BENISTE, 2012).

### 2.3.8. Iemanjá

Essa é uma divindade que está ligada as águas salgadas e considerada mãe<sup>57</sup> de alguns orixás; durante suas danças é imitado o movimento das ondas do mar com os braços e ombros; sempre é homenageada nas festas *Àyaba*<sup>58</sup>; tem sua popularidade tão grande que, na Europa, todos os rituais que saldam o mar são dedicados a ela (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que as filhas de Iemanjá são ótimas donas de casa e sabem governar o lar como nenhuma outra pessoa, além de serem educadas por natureza. Segundo Verger (1997, p. 47-48), a lenda conta que:

Iemanjá era a filha de Olokum, a deusa do mar. Em Ifé, ela tornou-se a esposa de Olofin-Odudua, com o qual teve dez filhos. Estas crianças receberam nomes simbólicos e todos tomaram-se orixás. (...) De tanto amamentar seus filhos, os seios de Iemanjá tornaram-se imensos. Cansada da sua estadia em Ifé, Iemanjá fugiu na direção do "entardecer-da-terra", como os iorubas designam o Oeste, chegando a Abeokutá. Ao norte de Abeokutá, vivia Okere, rei de Xaki. Iemanjá continuava muito bonita. Okere desejou-a e propôs-lhe casamento. Iemanjá aceitou mas, impondo uma condição, disse-lhe: "Jamais você ridicularizará da imensidão dos meus seios." Okere, gentil e polido, tratava Iemanjá com consideração e respeito.

<sup>57</sup> “Os conceitos de filhos, irmãos e pais, usados para alguns *Òrisà*, nem sempre são vistos como partes biológicas, mas sim como portadores de identidades harmoniosas entre si, ou conceito de importância” (BENISTE, 2012, p. 122).

<sup>58</sup> As rainhas do Candomblé.

Mas, um dia, ele bebeu vinho de palma em excesso. Voltou para casa bêbado e titubeante. (...) Tropeçando em lemanjá, esta chamou-o de bêbado e imprestável. Okere, vexado, gritou: "Você, com seus seios compridos e balançantes! Você, com seus seios grandes e trêmulos!" lemanjá, ofendida, fugiu em disparada. Certa vez, antes do seu primeiro casamento, lemanjá recebera de sua mãe, Olokum, uma garrafa contendo uma poção mágica pois, dissera-lhe esta: "Nunca se sabe o que pode acontecer amanhã. Em caso de necessidade, quebre a garrafa, jogando-a no chão." Em sua fuga, lemanjá tropeçou e caiu. A garrafa quebrou-se e dela nasceu um rio. As águas tumultuadas deste rio levaram lemanjá em direção ao oceano, residência de sua mãe Olokum.

Seu dia da semana é o sábado, suas contas e roupas ganham as cores branca, verde ou azul-claro, sendo que as contas ainda podem transparentes; sua saudação é *Odòfé'yaba*, significando que as águas amam sua rainha; suas oferendas podem ser feitas com milho branco, peixe, arroz e camarão com coco; possui dominação sobre as folhas de rama-de-leite, alfavaca, catinga-de-mulata, bredo-sem-espinho e olhos de Sta. Luzia (BENISTE, 2012).

### 2.3.9. Oxum

É considerada uma orixá da fertilidade por ser rainha das fontes, rios e lagos que fertilizam o solo; quando incorporada utiliza-se de pulseiras que imitam o som dos movimentos das águas doces enquanto dança; gosta de pedras preciosas que surgem do solo que suas águas fertiliza; "é ela quem toma conta do sangue menstrual, da gestação e das crianças até aprenderem a falar" (BENISTE, 2012, p. 125).

Silva Júnior (2015) diz que os filhos desta divindade são tão vaidosos quanto ela e não saem de casa se não estiverem tão bem arrumado quanto querem, o que se aplica à todas as ocasiões. Verger (1997, p. 42) conta que:

Olowu, o rei de Owu, ia para a guerra seguido de seu exército. Por infelicidade, tinha que atravessar o rio num dia em que este estava enfurecido. Olowu fez a Oxum uma promessa solene, entretanto, mal formulada. Ele declarou: "Se você baixar o nível de suas águas, para que eu possa atravessar e seguir para a guerra, e se eu voltar vencedor, prometo a você *nkanrere*", isto é, boas coisas. Oxum compreendeu que ele falava de sua mulher, Nkan, filha do rei de Ibadan. Ela baixou o nível das águas e Olowu continuou sua expedição. Quando ele voltou, algum tempo depois, vitorioso e com um espólio considerável, novamente encontrou Oxum com o humor perturbado. O rio estava turbulento e com suas águas agitadas. Olowu mandou jogar sobre as vagas toda sorte de boas coisas, as *nkanrere* prometidas: tecidos, búzios, bois, galinhas e escravos; mel de abelhas e pratos de *mulukun*<sup>59</sup>(...)Mas Oxum devolveu todas estas coisas boas sobre

<sup>59</sup>Iguaria onde se misturam suavemente cebola, feijão fradinho, sal e camarões.



as margens. Era Nkan, a mulher de Olowu, que ela exigia. Olowu foi obrigado a submeter-se e jogar a sua mulher nas águas. Nkan estava grávida e a criança nasceu no fundo do rio. Oxum, escrupulosamente, devolveu o recém-nascido dizendo: "É Nkan que me foi solenemente prometida e não a criança. Tome-a!" As águas baixaram e Olowu voltou tristemente para sua terra.

O dia da semana reservado a esta divindade é o sábado, suas contas são amarelas e suas roupas, além desta cor, recebem o azul e o rosa em tons claros; é saudada com o termo *Òreyeyeo!* Que significa mãe da bondade; em suas oferendas pode ser colocado feijão fradinho, camarão, inhame, ovos e xinxim; possui as folhas de saião, oripepe, mal-me-quer, breo, colônia, negamina e margaridinha (BENISTE, 2012).

### 2.3.10. Iansã

Resguarda as tempestades e os ventos além de estar totalmente ligada às questões que envolvem os *Eguns*<sup>60</sup>, por este motivo é a única divindade que está presente no ritual chamado de *Àsèsè*<sup>61</sup>; é conhecida por ser guerreira e conseguir tudo o que deseja; também pode ser chamada pelo nome de *Oya* ou *Oya-Iansã* (BENISTE, 2012). Prandi (2001, p. 302) descreve numa lenda esta divindade dizendo que:

Oiá foi aconselhada a prosseguir sua jornada ao lado de seu marido Xangô. Enquanto amasse esse homem, não deveria retornar a Irá, sua terra natal, onde vivia sua família. Dividida sentimentalmente, Oiá não seguiu as recomendações e voltou a Irá. Um dia recebeu a notícia da morte de Xangô. Sentindo grande tristeza pelo ocorrido, usou seus poderes sobrenaturais e transformou-se num rio, *OdôOiá*, o rio Niger.

Seu dia é a quarta-feira, suas contas possuem as cores vermelhas e coral, enquanto suas roupas podem variar entre vermelho, rosa-claro e branco, utilizando-se ainda de uma cobertura no rosto feita de miçangas, denominada de *Adé*; é saudada através do termo *Èpàheyi!*; Facilmente encontra-se feijão fradinho em suas oferendas e é possuidora das folhas de pega-pinto, erva-tostão, alfavaca, espada-de-santa-bárbara, língua de vaca, brada mundo e dormideira (BENISTE, 2012).

---

<sup>60</sup> "Alma de pessoa morta"

<sup>61</sup> Lê-se Axêxê. É um ritual fúnebre praticado no Candomblé.

### 2.3.11. Xangô

Este orixá representa a realeza e a justiça, é guerreiro e audacioso, além de dominar os raios e trovões; em sua dança há a simbolização da queda de um raio que chega a se transformar em pedra; geralmente suas ferramentas são feitas de madeira; é uma divindade que não tolera os mortos, chegando a desafiá-los (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que os filhos de Xangô não conseguem se dar bem com os filhos de Exú, já que um Orixá representa a justiça e não tolera mentiras enquanto o outro é considerado mentiroso e traiçoeiro. Uma das lendas deste orixá, segundo Verger (1997, p. 35) conta que:

Quando Xangô tomou-se rei de Kossô, ele pôs-se à obra. Contrariamente ao que as pessoas desconfiavam e temiam, Xangô fazia as coisas com alma e dignidade. Ele realizava trabalhos úteis à comunidade. Mas esta vida calma não convinha a Xangô. Ele adorava as viagens e as aventuras. Assim, partiu novamente e chegou à cidade de Irê, onde morava Ogum. (...) Ogum estava casado com Iansã, senhora dos ventos e das tempestades. Ela ajudava Ogum em suas atividades. Toda manhã, Iansã o acompanhava à forja e o ajudava, carregando suas ferramentas. Era ela, ainda, que acionava os sopradores para atizar o fogo. (...) Xangô gostava de sentar-se ao lado da forja para ver Ogum trabalhar. Vez por outra, ele olhava para Iansã. Iansã, também, espiava furtivamente Xangô. Xangô era vaidoso e cuidava muito da sua aparência, a ponto de trançar seus cabelos como os de uma mulher. Ele fizera furos nos lobos de suas orelhas, onde pendurava argolas. Usava braceletes e colares de contas vermelhas e brancas. (...) Muito impressionada pela distinção e pelo brilho de Xangô, Iansã fugiu com ele e tomou-se sua primeira mulher.

É referenciado nas quartas-feiras, suas contas possuem miçangas alternadas com as cores vermelho e branco, assim como suas roupas recebem essas mesmas tonalidades, utilizando-se ainda de uma coroa de latão para indicar sua realeza; para saudá-lo utiliza-se de uma mesma saudação que os reis yorubás recebem na África: *Kawòó Kábíyèsi*; é comum utilizar quiabo com camarão seco em suas oferendas e folhas de rama de leite, erva-tostão, taioba, bilreiro, mutamba, puitoco, negamina, folha de fogo e manjerona (BENISTE, 2012).

### 2.3.12. Ewá

É a divindade que nunca dorme, por isso está associada ao poder da visão; é guerreira e representada por uma cobra de metal em cima de seu *Òkúta*<sup>62</sup>, esta divindade é tida enquanto o lado feminino de Oxumaré em algumas histórias, noutras é colocada enquanto esposa deste orixá; é vista como a cor branca no arco-íris e possui rituais complexos, o que faz com que algumas pessoas deem suas obrigações para Oxum e lancem na representação de estar agradando a esta divindade (BENISTE, 2012). Prandi (2001, p. 236) refere-se a uma lenda de Euá que a relaciona com Oxumaré ao contar que:

Euá andava pelo mundo procurando um lugar para viver. Euá viajou até a cabeceira dos rios e aí junto às fontes e nascentes escolheu sua morada. Entre as águas Euá foi surpreendida pelo encanto e maravilha do Arco-íris. E dele Euá loucamente se enamorou. Era Oxumarê que a encantava. Euá casou-se com Oxumarê e a partir daí vive com o Arco-íris, compartilhando com ele os segredos do universo.

Seu dia é o sábado, suas contas são vermelhas e amarelas, enquanto suas roupas podem variar entre tonalidades claras; ao saudá-la fala-se *Hiho!*; Em suas oferendas encontra-se canjica branca, pudim de inhame, feijão fradinho e milho; e ainda é possuidora das folhas de cana do brejo, taioba, bredo, colônia, mutamba e erva de Santa Luzia (BENISTE, 2012).

### **2.3.13. Obá**

É possuidora de um rio com o seu mesmo nome que ao encontrar-se com as águas do Rio Oxum agitam-se estranhamente ao ponto de oferecer uma sensação de guerrilha; esta é uma divindade guerreira que se utiliza de espada, arco e flecha de cobre, além de um pequeno escudo que esconde uma orelha que cortou ao ser enganada por Oxum (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que as filhas desta divindade são mulheres bonitas e de bom coração, mas que não possuem personalidade. A mais famosa lenda desta divindade apresenta está sua história dizendo que:

(...) é uma das esposas de Xangô, conta o mito que Obá e Oxún disputavam Xangô, Obá teria ido à casa de Oxún e deparou-se com ela preparando uma sopa para Xangô. Oxún enganou Obá dizendo que na

---

<sup>62</sup> Pedra utilizada para colocar a essência dos orixás, cada assentamento deve conter obrigatoriamente um.

sopa colocaria sua própria orelha para oferecer a Xangô e assim ter seu amor eternamente, Obá saiu da casa de Oxún e foi preparar o mesmo prato e nele colocou sua própria orelha, quando Obá ofereceu o prato a Xangô ele a repudiou. Até hoje quando Obá baixa ela dança com a mão cobrindo sua orelha direita (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 53).

É homenageada aos sábados, suas contas são nas cores amarelo e vermelho, tendo suas roupas em tonalidades claras e utilizando-se de um laço na cintura; é saudada pelo termo *Obà sí!*; em suas oferendas há *àmàlà*<sup>63</sup> e é detentora das folhas de erva-tostão, nativo, negamina, língua de vaca e manjerona (BENISTE, 2012).

### 2.3.14. Oxalá

Também recebe o nome de Obatalá, Orixanlá e Oxalufã, é a maior divindade na hierarquia dos orixás, pois é o criador do mundo e dos seres humanos, onde todos se curvam diante dele; pode assumir a postura de um orixá mais velho ou mais jovem, o que passa a depender de sua qualidade<sup>64</sup>; ao incorporar no terreiro, todos os outros orixás também incorporam para saudá-lo em forma de respeito (BENISTE, 2012).

Silva Júnior (2015) diz que seus filhos são calmos e de fácil convívio no dia-a-dia. Através de transmissão de lendas, Prandi (2001, p. 502) conta que:

No começo, o mundo era todo pantanoso e cheio d'água, um lugar inóspito, sem nenhuma serventia. Acima dele havia o Céu, onde viviam Olorum e todos os orixás (...) Um dia Olorum chamou à sua presença Orixanlá, o Grande Orixá. Disse-lhe que queria criar terra firme lá embaixo e pediu-lhe que realizasse tal tarefa. Para a missão, deu-lhe uma concha marinha com terra, uma pomba e uma galinha com pés de cinco dedos. Orixanlá desceu ao pântano e depositou a terra da concha. Sobre a terra pôs a pomba e a galinha e ambas começaram a ciscar. Foram assim espalhando a terra que viera na concha até que a terra firme se formou por toda parte.

Seu dia é a sexta-feira, suas contas e roupas possuem a cor branca; é saudado pela frase *E se ebàbá; Epàbàbá!*; em suas oferendas encontra-se canjica, arroz, inhame, feijão fradinho, mel e vinho branco doce; é detentor das folhas de alecrim, algodão, fumo, café, malva branca, palmas, saião, manjerição, boldo, malva e taioca (BENISTE, 2012).

<sup>63</sup> Caruru feito de quiabos com farinha de arroz ou mandioca.

<sup>64</sup> Identificação das formas que são tomadas pelos orixás.

## **CAPÍTULO III: A Casa de Candomblé *Ylé Axé Runtò Rumbôci* em Cajazeiras – PB**

### **3.1. Construção e implantação do Candomblé no *Ylé Axé Runtò Rumbôci* em Cajazeiras – PB**

Para conseguir se compreender a cultura instalada em determinado espaço e sua formação histórica, faz-se importante que se possua determinada noção sobre seu posicionamento geográfico em relação ao mundo, pois as formas de organização das pessoas são – em geral – influenciadas pelo meio no qual estas são inseridas e pelos costumes os quais lhes são apresentados. Segundo o IBGE (2011), Cajazeiras está localizada na mesorregião do sertão do Estado e na microrregião que recebe o mesmo nome. Esta cidade recebeu este nome por nascer através de um sítio que possuía várias cajazeiras<sup>65</sup>. Está localizada às margens da BR 230, numa média de 500km de distância da capital estadual, possuindo uma área média de 567,5km<sup>2</sup>. Possui enquanto limites territoriais Cachoeira dos Índios e Bom Jesus a oeste; São José de Piranhas ao sul; Santa Helena ao norte; São João do Rio do Peixe em parte do norte e leste; e Nazarezinho a sudeste.

Pouco material há sobre a história do Candomblé em Cajazeiras, e este material se resume ainda mais no momento em que o estudioso se detém ao *Ylé Axé Runtò Rumbôci*, porém esta não é uma questão que chega a limitar o trabalho de pesquisa, já que o Zelador Jackson Ricarte se disponibiliza a repassar as informações que acredita ser interessante sobre o tema, assim como responde os questionamentos para que toda a curiosidade acerca do assunto seja saciada. Desse modo, obter-se-á um estudo mais pautado nas memórias do Babalórìsà, porém não implica dizer que passa a ter menos importância ou credibilidade.

---

<sup>65</sup> Árvore que dá enquanto fruto o cajá.

Freitas, Medeiros, Silva e Silva Neto (2013) afirmam que o título de primeiro babalorixá da Paraíba foi dado à Jackson em 2006, mas no período de sua chegada à cidade de Cajazeiras havia apenas casas que cultuavam a umbanda, além de cartomantes e rezadeiras. Estes mesmo autores afirmam que em 2013 havia seis casas de Candomblé em Cajazeiras, porém somente duas<sup>66</sup> delas eram registradas pela Federação de Cultos Africanos, o que não implica dizer que as outras quatro não atendam ao público e sigam as tradições vindas da África.

Silva Júnior (2015), numa pesquisa efetuada também dentro do *Ylé Axé Runtó Rumbôci* e que chegou a ser solidificada enquanto seu Trabalho de Conclusão de Curso, diz que o *Ylé Axé Runtó Rumbôci* está inserido na Nação Ketu e recebe seu nome na língua Jeje; esta é a Casa de Candomblé ativa mais velha no estado da Paraíba, sendo aberta no ano de 1974<sup>67</sup>. Freitas, Medeiros, Silva e Silva Neto (2013, p. 218) entram em conflito com tais dados ao contar que:

A história do Candomblé de Ketu na Paraíba confunde-se com a chegada de Jackson a Cajazeiras, em 1974. Este babalorixá chegava ao Sertão Paraibano para resolver um problema de uma pessoa. O trabalho duraria aproximadamente 08 dias e depois disso ele certamente voltaria ao Rio de Janeiro, cidade onde residia e trabalhava. (...), no entanto, Jackson aqui foi ficando e até os dias atuais já se transcorreram 37 anos de uma história dedicada exclusivamente ao Candomblé e a sociedade cajazeirense e paraibana.

Pai Jackson Ricarte esclareceu, através de entrevista<sup>68</sup>, que está inserido na nação Ketu, que segundo Barros (2009) busca preservar as tradições religiosas que eram cultuadas na antiga cidade Ketu, hoje nomeada como Benin. Porém a Casa Espiritual recebe seu nome na língua Jeje porque o Zelador possui raízes vindas desta nação.

Freitas, Medeiros, Silva e Silva Neto (2013) contam que, em entrevista com o babalorixá, foram informados que Jackson Ricarte foi feito no Candomblé aos 12 anos de idade e adentrou a esta religião após procurá-la por problemas de saúde. Era portador de uma enfermidade (epilepsia) e buscou a religião como uma saída, já que a medicina dizia que não havia nada que pudesse ser feito. Ao ser curado através da espiritualidade, passou a dedicar-se unicamente à religião, chegando a tornar-se Babalórìsà aos 19 anos de idade, em 1970.

<sup>66</sup> A casa do Babalorixá Jackson e a casa do Babalorixá Valdemir.

<sup>67</sup> Registrada em documento somente dois anos após, mais precisamente em 1976.

<sup>68</sup> Entrevista cedida no dia 21 de março de 2017, as 16 horas, no *Ylé Axé Runtó Rumbôci*.

Silva Júnior (2015) diz que os participantes do terreiro no qual Jackson é zelador aprendem sobre os Orixás que governam suas cabeças e sobre os outros, tendo sempre o respeito sobre essas divindades enquanto o principal fundamento. São fomentados a alimentá-los em seus dias específicos<sup>69</sup>, seguindo assim as tradições que são passadas há anos, pois:

Segundo o Candomblé (os Orixás) interferem na nossa vida cotidiana e, portanto, nossa vida em paz e segurança depende de estar vivendo de acordo com os preceitos da religião e oferecendo pequenos presentes ao Orixá que preside a vida do indivíduo. (CARMO, 2006, p.33).

Na entrevista dada a Freitas, Medeiros, Silva e Silva Neto (2013), Jackson afirma nunca ter sofrido preconceito com sua religião e ter frequentadores de diferentes classes sociais em seu *Ylé Axé* instalado em Cajazeiras, chegando a atender pessoas que moram até mesmo nos Estados Unidos da América, Japão, Europa e Venezuela. O que faz com que se perceba que este centro religioso conseguiu realmente solidificar-se e ser visto enquanto um espaço que merece respeito, tanto por participantes do Candomblé, quanto por frequentadores, como também pela sociedade cajazeirense em geral. Buscaram-se fontes de jornais e revistas locais que pudessem expor a abertura da Casa, porém não foram encontrados registros.

### **3.2. Administração e organização do Candomblé no *Ylé Axé Runtó Rumbôci* em Cajazeiras – PB**

Silva Júnior (2015), em sua pesquisa, explica que no barracão de Pai Jackson Ricarte há oficinas que ensinam aos filhos como cuidar de seus Orixás e a particularidade de cada um deles. Em entrevista, o zelador declarou que:

Temos oficinas que é a mesma coisa de aulas, mas quando não tinha as oficinas ensinávamos conversando, respondendo perguntas e estimulando perguntas, mas existem respostas que os iniciados não podem saber, pois tudo na vida tem sua época, assim um iniciado não pode saber a mesma coisa de uma pessoa de três anos (em Candomblé), pode até saber, mas não pode executar, não é proibido de ninguém aprender, esse tempo é pra

---

<sup>69</sup> Cada Orixá é detentor de um dia específico da semana. Sendo a segunda-feira destinada à Exú, Omolu, Nanã e Irôko. A terça-feira é o dia de Ogum. Quarta-feira se saúda Xangô e Oyà. Na quinta-feira as homenagens são para Oxóssi, Logun Edé, Oxumaré e Ossaim. A sexta-feira é o dia de Oxalá; enquanto no sábado se homenageiam Oxum, Yemanjá, Obá e Ewá, e no domingo Ibêjí.

saber se aquela pessoa tem condição espiritual para ser zelador ou se pode ficar com um cargo (SILVA JÚNIOR, 2015, p. 70).

Freitas, Medeiros, Silva e Silva Neto (2013), também em entrevista com o Pai de Santo Jackson Ricarte, verificaram que as comidas que são utilizadas nos momentos festivos são distribuídas a todos os presentes no momento da realização da festa, sendo que não há distinção sobre cargos ou participação dentro da religião, onde todos possuem acesso ao mesmo tipo de alimento. Ao mesmo tempo descobriu-se que a forma de organizar a distribuição pode chegar a variar em cada terreiro, sendo que no *Ylé Axé Runtó Rumbôci* inicia-se a distribuição pelos visitantes e somente depois aos participantes da religião, sendo que neste segundo caso respeitam-se as hierarquias e aqueles que possuem cargos ou maior tempo na prática da religião recebem as refeições por primeiro.

Nesse quesito voltado à alimentação, Aguiar (2014) explica que a distribuição iniciada pelos visitantes deve significar respeito àquele que não faz parte da religião de forma efetiva, mas que ao mesmo tempo a admira e acredita – em determinado ponto de vista – no que é apresentado pela mesma, ao mesmo tempo em que essa distribuição sendo feita pelos filhos da Casa demonstra a eficiência daquele filho em relação ao seu próprio Orixá e ao Orixá dono da festa – caso não seja o seu regente espiritual.

É importante ressaltar que a comida não está presente apenas na festa, mas sim, em todos os rituais do candomblé. Pode ser considerado algo vital para a religião, ou seja, não existe candomblé sem comida, não existe comida ritual sem a festa que caracteriza o candomblé como relação direta entre deuses e homens e suas ancestralidades. Desta forma, em todo o processo de mediação entre o iniciado e o orixá está presente a oferenda, que é composta por alimentos que são definidos de acordo com as características dos orixás (AGUIAR, 2014, p. 3).

Ainda em entrevista, Pai Jackson Ricarte declarou que a carne dos bichos da matança – quando não utilizada nas refeições durante as festividades – são distribuídas às pessoas de comunidades carentes na cidade, assim como as roupas utilizadas em ebós – referentes a trabalhos voltados para o amor, a saúde, aos negócios, à política, etc. – e que não podem mais ser vestidas pelos seus donos originais (FREITAS, MEDEIROS, SILVA & SILVA NETO, 2013).

O principal culto na Casa de Candomblé é a feitura do Orixá, onde o filho de santo torna-se realmente “do santo”, mas para tal é necessário que se tenha a



autorização deste mesmo Orixá que confirma ou não se o está na hora da ingressão do mesmo, através do jogo de búzios.(CARMO, 2006).No *Ylé Axé Runtó Rumbôci* essa questão não é diferente, e vem acompanhada – assim como em outras casas – por resguardos referentes à ingestão de bebidas alcoólicas, a prática do sexo, a alimentação de determinadas comidas e, após todo o ritual de feitura, a não mais alimentação de carne de carneiro (FREITAS, MEDEIROS, SILVA & SILVA NETO, 2013).

O atendimento ao público ocorre todos os dias no *Ylé Axé Runtó Rumbôci*, com exceção somente das sextas-feiras, pois é tido enquanto sendo o dia sagrado de Oxalá, sendo reservado para momentos voltados ao descanso e às orações, que são definidos pelo responsável pelo ilê. Normalmente para o dia reservados às orações, ou se escolhe o dia do orixá patrono<sup>70</sup>, ou o dia do da divindade padroeira<sup>71</sup>. Nesta casa, os filhos continuam tendo as obrigações enquanto vivos estiverem, sendo que depois de sua obrigação de 21 anos, só se faz necessário a oferenda de comidas secas para seu orixá e pessoas com idade avançada, podem se resguardar em relação aos trabalhos manuais e festivos, já que muitos rituais chegam a exigir esforço físico.

### **3.3. Práticas e rituais religiosos do Candomblé no *Ylé Axé Runtó Rumbôci* em Cajazeiras – PB**

Assim como nas outras Casas de Candomblé, Pai Jackson Ricarte constrói e executa seu próprio calendário anual, podendo haver algumas datas alteradas ou a inserção de outros rituais em momentos que sejam considerados necessários. Normalmente o barracão deste zelador está com rituais abertos à população nos meses de janeiro, fevereiro, julho, agosto e setembro.

#### **3.3.1. Festa das Obrigações**

<sup>70</sup> O Eledá do Babalorixá ou Yalorixá. Orixá que rege aquele espaço.

<sup>71</sup> Orixá assentado da cumeeira da casa para manter a paz e o equilíbrio. Normalmente assenta-se Oxóssi ou Xangô, uma vez que Oxóssi é o pilar da nação Kêtu e Xangô é rei do culto nagô Yorubá, que deu origem aos primeiros candomblés do Brasil.

O ano é aberto dentro do *Ylé Axé Runtò Rumbòci* através da Festa das Obrigações no segundo final de semana de janeiro, sendo esta pública e podendo ser definida enquanto a comemoração pelo “nascimento do santo”, ou a entrega de algum título ou cargo, ou seja, a comemoração da iniciação de uma nova pessoa ou confirmação de algum cargo e as oferendas que foram dedicadas aos Orixás. Isso implica dizer que as atividades do barracão não são iniciadas exatamente na festa, mas que há todo um contexto festivo, ritualístico e de entrega dos participantes dias antes.

Van Gennep (1978) descreve o momento ritualístico enquanto sendo um fenômeno que ocorre de maneira independente e em seu próprio espaço, podendo ser adequado de acordo com o contexto no qual ele faz parte, onde “(...) o esquema completo dos ritos de passagem admite em teoria ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação) (...)” (VAN GENNEP, 1978, p. 30).

Os rituais que antecedem a festa das obrigações iniciam-se através do jogo de búzios feito pelo zeladors, onde o *abyian*<sup>72</sup> tem a oportunidade de saber mais sobre a relação existente entre ele o seu Orixá, bem como decidir se dará continuidade ou não ao processo religioso<sup>73</sup>, depois do jogo de búzios e de uma conversa onde as regras da casa ficam esclarecidas, as partes colocam seus posicionamentos acerca de sua disponibilidade referente a vida religiosa e em seguida o *babalorixá* decide ou não pela entrada do mesmo. É através do jogo de búzios que o Orixá é confirmado juntamente com as oferendas que serão entregues durante os próximos rituais que fazem parte da iniciação.

O ritual que ocorre em seguida seria para limpeza espiritual e oferendas. Esses rituais podem acontecer de diversas formas – a depender do Orixá e do zelador – mas acontecem em sub-etapas, cada uma com sua finalidade e cercada por diversas crenças. A partir desse momento o filho de santo que está sendo “feito” perde o contato com o mundo externo do barracão, as pessoas que possuem cargo na Casa são responsáveis pela organização geral, os outros filhos de santo efetuam atividades – no cozimento de alimentos para alimentação de todos, na lavagem das roupas, na lavagem dos utensílios da cozinha, lavagem do barracão, entre outros – que auxiliam no funcionamento do espaço e dos rituais.

---

<sup>72</sup> Frequentador do Candomblé que ainda não passou pelo ritual de iniciação.

<sup>73</sup> Esta decisão também depende do *Babalorixá*.

O filho de santo que está sendo feito fica recolhido no Runkó<sup>74</sup>, juntamente com alguns objetos e comidas que possuem significados para aqueles momentos que estão sendo vivenciados. O momento de se recolher é, além de uma oportunidade para reflexão sobre a vida espiritual que se inicia oficialmente, um espaço no tempo em que se aprendem as bases relacionadas com a organização e o respeito dentro do Candomblé, sendo agora de maneira mais direcionada. Essas orientações são repassadas pela “mãe criadeira”. Todos necessitam estar vestidos com roupas brancas/claras e é vedada a utilização de aparelhos eletrônicos ou quaisquer outros meios que possam estabelecer a relação do òyàwô que está nascendo com o mundo externo.

Os rituais de iniciação também são marcados pelo acontecimento de ebós<sup>75</sup>, sendo que somente após esses ritos é que se iniciam as cerimônias liminares, onde:

(...) a liminaridade dos ritos de passagem está ligada à ambigüidade gerada pelo isolamento e pela individualização dos noviços. É, portanto, a experiência de estar fora do mundo que engendra e marca os estados liminares, não o oposto [sic.](DAMATTA, 1999, p.17).

Tal liminaridade é iniciada pelo Borí<sup>76</sup>, que pode ser considerado o marco da passagem entre o profano e o sagrado. Deve ser entendido enquanto sendo um momento de sacrifício – tanto dos animais que fazem parte das oferendas quanto do filho de santo que passa por diversas restrições, assim como descreve Mauss e Hubert (1981, p. 16-17):

O sacrifício é uma instituição, um fenômeno social. (...) Se acreditamos no sacrifício, se ele é eficaz, é por ser um ato social. (...) Do ponto de vista, é concebido como sagrado tudo aquilo que, para o grupo e seus membros qualifica a sociedade.

Sansi (2009, p. 143) reflete sobre o Borí da seguinte forma:

A cabeça é um receptor de poder e “dar de comer a cabeça” é, de facto, “fechar o corpo”, protegendo-o dos feitiços. Este ritual supõe a celebração de uma aliança com o orixá porque é em cima da cabeça, no ori, que os orixás se apoderam do seu devoto.

---

<sup>74</sup> Quarto sagrado.

<sup>75</sup> Rituais de limpeza específicos, sendo que cada Orixá possui sua especificidade nesses ritos.

<sup>76</sup> Dar de comer à cabeça.

O próximo ritual que acontece nesse tempo está voltado para o transe do òyàwô, onde este é levado a uma sensação de sonolência – alguns relatam ouvir os sons do barracão de modo bastante distante, conseguindo se situar nas ações que ocorrem ao seu redor, mas não tendo plena dominação sobre seu próprio corpo. A partir daí acontecem o fari<sup>77</sup>, as curas<sup>78</sup>, a colocação do adoshu<sup>79</sup>, do kelê<sup>80</sup>, do mokã<sup>81</sup> e os xaorôs<sup>82</sup>. Logo após há o sacrifício dos animais acompanhados por rezas e pedidos de iluminação na caminhada que está sendo iniciada para o filho de santo e o Orixá.

A partir de então, pode-se dizer que o òyàwô está realmente iniciado na religião, principalmente quando busca-se uma visão através da interpretação de Mauss e Hubert (1981) quando afirmam que a religião tem enquanto principal intuito religar e restabelecer a relação entre o mundo mortal e o mundo divino.

Há momentos dentro desse período de recolhida em que o òyàwô é retirado do Runkó e levado para o salão principal, onde irá incorporar seu Orixá para que estes – òyàwô e Orixá – consigam acostumar-se com as energias que integram esses momentos, além de haver os ensinamentos referentes à dança que aquele determinado Orixá deverá executar e os comandos que lhes serão dados nos momentos de efetuar certas movimentações para que, dessa forma, no dia da festa e apresentação da divindade ao público e em momentos posteriores ele consiga contar sua história através das danças e pontos (músicas).

“Fazer o santo” é um processo muito concreto e material: não é só uma educação sobre mitos, cantigas e rezas, é também um habitus corporal do santo. Para tal, a iniciada deve aprender as técnicas do corpo essenciais para a iniciação, fazer oferendas e construir altares. É um processo dialético

---

<sup>77</sup> Ato em que se raspam os cabelos do noviço (òyàwô). Esse ato simboliza o renascimento para nova vida no culto aos Orixás, bem como o crescimento dos novos cabelos é tida como uma nova oportunidade de refazer seu caminho na nova doutrina.

<sup>78</sup> Incisões que marcam o corpo do òyàwô. Essas marcas dizem respeito à nação de origem da qual o noviço faz parte.

<sup>79</sup> Massa cônica feita de especiarias e limo da costa (banha de ori) que simboliza o cordão umbilical, que liga o noviço ao seu orixá (divindade).

<sup>80</sup> Sendo a cabeça a parte mais importante do corpo (como local onde se processa todos os rituais de iniciação), no pescoço é onde se coloca o kelê, que representa a jóia do orixá, que é feito de miçangas, búzios e tem o significado de separar a cabeça do corpo. Nesse caso a cabeça (orí) é pertencente ao orixá.

<sup>81</sup> Cordão no formato de uma trança feita com palha da costa colocada no pescoço e que se estende até o umbigo do filho de santo, este deverá carregá-lo até o seu deká, como forma de identificação nas casas onde o iniciado chegar .

<sup>82</sup> Guizos que são presos aos tornozelos do òyàwôs com palha da costa, que servem para localizar o recolhido e avisar aos criadores do iniciado sempre que este ou seu orixá, realizarem um movimento indevido.

de objetivação e apropriação, no qual o “santo” é construído, concretizado no altar e no corpo (SANSI, 2009, p.144).

O ritual de iniciação é finalizado com a saída do òyàwô, onde ocorre a festa pública. Nela o santo diz seu nome, primeiro somente para uma pessoa do barracão – escolhida pelo Babalórìsà – que tem acesso a essa informação que lhe é repassada do Orixá direto ao seu ouvido em tom de voz baixo e em seguida o orixá, depois de repetir esse ato duas vezes, fala em voz alta uma única vez o seu nome para que todos escutem, nesse momento todos os mais novos de santo incorporam em seus respectivos orixás. Durante a festa, o orixá veste duas roupas diferentes: uma branca para a apresentação do seu nome e outra roupa mais luxuosa nas suas cores para a apresentação ao público será do santo que nasceu naqueles dias. Essa festa tem uma duração média de 05 a 06 horas, podendo variar de acordo com a quantidade de filhos que estão sendo feitos no santo, bem como com a forma na qual o zelador decidiu organizá-la.

Ao encerrar-se os rituais, o òyàwô volta ao Runkó juntamente com o Babalórìsà e alguns cargos da casa; nesse momento lhes são retirados alguns dos adereços que necessitou utilizar no tempo em que estava recolhido, bem como lhes são repassadas as orientações sobre seu resguardo, ou seja, o que lhe é permitido fazer ou não após sair daquela Casa e por quanto tempo aquelas ações devem ser tomadas. Esse resguardo pode incluir continuar dormindo na esteira de palha da costa no chão, não aparecer em público com a cabeça descoberta, não alimentar-se utilizando talheres, rezar sempre antes de cada refeição, não ter relações sexuais, não ingerir bebida alcoólica e outras substâncias, vestir somente roupas de tecidos claros, entre outras indicações.

É importante que se saiba que a duração dos rituais que antecedem a festa das obrigações, assim como a quantidade de filhos de santo recolhidos, a sequência ritualística, o período de resguardo, as ações que devem ser resguardadas e tantos outros detalhes podem variar de acordo com a organização da Casa, assim como de acordo com as intuições do Babalórìsà.

### **3.3.2. Festa do Caboclo Kaytumba**

No dia seguinte da festa de Janeiro, ocorre a Festa de Homenagem ao Caboclo Kaytumba, que teve suas preparações ocorrendo também durante a mesma semana. Esse é o caboclo do Babalórìsà Jackson Ricarte, por isso ele é o homenageado na festa dedicada exclusivamente aos caboclos.

A festa acontece na tarde do segundo domingo de Janeiro, onde o Caboclo incorpora no Zelador e conversa em sua cabana com alguns dos visitantes. São distribuídos frutas e Jurema<sup>83</sup> a todos os participantes como uma forma de comemorar a chegada daquela entidade.

Os caboclos, apesar de serem brasileiros, e ressaltarem essa característica em suas cantigas (nelas se dizem da “nação brasileira”) e nos nomes que carregam (de povos indígenas brasileiros como Tupi, Tupinambá, Aimoré, Guarani), quando narram suas origens se apresentam como habitantes de uma “aldeia mítica” (como “Hungria” e “Visala”), não-localizável no tempo e espaço. Em alguns casos, seus nomes fazem referências à natureza cultuada pelos índios (...) (SILVA, 2005, p. 87-88).

Prandi, Vallado e Souza (2004) dizem que as cantigas dedicadas aos caboclos refletem um samba de roda, onde os caboclos incorporados dançam de frente aos atabaques<sup>84</sup> com saltos e variações de passos, em alguns momentos com cantigas conhecidas por todos e noutros momentos com versos improvisados.

As cantigas cuja autoria é atribuída aos Caboclos, via pessoas em estado de transe, não são entendidas pela comunidade à maneira que nós chamaríamos de “composições”, isto é, como produtos intencionais de indivíduos e sim como cantigas que são trazidas de Aruanda por essas entidades. Do mesmo modo como não vêm os Ôgáns como músicos não existe para o grupo neste contexto o conceito de compositor, estando essa atividade sempre relacionada com a função mágica e religiosa. O processo criativo é tanto de melodias quanto de textos, ou dos dois, sendo a elaboração de textos tão importante quanto a das melodias. De um ponto de vista ético, parte do repertório musical dos Caboclos é constituído de variantes de material musical já existente que é combinado e re combinado de acordo com os moldes tradicionais constituindo-se em cantigas diferentes. (GARCIA, 2001, p.119).

O que fortifica o caráter sagrado desse momento de festividade dentro do Candomblé são as manifestações das entidades e a utilização dos atabaques consagrados aos Orixás.

---

<sup>83</sup> Bebida feita com casca da árvore de jurema, alguns tipos de bebida alcoólica, canela, leite condensado, entre outros ingredientes.

<sup>84</sup> Tambores existentes no barracão que dão o ritmo a cada cantiga.

### 3.3.3. Festa de Yemanjá

No primeiro sábado de fevereiro de todos os anos, o *Ylé Axé Runtò Rumbôci* realiza a festa dedicada à Orixá Yemanjá<sup>85</sup>, independentemente da data, pensando-se na conveniência dos integrantes da Casa, já que a maioria – se não todos – possuem atividades profissionais durante a semana. O dia dedicado a ela é 02 de fevereiro e chega a ser festejado por todo o Brasil, onde as homenagens feitas à “Rainha do Mar” são diversas. Nesse momento de festa dentro do barracão há oferendas de espelhos, jóias, perfumes, comidas e objetos ligados com a vaidade e beleza feminina.

Severiano e Mello (1997) dizem que essas oferendas acontecem por que os adeptos da religião tentam agradá-la – assim como a outros Orixás – na tentativa de alcançar seus pedidos. Existe a crença de que quando algo é jogado no mar e consegue agradar a Rainha, ele é levado para o fundo, onde se localiza seu reino; porém se não for algo que a agrade, ela o devolve para a areia da praia.

(...) Nasceu de uns olhos morenos molhados de mar/ Não sei se é conto de areia ou se é fantasia/ Que a luz da candeia alumia pra gente contar/ Um dia a morena enfeitada de rosas e rendas/ Abriu seu sorriso de moça e pediu pra dançar/ A noite emprestou as estrelas bordadas de prata/ E as águas de Amaralina eram gotas de luar/ Era um peito só cheio de promessa era só/ Era um peito só cheio de promessa era só/ Quem foi que mandou o seu amor se fazer de canoeiro/ O vento que rola nas palmas arrasta o veleiro/ E leva pro meio das águas de lemanjá/ E o mestre valente vagueia olhando pra areia sem poder chegar/ Adeus amor, adeus meu amor não me espere porque eu já vou me embora/ Pro reino que esconde os tesouros de minha senhora/ Desfia colares de conchas pra vida passar/ E deixa de olhar pro veleiro/ Adeus meu amor eu não vou mais voltar/ Foi beira-mar, foi beira-mar quem chamou/ Foi beira-mar ê, foi beira-mar (CLARA NUNES apud SEVERIANO & MELLO, 1997, p. 98)

O dia da Festa de Yemanjá no *Ylé Axé* é de muito trabalho entre seus integrantes, onde se prepara desde rituais que acontecem de maneira interna – alguns com a presença de todos e outros somente com pessoas que possuem cargos – além da organização do espaço para a recepção da comunidade à noite. O barracão é todo enfeitado nas cores azul claro e branco, os filhos da Casa vestem roupas brancas e é pedido que os visitantes evitem usar roupas com tonalidades escuras. As comidas oferecidas são – em sua maioria – doces, chegando a haver

---

<sup>85</sup> Com suas características já descritas no Capítulo I.

bolo e brigadeiros de festa, porém ainda há o oferecimento de um jantar após a festa para todos – participantes ou não da religião.

Assim como discutido no Capítulo anterior, quando o Candomblé chegou ao Brasil houve a necessidade de fazer uma ligação com os santos cultuados pela Igreja Católica, nesse processo Yemanjá tomou a identificação de Nossa Senhora dos Navegantes, que era homenageada no dia 02 de fevereiro; por isso esse dia ficou conhecido como o dia de Yemanjá no Brasil.

Por volta de 1960, a Igreja Católica incentivou movimentos que iam contra a Festa de Yemanjá por acreditar que era um ritual pagão, porém não teve efeito, já continua acontecendo até os dias atuais, com mais destaque na Bahia, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (ALBERTI, 2006). Porém o sincretismo religioso ainda se impõe, o que faz com que esse Orixá ganhe diversos nomes por todo o território nacional, como Nossa Senhora da Glória no Rio de Janeiro, Nossa Senhora da Conceição na Bahia e Nossa Senhora dos Navegantes nos estados que estão localizados mais ao sul do país.

#### **3.3.4. Feijoada de Ogum**

No mês de julho, durante o segundo final de semana, acontece a Feijoada de Ogum. Assim como nas outras festividades, a semana que antecede a comemoração é de bastante trabalho e empenho entre todos os participantes do barracão. Durante a festa há presença e dança de todos os Orixás, porém o momento mais esperado é a chegada do Orixá homenageado que veste roupas luxuosas e dança representando várias passagens de sua vida.

São oferecidos pratos de feijoada acompanhados por laranjas e rodela de abacaxi aos visitantes e participantes da Casa no final da celebração. Nessa festa busca-se pedir proteção a Ogum, ao mesmo tempo em que se agradece por todas as vitórias que foram orientadas e proporcionadas por ele, já que este Orixá é representado enquanto sendo um guerreiro, assim como descrito no Capítulo I deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Estar bem com os deuses é poder estar bem com o mundo, protegido no mundo, porque o mundo é o lugar da felicidade – não há porque mudá-lo, não há porque rejeitá-lo. O mundo está aí para ser desfrutado. O que é bom na vida? Saúde e vida longa; dinheiro e prosperidade; vencer as disputas e



derrotar os inimigos; realizar-se no amor. O mal é a doença e a morte, a miséria, a derrota e o fracasso no amor (BERKENBROCK, 1988, 160-161).

Verger (2000) diz que a Feijoada de Ogum e os rituais que acontecem em sua preparação pouco tem haver com a tradição inicialmente incorporada na religião, pois se fez necessário que houvesse adaptações para cada Casa e localização. Porém o conselho que sempre está presente no momento em que é ensinado o preparo da feijoada é que ela deve ser feita com calma e paciência, ao mesmo tempo em que o cozinheiro necessita estar com muito amor no coração e pedidos que façam com que todos que cheguem a comer dela possam vir a crescer. Acredita-se que o cozimento dessa feijoada deve ser encarado como a criação de uma obra de arte.

Há uma história que conta a trajetória de um pai de santo conhecido por Procópio, sendo que este era filho de escravos, porém nasceu em território brasileiro. Esse candomblecista era responsável por um grande barracão existente num espaço chamado Baixão<sup>86</sup> e, segundo “Mãezinha<sup>87</sup>”, houve um momento em que o pai de santo chegou a expulsar um de seus filhos de sua Casa de Candomblé por motivo injusto, porém numa festa para o Orixá que regia o terreiro foi-lha dado o recado de que Ogum havia incorporado e avisado que Procópio teria sido injusto com seu filho, que este pai de santo deveria entender que ele faz as oferendas e obrigações dentro do barracão, mas quem realmente comanda é Ogum. A entidade ainda ordenou que fosse preparado alimento e que aquele filho de santo expulso fosse convidado a retornar a Casa, onde seria recebido com festa e com a oferta da alimentação (SITE OLHOS DE OXALÁ, 2012).

Ao retornar do estado de transe e receber tal recado, o pai de santo inquietou-se, pois não gostaria de retornar na ordem que havia dado, porém sabia que jamais poderia desobedecer a seu Orixá. Para tanto, Procópio preparou uma feijoada e seus filhos de santo convidaram aquele que havia sido expulso. Cota-se a história de que a variedade de comida existente nessa festividade foi enorme, havendo uma grande esteira no centro do barracão onde estavam sentados Procópio e – ao seu lado – o filho de santo convidado por Ogum. O Pai de Santo preparou todos os pratos e serviu aos seus filhos, que aguardavam o sinal de Procópio para que

---

<sup>86</sup> Atualmente chamado de Vale do Ogunjá, sendo que este Orixá era o santo de Procópio. Fica localizado na cidade de Salvador – BA.

<sup>87</sup> Afilhada de Procópio.

pudessem iniciar o consumo; ao ser finalizada a entrega dos pratos, Procópio incorporou Ogum e todos os outros filhos de santo também incorporaram seus respectivos Orixás (SITE HISTÓRIAS DO POVO NEGRO, n.d.). Acredita-se, portanto, que foi a partir desse momento que a Feijoada de Ogum tornou-se uma festividade para agradecer a este Orixá.

### 3.3.5. Festa de Omolú

No segundo final de semana agosto, o *Ylé Axé Runtó Rumbôci* entra em festa por homenagem ao Orixá Omolú. Esse é o momento em que todos se unem para agradecer as bênçãos – principalmente voltadas às questões de saúde – e renovar os pedidos. Os rituais iniciam-se durante a semana, sendo culminado no final de semana.

Há a dança dos Orixás durante a festa e o momento mais esperado é a chegada do Orixá dono da festa e “a jogada de pipocas<sup>88</sup>” que ele realiza no público participante da festa, na representação da retirada de todas as energias negativas e doenças que possam estar presentes no espaço. Também é distribuída pipoca entre os participantes da festa para ser comida, pois se acredita que dessa forma que as coisas ruins que estão nas pessoas internamente serão retiradas.

Nos terreiros, a comida de Omolu, com bastante dendê e servida em folhas de mamonas, é constituída de feijão preto, milho branco, vatapá, acompanhados de carne de galo e bode. Essa comida é preparada durante uma cerimônia a ele dedicada, chamada Olubayê. Esse ritual consiste em uma cerimônia de oferenda de comidas frias. A comida é preparada pela manhã, cedo, muito antes da festa (...). Além da oferenda dessas comidas, é ofertada muita pipoca, lançadas sobre Omolu e todas as pessoas presentes à cerimônia (ALVES, 1998, p. 127)

Uma lenda mítica do Olubajé<sup>89</sup> diz que certa vez Xangô ofereceu um grande banquete e convidou todos os Orixás, com exceção de Omolu; ao perceberem sua falta, todos tentaram pedir-lhe desculpas levando-o comida e bebida, pois possuíam

---

<sup>88</sup>Tudo que se passa no corpo (grãos) é para que volte a terra e renasça, a intenção é purificar o corpo e retornar a terra para que renasça em forma de nova energia.

<sup>89</sup>Também chamado de Olubayê é um ritual anual para Omolú e só é feito em casas de Candomblé, sendo obrigatório em casas onde haja feito um *làyawô* de Obaluaiyê há menos de sete anos ou o próprio Zelador ou Zeladora seja deste Orixá. É uma palavra de origem Iorubá e significa OLÚ : Aquele Que; Ba : Aceita; Je : Comer.

medo de sua ira. Omolu aceitou os presentes e os pedidos de desculpas, porém dividiu tudo o que havia recebido com o povo do seu reino (BENISTE, 2013).

Acredita-se que o ritual do Olubajé acontece pela sua totalidade, porém este pode ser dividido em três momentos diferentes, sendo eles: o xirê, que seria a entrada de todos os participantes da Casa no barracão de acordo com seus cargos e tempo de iniciação e a sequência ritualística de louvação aos orixás dançada em roda, inicia-se cantando para Ogum e finaliza-se com Oxalá; o Olubajé ou a distribuição do banquete propriamente dito; e o orí, onde todos os Orixás que foram incorporados dançam ao som de seus cânticos, iniciando sempre por Omolu, o dono da festa.

### 3.3.6. Festa de Yansã

As festividades do ano no barracão de Jackson Ricarte são encerradas com a festa dedicada à Yansã – a dona da Casa e “Orixá da cabeça” do zelador – ocorrendo sempre no segundo final de semana de setembro. Esse é o momento onde todos agradecem à “Rainha dos Raios e Trovões” pelo ano que tiveram dentro da religião, pelas intuições que esta ofereceu ao Babalórísà e renovam-se os pedidos para o próximo ano.

Essa é uma festa consideravelmente quente, onde a sensação relatada por muitos que estão dentro do barracão é de que o espaço está pegando fogo. Mas essa é um Orixá originalmente quente, onde suas comidas – geralmente – possuem muita pimenta, suas cores são fortes, seu ilá<sup>90</sup> é firme e alto dentre tantas outras características que a apresentam de maneira marcante.

Pelo sincretismo católico, Yansã também é chamada por Santa Bárbara, chegando a ter em algumas de suas cantigas – aquelas que foram adaptadas do Yorubá para o português utilizado no Brasil – o nome da santa da Igreja Católica sendo entoado.

O culto a Santa Bárbara desenvolveu-se na Bahia colonial por influência dos colonizadores. Nas orações, recitadas ou impressas em pequenos folhetos distribuídos por fieis, são lembradas as suas funções de protetora contra as tempestades, raios e trovões. Mas a tempestade tem ainda o sentido figurado. A santa pode encorajar o devoto nos momentos em que a

---

<sup>90</sup> Uma espécie de grito que é dado pelos Orixás, sendo que cada um deles tem um específico.

vida lhe impõe tempestades e batalhas, ou seja, dificuldades (COUTO, 2010, p. 96)

A festa de Yansã no *Ylé Axé Runtó Rumbôci* acontece basicamente da mesma forma que as outras, iniciando-se durante a semana com rituais internos e havendo a festa aberta à comunidade no final de semana enquanto encerramento. Durante a festa é oferecido acarajé com vatapá aos participantes e no final da festividade é oferecido o jantar.

#### **CAPÍTULO IV: Percepções práticas sobre o *Ylé Axé Runtó Rumbôci* de Cajazeiras – PB**

##### **4.1. Percepções dos participantes iniciados do *Ylé Axé Runtó Rumbôci* acerca do Candomblé**

Antes mesmo de se iniciar a discussão acerca dos dados alcançados através da pesquisa, deve-se ter a consciência de que a história – seja ela de qual fato for – pode ser conhecida através de registros escritos, porém não deve ser desvalorizado o fato de que memórias e falas de pessoas que vivenciaram e vivenciam os fenômenos contribuem imensuravelmente à construção do historiador. Corrobora-se com Delgado (2013) quando acredita-se que toda história é construída pelas pessoas, sendo que as pessoas incorporam características do movimentos nos quais estão inseridos, assim como os fatos registrados na histórias também possuem estímulos ofertados por aqueles sujeitos que auxiliaram em seu desenvolvimento.

Assim sendo, o olhar do homem no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história (DELGADO, 2013, p. 10).

Para este momento, serão apresentados os resultados alcançados na pesquisa de campo, para fazer referência aos participantes iniciados no Candomblé utilizar-se-ão duas entrevistas disponibilizadas em anexo, onde uma delas ocorreu com o zelador Jackson Ricarte<sup>91</sup> e outra com uma pessoa identificada aqui como

---

<sup>91</sup> O mesmo autorizou a utilização de seu nome e identificação durante a produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

sendo Juliana<sup>92</sup>. A seguir estarão sendo relatadas falas dos mesmos e consideradas relevantes ao desenvolvimento da pesquisa acerca da religião.

Quando questionado sobre sua entrada na vida espiritual através do Candomblé, Jackson Ricarte explica que a mesma ocorreu por questões voltadas para problemas de saúde, já que não encontrou outras opções para o momento:

(...) eu tinha um problema que povo dizia que era epilepsia (...) ai fui para os médicos, os médicos disseram que não, um dos médicos em Campina Grande que eu não lembro o nome (...) falou que era um problema espiritual. Ai eu tive que sair para Bahia, na Bahia me cuidei, quando eu cheguei em Rio de Janeiro foi que eu fiz santo, não por opção e sim por necessidade (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

A partir dessa fala de Jackson Ricarte, percebe-se então que a entrada no Candomblé pode chegar a ocorrer de maneira imposta, porém deve-se entender que esta não é uma situação generalizada, pois há aqueles que buscam o Candomblé por identificar-se com as crenças e ideologias cultuadas no terreiro, havendo ainda aqueles que são vistos enquanto simpatizantes, passando a frequentar os rituais que são públicos sem a intenção de tornar-se filho de santo.

Isso fica claramente exposto na fala de Juliana, que em sua entrevista disse que desde criança frequentou o *Ylé Axé Runtó Rumbôcie* sempre teve envolvimento com a religião, porém somente há pouco tempo foi iniciada, numa outra Casa. Relatou que passou cerca de 3 ou 4 anos enquanto Abíyán, e recentemente chegou a efetuar os rituais de iniciação, sendo lhe dado o cargo de Ekéjì. Porém em sua fala não foi identificado se sua entrada ocorreu por algum tipo de necessidade – assim como aconteceu com Jackson Ricarte – ou por outras questões.

Quando foi colocada a Jackson Ricarte o questionamento acerca da possível influência que sua entrada na religião afrodescendente – que ocorreu aos 12 anos de idade – causou em seu ciclo familiar, o mesmo disse não ter havido questionamentos por parte de nenhum dos integrantes, pois tanto ele quanto a sua mãe eram bastante discretos nessas questões voltadas às escolhas pessoais, o que – provavelmente – evitou o conhecimento precoce dos familiares e possíveis julgamentos.

---

<sup>92</sup> Nome fictício escolhido por uma pessoa do sexo feminino, 26 anos de idade, praticante iniciada do Candomblé e detentora do cargo de Ekédjy numa Casa de Candomblé.

A questão do preconceito ainda é algo bastante vigente no meio das religiões com raízes africanas e exemplo disto são as reportagens apresentadas anteriormente neste mesmo Trabalho de Conclusão de Curso. Porém é interessante que se saiba que tal preconceito não pode vir a ocorrer somente do meio familiar – assim como foi questionado a Jackson Ricarte – mas pode ser um fator recorrente nos diversos ciclos sociais nos quais os candomblecistas, umbandistas e tantos outros religiosos deste meio estão inseridos, já que esta pode ser uma questão explicada até mesmo pela própria história do negro.

Essa é uma discussão que vai além do tema explorado nessa produção. Podendo-se perceber que na abolição da escravatura os negros construíam suas casas ao redor dos espaços ocupados pelos brancos, o que provavelmente pode chegar a explicar o surgimento e permanência das favelas nos dias atuais. Percebe-se que na mesma época a educação desses negros era mínima, já que somente tinha-se acesso aos conhecimentos existentes dentro da própria organização deles. Com a religiosidade ocorria o mesmo, os rituais africanos que aconteciam em território brasileiro somente poderiam acontecer nas comunidades negras e – mesmo havendo participação de alguns brancos – ainda era interpretada como uma invocação de divindades malignas. Acredita-se que através desse breve histórico faz-se possível perceber as possíveis fontes da discriminação contra os povos negros e seus costumes.

Perguntou-se a Jackson Ricarte acerca das possíveis formas de preconceito que foram sofridas pelo mesmo ao chegar em Cajazeiras – PB e abrir o primeiro espaço de culto do Candomblé, preconceito este que poderia advir tanto da sociedade enquanto uma forma de organização quanto das Casas já existentes e que cultuavam a Umbanda, uma outra religião afrodescendente. O mesmo disse nunca ter sofrido nenhuma forma de preconceito, além de expressar o que ele entende por preconceito:

Não, nunca houve nenhum preconceito comigo em forma nenhuma, preconceito para mim só é atingido quando eu sei né, se comentaram por fora não, mas o pessoal quando eu cheguei aqui tinha [o entrevistado remete ao nome de três mulheres que possuíam Casa de Umbanda na cidade]. E nunca sofri, ao contrário, quando eu chegava na casa delas, elas tratavam com grande orgulho com grande beleza, você sentia que ela estava recebendo com alma e não por receber. E elas não sabiam fazer distinções entre umbanda e nem candomblé e eu também nunca fiz (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

Na entrevista com Juliana, a mesma corroborou inicialmente com a opinião apresentada por Jackson Ricarte em relação a não existência de preconceito por parte de outras pessoas, porém quando a mesma chegou a ser questionada sobre o preconceito lançado por aqueles que não conhecem os preceitos elaborados pelo Candomblé, veio a afirmar que acredita que essas pessoas – desconhecedoras da religião – impõem visões pejorativas e, em muitos casos, chegam a faltar o respeito frente a opinião dos outros.

Não se sabe explicar o motivo de Jackson Ricarte não identificar tal preconceito com a casa de Candomblé fundada pelo mesmo ou com os participantes desta, porém acredita-se que a visão posteriormente colocada por Juliana se faz mais semelhante com a realidade, já que é habitual ouvir comentários depreciativos sobre aqueles que freqüentam terreiros ou cultuam essas religiões de raízes africanas, sejam da casa de Jackson Ricarte ou de quaisquer outras. Essa questão mais uma vez faz com que a reflexão retorne ao preconceito exposto anteriormente, bem como passa a ser reafirmada pelas reportagens apresentadas no início deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao se buscar saber se Jackson percebe algum tipo de preconceito contra o Candomblé de modo geral, o mesmo respondeu negativamente, chegando a afirmar que essas questões acontecem além da percepção que os outros possuem sobre as religiões, essa questão – segundo ele – está intrinsecamente ligada ao comportamento do praticante religioso e sua forma de respeitar a opinião e opção do próximo:

(...) tem também o comportamento (...) e todo mundo sabe em Cajazeiras que eu sou uma pessoa que primeiramente, me respeitei, porque se eu não me respeito não posso fazer ninguém me respeitar, sempre respeitei as pessoas, não discuto religião, cada um tem a sua religião e amor, cada um tem o seu e cada um usa da forma que deve. Eu tento usar da forma melhor possível, não sou perfeito, mas eu tento usar aquilo que me ensinaram, que me passaram, então eu tento criar uma situação que seja bonita para todo mundo e se alguém me agredisse por qualquer uma situação ou de religião ou de opção sexual eu ia olhar para essa pessoa só daria risada, porque isso daí são coisas de pobreza espiritual que é a pior que tem, por mais dinheiro que tenha nunca vai conseguir ser feliz (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

Ao mesmo tempo em que se acredita que o preconceito contra as religiões de raízes africanas existem, corrobora-se com Jackson Ricarte quando pensa-se que

muitos dos atos, falas e pensamentos desrespeitosos são, na verdade, um reflexo do comportamento de alguns participantes ou freqüentadores dos barracões. Entretanto, tem-se a consciência de que nem todos os sujeitos que estão inseridos no contexto candomblecista se comportam de maneira inadequada e que a possibilidade de um preconceito construído historicamente é válido.

Ao falar sobre a entrada das pessoas no culto do Candomblé através de sua Casa, Jackson Ricarte diz que 95% das pessoas que o procuram, o fazem por necessidade – espiritual, financeira, amorosa, etc. – e que ao assistirem as festas que são abertas à população se encantam com a beleza dos Orixás e todas as outras divindades que chegam a seu terreiro. Porém o zelador diz que busca alertar a essas pessoas de que o Candomblé não acontece somente através da festa, que o Candomblé de verdade é realizado nos bastidores dos dias que antecedem aquele momento e que a festa é somente o ápice de uma comemoração por mais um ciclo que foi encerrado positivamente em sua Casa.

Acredita-se ser importante o posicionamento do pai de santo sobre essas pessoas que buscam o Candomblé em dias de festa e – sem conhecimento considerado mínimo acerca da religiosidade – acreditam fazer parte daquele espaço, buscando efetivar sua entrada na Casa de modo imediato. Assim como foi discutido ao longo desta produção, o Candomblé é cercado por situações e crenças que necessitam de dedicação e – em diversos momentos – de abstinência de momentos, objetos e/ou situações que a maioria dos indivíduos julga essencial para seu prazer. Admite-se que este é o real papel do pai de santo: guiar seus filhos na realidade religiosa necessária.

Juliana relatou que percebe entrada de diferentes pessoas no *Ylé Axé Runtó Rumbôci* que – provavelmente – vão à busca de auxílio do Babalorixá. Afirmou que são pessoas de diferentes classes sociais, raças, sexualidades e quaisquer outras características. Disse que nunca percebeu algum tipo de rejeição por parte do Babalórìsà em relação àqueles que possuem menos condições financeiras, chegando a afirmar que “(...) quando chega ai, depende do caso, tem ato social sim, não é só quem tem dinheiro” (ENTREVISTA CONCEDIDA POR JULIANA).

Perguntou-se se Jackson, no momento de oferecer ajuda a quem lhe procura, se há diferenciação entre o Babalorixá zelador de uma Casa de Santo e o ser humano que ele constitui. O mesmo disse não conseguir fazer essa diferenciação, pois acredita que o zelador somente se comporta daquela forma por ser influenciado



pela personalidade desenvolvida pelo ser humano Jackson Ricarte, sendo que o mesmo acontece quando a relação é contrária, o ser humano Jackson Ricarte somente se apresenta do modo o qual todo conhecem por influência das vivências que ele teve enquanto participante do Candomblé.

Juliana corroborou com a fala de Jackson Ricarte, afirmando que não consegue diferenciar o Babalorixá do ser humano, porém descreveu certa situação onde Jackson – que ela demonstrou perceber enquanto pessoa socialmente influente e desassociada da religião – entrou em contato com um conhecido proprietário de um comércio na cidade de Cajazeiras – PB e conseguiu o primeiro emprego à mesma. Essa questão retorna – de certo modo – à idéia apresentada por Delgado (2003), quando afirma que o homem constrói a história ao mesmo tempo em que é construído por ela, sendo que nesse caso especificamente a relação existe entre o ser humano e o zelador do terreiro de Candomblé.

Buscou-se saber a opinião de Jackson Ricarte acerca da falta de reconhecimento sobre a própria religião por parte de algumas pessoas que são praticantes de cultos afrodescendentes, sendo que enquanto isso as conversões para a religião católica e evangélica estão sempre aumentando estatisticamente, ou seja, lhe foi perguntado o possível motivo de algumas pessoas ainda negarem sua identificação religiosa afrodescendente na atualidade. Ele afirmou que:

(...) a diversidade tem que existir, eu acho que o problema de muita gente do candomblé ou de qualquer religião afro é o seguinte: ir para conversar e não ter atitude de como eu fui duas vezes para a câmara municipal que nem convidado e eu fui, e não ter atitude. E depois, só conversar e não ajudar nada, então é melhor nem conversar. Não adianta eu estar com a mesa posta você chegar na minha casa e não lhe oferecer nenhum café, então é melhor uma mesa sem nada e aos poucos colocar a comida nela(ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

Porém, noutro momento, o zelador chegou a afirmar que a questão de assumir a própria crença vai além de religiosidade, passa a ser uma questão mais ligada à personalidade:

(...) Eu não omiti porque eu só faço aquilo que gosto e aquilo que creio, eu só acendo uma vela para aquele orixá que eu creio nele, se não, não acenderia uma vela não, eu acho que o que falta neles é personalidade, isso já é uma questão de caráter e não de religiosidade(ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

E, mais uma vez, percebem-se falas que conduzem ao preconceito existente sobre o Candomblé, pois se acredita que alguns seres humanos têm a necessidade de auto-afirmação e aceitação nos ciclos onde está inserido – assim como explicam algumas teorias advindas da Psicologia – e o receio de haver rejeição pela sua religiosidade ou crenças faz com que estas características sejam negadas. Ainda segundo a Psicologia Geral, entende-se que esta aceitação pelo meio social faz parte da subjetividade do sujeito, o que corrobora com a última fala de Jackson Ricarte, quando acredita que essa é uma questão de caráter e não de religiosidade

Foi levada a Jackson a existência de um possível medo sobre aquelas pessoas que lhe procuram na esperança de serem ajudadas. Foi-lhe questionado se essas pessoas se mantêm no anonimato por terem medo da exposição e uma possível represália vinda da sociedade. O zelador diz que não acredita nesta hipótese e fez uma relação com um Santo cultuado na Igreja Católica para explicar sua resposta, ao mesmo tempo em que buscou esclarecer a narrativa sobre um possível sincretismo existente entre essas religiões (Candomblé e Católica):

(...) São Pedro não recebeu [represália] nenhuma porque negou Cristo, imagine Jackson Ricarte ou a casa de candomblé. E uma coisa que eu quero deixar bem explicado para o pessoal que não entende: o candomblé é muito mais velho que a igreja católica, o povo diz que nós temos o sincretismo religioso, nós não temos sincretismo religioso, quem criou o sincretismo religioso foi a igreja que criou Santa Barbara porque era do fogo e assim foi criando, São Jerônimo que era do raio, eles que botaram o santo igual ao santo da igreja, do candomblé, não foi o candomblé que copiou eles não(ENTREVISTA CONCEDIDA POR JACKSON RICARTE).

Se, novamente, a reflexão for retornada ao preconceito lançado contra o Candomblé, essa vontade de manter-se no anonimato sobre a visita e/ou busca pelo terreiro pode chegar a ser explicada, porém deve-se ter em mente que os seres humanos são sujeitos que possuem individualidades que devem ser respeitadas e, quando possível, entendidas. Portanto, prefere-se não impor posicionamentos ou opiniões acerca desta questão, já que este pensamento pode ser legítimo ou errôneo, o que somente seria possível de concluir através de uma nova investigação, com objetivos que – possivelmente – não fazer parte desta discussão.

#### **4.2. Percepções dos frequentadores do *Ylé Axé Runtó Rumbôci* acerca do Candomblé**

Já neste momento de exploração sobre os resultados conquistados na pesquisa de campo, utiliza-se somente uma entrevista<sup>93</sup>, que ocorreu com uma pessoa do sexo masculino, de 30 anos de idade, moradora do bairro onde está localizado o *Ylé Axé Runtó Rumbôci* e frequentadora dos rituais que são abertos à população em geral. Esta pessoa será identificada pelo nome fictício “Cardoso”, com o intuito de preservar sua identificação, assim como proposto nas normas éticas de pesquisa com seres humanos. A seguir estarão sendo apresentadas falas do entrevistado acerca da religião e a possível influência que a mesma possui em seu cotidiano.

Cardoso diz que conhece e acompanha o trabalho desenvolvido dentro do *Ylé Axé Runtó Rumbôci* desde seu nascimento, pois foi “criado” no mesmo bairro que o terreiro. Afirma que apesar deste envolvimento, não é iniciado na religião e nem chegou a sentir necessidade de tal ato até o momento da entrevista, porém se essa decisão tiver que ser tomada por alguma necessidade extrema e que não o ofereça outra opção, diz que se doará à religião sem problema algum.

Quando pediu-se para que Cardoso expressasse sua percepção acerca da Casa de Candomblé, o mesmo afirmou que:

Olha só, o *Ylé Axé Runtó Rumbôci* é uma casa, cara, que já acolheu diversos tipos de pessoas com problemas, e problemas tanto financeiro como de doença, entendeu? Vários tipos de problemas e sempre o Babalorixá Jackson Ricarte acolhe esse pessoal porque ele é um cara que constrói pontes na vida dos... das pessoas aqui, que vem de várias cidades, outros estados entendeu?(ENTREVISTA CONCEDIDA POR CARDOSO).

Através da fala de Cardoso foi possível perceber que o terreiro de Jackson Ricarte é um espaço religioso que não é utilizado somente para os cultos dos Orixás, mas também para auxílios de outras demandas diferenciadas da espiritualidade. Entende-se aqui que mesmo havendo certa rejeição que ocorre fora da religião, esta ainda busca pregar o acolhimento e auxílio ao outro, independentemente do motivo de procura ou de pessoa que se demonstra necessitada. É comum ainda perceber curiosidade sobre os rituais por parte da comunidade em geral, o que possa ser visto como um dos principais motivos de visita ao terreiro em dia de festa aberta ao público.

---

<sup>93</sup> Disponibilizada em anexo.

Quando se buscou trabalhar sobre preconceito lançado por outras religiões e possíveis visões negativas, Cardoso disse que:

(...) essa imagem que tem, que a maioria do pessoal tem do candomblé, que é essa imagem que um pessoal ignorante que tem essa imagem negativa, era pra eles antes de criticar deveria entender, sentar e estudar o que é realmente o candomblé que não é essa coisa negativa que a maioria do pessoal pensa, entendeu? (ENTREVISTA CONCEDIDA POR CARDOSO).

Mais uma vez o preconceito retorna enquanto foco da discussão, porém de maneira mais diferenciada, sendo caracterizado pelo desconhecimento da realidade. A idéia emitida pela etimologia da palavra “pre/conceito” já pode chegar a auxiliar nessa nova reflexão, onde as pessoas constroem ideias sobre algo/alguém antes mesmo de conhecer seus reais significados. E isso pode ser remetido ao pensamento apresentado anteriormente sobre o tema, pois provavelmente esse conceito pré-concebido sobre a religião ocorre pela história oral construída – defendida por Delgado (2013) – e repassada ao longo dos anos, talvez desde a época dos primeiros negros vindos da África.

Pode-se perceber que este preconceito não é lançado somente contra os praticantes do Candomblé, mas também aos seus simpatizantes, pois Cardoso relatou ter sofrido preconceito pelo fato de ser visto em público ao lado do zelador Jackson Ricarte, porém demonstrou não ter sentido constrangimento pela situação e pode-se identificar em sua fala que chegou a contestar a fala do outro:

(...) já me perguntaram “cara, você tava com Jackson em tal canto tal”, aí eu falei era, aí outro rapaz que tava próximo a mim falou “cara, você tava com ele, num sei o quê”, aí veio querer falar, aí eu falei “cara, deixe eu fazer uma pergunta aqui, tu conhece ele?”, aí ele falou não, “você conhece a religião?”, não, “então não critique uma coisa que você não conhece, cara, fique na sua” (ENTREVISTA CONCEDIDA POR CARDOSO).

Percebeu-se durante a fala de Cardoso que ele é um admirador da religião, assim como do zelador do *Ylé Axé Runtò Rumbôci*. Demonstrou essa questão principalmente nas expressões corporais enquanto falava-se sobre o espaço religioso, intensificando tais entoações no momento em que disse já ter necessitado do auxílio de Jackson Ricarte e ter recebido a ajuda quando procurada.

### 4.3. Percepções de representantes de outras religiões existentes na cidade de Cajazeiras – PB acerca do Candomblé

Neste último momento de apresentação de resultados conquistados durante a pesquisa de campo utilizar-se-á de mais duas entrevistas<sup>94</sup>, onde os participantes serão somente mencionados enquanto Representante Evangélico<sup>95</sup> e Representante Católico<sup>96</sup>, com o intuito de preservar uma possível identificação de cada um deles.

Perguntou-se ao representante evangélico sobre a reação de sua família ao saber que este estaria ingressando numa religião diferente da que eles seguiam, ele descreveu que:

Houve resistência, meus pais eles resistiram apesar deles serem católicos e não praticantes, mas resistiram, disseram que eu estava ficando louco, que tava fora de si e que isso não iria trazer benefício nenhum para mim (ENTREVISTA CONCEDIDA PELO REPRESENTANTE EVANGÉLICO).

Percebe-se nesse momento também a existência do preconceito, sendo que neste caso ocorreu de pessoas que se identificam enquanto católicas contra a religião evangélica. Provavelmente esta situação chegou a ocorrer pela construção histórica que o catolicismo percorreu dentro do Brasil, sendo cultivado – para a maioria das pessoas – enquanto sendo a religião “verdadeira”, enquanto as outras eram, na verdade, um desvio dos ensinamentos da divindade que o catolicismo identifica por Deus.

Sobre o sincretismo existente entre a religião católica e o Candomblé, o representante católico afirmou que essa não é uma discussão que pode acontecer de maneira tão superficial quanto às pessoas, em geral, acreditam. Ele disse que é necessário ver a relação histórica existente nessas concepções, ao mesmo tempo em que se devem considerar as vivências realizadas pelos negros escravizados que foram trazidos ao Brasil. Fala que corrobora totalmente com as idéias expostas até o presente momento pelo pesquisador desta produção.

O representante evangélico foi convidado a falar sobre os encontros ecumênicos, onde se tenta fazer a união de diversas religiões no intuito de levar os

---

<sup>94</sup> Disponibilizadas em anexo.

<sup>95</sup> Praticante da religião conhecida como evangélica há 20 anos, possuindo 38 anos de idade atualmente.

<sup>96</sup> Representante e sacerdote da Igreja Católica Apostólica Romana há 10 anos, sendo que está residindo em Cajazeiras – PB há 09 anos, possuindo 38 anos de idade atualmente.

ensinamentos das divindades cultuadas em cada uma delas para um único espaço. Ele afirmou não acreditar nessa possibilidade e complementou sua fala dizendo que:

(...) o ecumenismo que hoje em dia é propagado para que seja realizado, é um ecumenismo que é só para ser feito em pontos comuns, não visam realmente a palavra de Deus de forma plena, completa, porque é um jogo de interesses, aquilo que você acredita, que eu acredito, que o outro acredita, quem pode ser unido, aí a gente se une, mas os outros pontos discordantes quem não estão em harmonia, então não são aceitos. O verdadeiro ecumenismo que a bíblia fala é todos terem mesmo Deus, o mesmo Senhor, a mesma palavra, o mesmo ensino e andarem na mesma fé (ENTREVISTA CONCEDIDA PELO REPRESENTANTE EVANGÉLICO).

Nesse momento observou-se uma fala com certo conotativo que possivelmente indique preconceito, onde o representante da religião evangélica demonstra não acreditar que as outras religiões possam ter uma ou várias divindades religiosas consideradas superiores. Entende-se, através desta fala, que o representante evangélico expõe que somente a sua divindade – aqui nomeada por Deus – é possuidora da verdade e dos ensinamentos corretos, ou seja, quaisquer outras ideias que refutem o livro que ele considera sagrado – a Bíblia – são expressões errôneas e que não devem ser aceitas.

Pediu-se ao representante evangélico que expusesse sua opinião especificamente sobre as religiões vindas da África na época do descobrimento e cultuadas no Brasil até a atualidade, sobre tal, ele posicionou-se da seguinte forma:

(...) em relação a essas religiões afrobrasileiras, elas tem seus ensinamentos que infelizmente entram em choque com a palavra de Deus, porque (...) a bíblia fala que algumas práticas em relação a feitiçaria, sacrifícios, inclusive sacrifícios humanos eram praticados em muitos povos e até religiões que já foram extintas, nações, e praticavam isso e a bíblia ela abomina, a palavra de Deus infelizmente reprovava, porque segundo a bíblia são práticas satânicas (...) por incrível que pareça o povo que mais pratica feitiçarias no mundo são os africanos, então de lá originou-se todas essas religiões, (...) então a bíblia fala que essas formas de religiões, elas infelizmente tem um ponto negativo, porque exaltam a criatura no lugar do criador, infelizmente praticam magia, feitiçaria, que bíblia não aprova e tem como adoração a satanás e não a Deus e infelizmente pregam doutrina como no caso a imortalidade da alma, a reencarnação, coisas que a bíblia reprovava categoricamente (ENTREVISTA CONCEDIDA PELO REPRESENTANTE EVANGÉLICO).

E, novamente, se faz possível reconhecer certo preconceito do representante evangélico em relação às religiões que possuem raízes africanas. Tal ponto fica extrínseco quando o mesmo utiliza-se da palavra “feitiçaria” para definir os rituais

candomblecistas ou quando diz que os praticantes de tal religião – o Candomblé – não seguem os ensinamentos da divindade reconhecida como Deus na religião evangélica. Porém nesse momento não se pode afirmar a origem de tal preconceito, entretanto podem-se utilizar duas hipóteses distintas e que ao mesmo tempo perpassam por um mesmo caminho: o entrevistado pode ter recebido a influência de tal pensamento através da comunidade – antes de tornar-se evangélico – ou pode ter construído esse pensamento de acordo com os ensinamentos que recebeu dentro da igreja/relição a qual faz parte. Pensa-se dessa forma por haver o conhecimento de que os sacrifícios e rituais que ocorrem dentro dos terreiros de Candomblé são, na verdade, parte integrante de uma ideologia religiosa, onde todos possuem seus significados, não se devendo julgá-los enquanto sendo “feitiçaria” no sentido pejorativo da palavra.

Quando foi pedido ao representante católico que exibisse sua opinião acerca do Candomblé e dos preconceitos que alguns membros da Igreja Católica lançam contra os participantes e as ideologias cultuadas em religiões de origem africana, o mesmo disse que:

(...) em uma linguagem oficial da igreja católica, nós podemos dizer que a igreja sempre entendeu super bem todas as religiões, incluindo as religiões de matriz africana, como por exemplo, o Candomblé que nós temos aqui em Cajazeiras e assim por diante, é claro que somos todos pautados pelo respeito, pela tolerância religiosa. Religião em si, a própria palavra já nos diz, é um religação, religar, então qualquer proposta de religação com o sagrado, vinculando o homem ao sagrado, são propostas interessantes, a partir das questões doutrinarias é que começam as diferenças e em alguns pontos as divergências, no entanto eu tenho percebido que há uma superação bastante ampla de qualquer forma de preconceito, apesar de como eu disse, de ser uma igreja tão grande, alguns dos seus membros, não com a linguagem oficial da igreja, mas alguns membros isolados ainda insistem, talvez em nome de um cristianismo fundamentalista de desrespeitar, talvez por causa do sincretismo ou por causa das paixões que cada um tem, nós somos bairrista, né?!(ENTREVISTA CONCEDIDA PELO REPRESENTANTE CATÓLICO).

Acredita-se ser uma fala bastante significativa, pois se espera que as religiões e seus integrantes sigam pensamento como este exposto acima, onde o homem deve buscar a forma que mais se assemelha ao seu pensamento e aos seus sentimentos no momento de buscar alguma força espiritual superior. Sobre a relação que a paróquia católica a qual o representante entrevistado está à frente possui com os praticantes de Candomblé, o mesmo contou que:

(...) em Cajazeiras a convivência é muito salutar, nós nunca tivemos nenhuma objeção. Estou aqui a 9 anos e a paróquia está geograficamente no mesmo ambiente do espaço, do terreiro de Jackson e dos demais, e assim, nós nunca tivemos nenhum problema, pelo contrário, naquilo que é comum nós sempre participamos. Eu percebo nas atividades culturais da igreja sempre a presença e a colaboração de Jackson, assim como também nesse movimento contra as drogas nós temos sempre abertura aos movimentos e há sempre membros da sua comunidade religiosa que participam conosco na marcha contra as drogas e assim por diante, então a convivência é extremamente salutar (ENTREVISTA CONCEDIDA PELO REPRESENTANTE CATÓLICO).

Essa fala veio fortificar o pensamento exposto pelo mesmo anteriormente, demonstrando que as religiões católica e candomblecista conseguem conviver juntas e estarem inseridas no mesmo espaço. Corrobora-se com o representante católico quando este afirma que o mais importante para o estabelecimento e manutenção desta relação é o respeito, onde cada líder religioso – assim como os praticantes – deve buscar executar suas atividades de modo que não chegue a desconsiderar ou ofender o espaço e/ou a crença do outro.

Quando se questionou o representante evangélico acerca das possíveis formas de preconceitos que são lançadas contra os praticantes do Candomblé ou da Umbanda, o mesmo utilizou-se de passagens bíblicas para justificar os equívocos existentes nas religiões de matriz africana – segundo a visão do mesmo – e, conseqüentemente, tentar demonstrar que essas pessoas caracterizadas enquanto preconceituosas estão, na verdade, tentando mostrar o caminho espiritual correto àqueles que ainda não o encontraram. Percebeu-se a reafirmação de sua fala sobre não haver verdade numa outra religião que não seja a evangélica, fortificando o pensamento que se tem sobre a maioria dos evangélicos: que eles acreditam que somente o Deus cultuado por eles é a ponte de salvação para uma vida espiritual.

Desse modo, percebeu-se que o preconceito é ostensivo sobre o representante evangélico, mas que este ocupa um espaço diferenciado sobre o representante católico que, em seu discurso, demonstrou ter e praticar a tolerância religiosa, o que faz com que o respeito lançado ao seu posicionamento religioso deva obrigatoriamente ocorrer. Isso não implica dizer que não se deve respeitar a religião evangélica e seus praticantes, apenas reforça o entendimento de que a maioria dos evangélicos são possuidores de maiores preconceitos que os católicos.



## 5. Conclusão

Entende-se ser importante fazer a relação das falas encontradas no terceiro capítulo desta produção com o material disponibilizado na literatura do meio científico, fazendo-se, desse modo, uma síntese de tudo o que chegou a ser apresentada até o momento, levando-se em consideração também a construção histórica descrita nos capítulos anteriores.

Percebeu-se na fala dos praticantes iniciados de Candomblé que a entrada na religião pode acontecer de diversas formas, em alguns momentos por necessidades – espirituais, relacionadas à saúde ou outras formas – e noutros pela admiração e crença desenvolvida pelas ideologias apresentadas na espiritualidade com base nos Orixás. Porém acredita-se que a entrada em qualquer religião somente deve acontecer quando o indivíduo acredita nas ideias apresentadas por esta, pois como afirma Segalen (2002, p. 31), “o rito situa-se definitivamente no ato de acreditar em seu efeito, através das práticas de simbolização”.

Identificou-se que o preconceito familiar pode estar presente em qualquer religião. No caso dos praticantes de Candomblé não percebeu-se nenhum caso que remetesse a essa situação, porém o representante evangélico externalizou a reação de seus pais sobre esse momento, onde os mesmos foram contrários a tal decisão. Entende-se que o posicionamento da família é um ponto de grande influência na vida do indivíduo que opta por seguir outra religiosidade, pois:

Conversar sobre religião (39%) é o terceiro assunto mais comentado com o cônjuge, principalmente durante as refeições – só perdendo para assuntos envolvendo o trabalho (44%) e noticiários (43%). Contudo, uma análise mais profunda revela que a religiosidade está menos institucionalizada, a julgar, pelo menos, pela maior flexibilidade nos códigos morais (PORTO, n.d., p. 47).

Quando se buscou trabalhar com as questões voltadas de ao preconceito numa visão mais ampla – sendo em relação ao zelador, aos outros participantes ou

contra a própria religião – encontraram-se opiniões e entendimentos diferentes, onde o zelador disse não perceber esse tipo de manifestação, tendo sua ideia, inicialmente, corroborada pela participante que também é iniciada na religião, porém esta mesma chegou a afirmar posteriormente que ainda há pessoas com mentalidades minimizadas e que não buscam conhecer novos horizontes antes de denegri-los.

O morador do bairro e não praticante disse perceber a existência desse preconceito, chegando a exemplificar um determinado momento que presenciou a exibição de uma prática preconceituosa. Já o representante da religião católica demonstrou-se aberto em relação às outras religiões, ao mesmo tempo em que declarou uma fala baseada no respeito. Porém o representante evangélico demonstrou irredutível em sua crença de que as religiões com descendência africana são, na verdade, cultuadoras de divindades consideradas malignas, chegando a expressar forte preconceito contra estas, baseando-se sempre nas palavras que se encontra na bíblia. Acerca do assunto, Silva (2007, p. 9-10) afirma que:

Verifica-se no Brasil das últimas duas décadas um acirramento das igrejas neopentecostais contra as religiões afro-brasileiras (...). Esse ataque é resultado de vários fatores, entre os quais podemos destacar: a disputa por adeptos de uma mesma origem socioeconômica, o tipo de cruzada proselitista adotada pelas igrejas neopentecostais (...) e, do ponto de vista do sistema simbólico, o papel que as entidades afro-brasileiras e suas práticas desempenham na estrutura ritual dessas igrejas como afirmação e uma cosmologia maniqueísta.

Ao trabalhar a percepção que os entrevistados possuem sobre o Candomblé, encontrou-se três diferentes posicionamentos: as duas pessoas iniciadas e o morador do bairro acreditam nas ideologias apresentadas por esta religião; o representante da Igreja Católica colocou-se enquanto um respeitador do espaço, afirmando que as pessoas devem buscar a espiritualidade que a deixe no caminho do amor e da solidariedade com o outro; o representante evangélico colocou-se contrário ao que é proclamado pelo Candomblé, pois acredita que essa religião não condiz com as palavras da divindade chamada por “Deus” em seu espaço religioso.

E quando se buscou a opinião dos representantes das três religiões – Candomblé, Católica e Evangélica – acerca da possibilidade de união destas num único espaço em momentos específicos, entendeu-se que o candomblecista e o

católico disseram acreditar nessa união e compartilhamento de ideias; porém o praticante da religião evangélica afirmou não acreditar que tal união seja possível, pois elas caminham em estradas opostas. Corrobora-se com Silva (2007) quando defende a ideia que mais importante que tentar vencer a guerra sobre qual religião se sobrepõe em relação à “salvação” é, na verdade, buscar respeitar as opções e crenças que os sujeitos possuem acerca das diversas formas as quais a espiritualidade pode manifestar-se, baseando sempre no respeito.

Em suma, percebeu-se que alguns pontos se cruzam nas três religiões pesquisadas em campo através deste Trabalho de Conclusão de Curso, ao mesmo tempo em que surgem pontos divergentes. Porém acredita-se que esta percepção somente surgiu por haver um tema central trabalhado com os entrevistados, principalmente em relação ao representante evangélico que, sempre que possível, buscava apresentar as ideias propostas pela bíblia, não deixando claro se aquele pensamento seria pessoal ou baseado em sua religião.

## Referências

- AGUIAR, J. C. T. M. **Os Orixás, O Imaginário E A Comida No Candomblé**. 2012. Disponível em <http://www.seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1834/1620> Acesso em 22 de setembro de 2016.
- ALBERTI, V. “Histórias dentro da História”. In: **Fontes Históricas**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ALLPORT, G. **The Nature of Prejudice**. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.
- ARAÚJO, V. A. B., ACIOLY, A. C. Intolerância contra afro-religiosos: conhecendo o candomblé dentro de sala de aula. **XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB**. V. 17, n. 1, 2016.
- AUGRAS, M. **O duplo e a metamorphose**: a identidade mítica em comunidades nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BARROS, M. (Org.). **O candomblé bem explicado**. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.
- BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BBC BRASIL. **Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância no Brasil?** 2016. Disponível em [http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120\\_intolerancia\\_religioes\\_africanas\\_jp\\_rm](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160120_intolerancia_religioes_africanas_jp_rm) Acesso em 27 de junho de 2017.
- BELLONI, M. L. “A mundialização da cultura”. In: **Sociedade e Estado. Revista Sociologia da Cultura**. Vol. IX, Números 1:2, janeiro-dezembro, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BENISTE, J. **As águas de Oxalá**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BENISTE, J. **Mitos Yorubás**: o outro lado do conhecimento. 6ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- BRASIL 247. **Candomblé e Umbanda, as maiores vítimas da intolerância religiosa**. 2017. Disponível em <https://www.brasil247.com/pt/247/favela247/167362/Candombl%C3%A9-e-Umbanda-as-maiores-v%C3%ADtimas-da-intoler%C3%A2ncia-religiosa.htm> Acesso em 27 de junho de 2017.
- CARMO, J. C. do. **O que é candomblé**. São Paulo: Brasiliense-Coleção Primeiros Passos, 2006.

CASTRO, V. V. **DAN: a serpente arco-íris**. 2012. Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/13833/7847> Acesso em 12 de agosto de 2016.

DELGADO, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**. 6, 9-25, 2003.

EVANGELISTA, D. F. Emoção não é coisa de Ekéji: mudanças de status e relações de poder no Candomblé. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol4, no1, p. 93-106.

EXTRA. **Estudante agredida por intolerância religiosa dentro da escola não quer voltar ao colégio**. 2015. Disponível em <https://extra.globo.com/noticias/brasil/estudante-agredida-por-intolerancia-religiosa-dentro-de-escola-nao-quer-voltar-ao-colegio-17650415.html> Acesso em 27 de junho de 2017.

FERREIRA, D. F. **Mulher Búfalo: o processo criativo na construção de uma performance**. 2011. Disponível em <http://200.144.189.42/ojs/index.php/anagrama/article/view/7600/6996> Acesso em 12 de agosto de 2016.

FLAKSMAN, C. **Relações e narrativas: o enredo no candomblé da Bahia**. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rs/v36n1/0100-8587-rs-36-1-00013.pdf> Acesso em 12 de agosto de 2016.

FORT, C. W. **O herói com rosto africano: mitos da África**. São Paulo:Summus, 1999.

FREITAS, J. P., MEDEIROS, M. C. S., SILVA, J. A. L., SILVA NETO, M. F. **Religiões afro-brasileiras: estudo de caso do candomblé em Cajazeiras – PB**. 2013. Disponível em <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/7577/5254> Acesso em 19 de agosto de 2016.

HISTÓRIAS DO POVO NEGRO. **Banquete dos Orixás**. n.d. Disponível em <https://historiasdopovonegro.wordpress.com/fe-2/banquete/> Acesso em 28 de junho de 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf) Acesso em 27 de junho de 2017.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Perfil dos municípios brasileiros 2011**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250370&search=paraiaba|cajazeiras> Acesso em 19 de agosto de 2016.

LIMA, V. da C. “Organização do grupo de candomblé. Estratificação, senioridade e hierarquia”. In: MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de (org.). **Culto aos orixás: voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras**. Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p.79-132.

MACHADO, C. de P. **A Designação da Palavra Preconceito em Dicionários Atuais**. 2007. Disponível em <http://www.iel.unicamp.br/ojs-234/index.php/sinteses/article/view/831/590> Visualizado em 30 de julho de 2017.

MAGGIE, Y. “O arsenal da macumba”. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões Afro-Brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1, nº 6, dez. 2005.

MIDIA NEWS. **Preconceito leva 70% dos terreiros a viverem na clandestinidade**. 2016. Disponível em <http://www.midianews.com.br/cotidiano/preconceito-leva-70-dos-terreiros-a-viverem-na-clandestinidade/273002> Acesso em 27 de junho de 2017.

MOTTA, R. “Antropologia, pensamento, dominação e sincretismo”. In: **Política & Trabalho**. Ano 18, nº 18, Joao Pessoa, 2002.

MUNANGA, K. A. Preservação da Memória da Cultura Negra. **Semana da Consciência Negra**. São Paulo, nov. 1992.

O ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **Religiões de origem africana lutam contra a intolerância religiosa**. 2017. Disponível em [http://www.oestadoes.com.br/\\_conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contra-intolerancia-religiosa.html](http://www.oestadoes.com.br/_conteudo/2017/05/cotidiano/geral/11712-religoes-de-origem-africana-lutam-contra-intolerancia-religiosa.html) Acesso em 27 de junho de 2017.

OLHOS DE OXALÁ. **Conhecendo Procópio de Ogum**. 2012. Disponível em <http://olhosdeoxala.blogspot.com.br/2012/04/conhecendo-procopio-de-ogum.html> Acesso em 28 de junho de 2017.

OLIVEIRA, M. A. **Reflexão da historiografia africana: compreensão dos contos e lendas da criação**. 2011. Disponível em <http://seer-adventista.com.br/ojs/index.php/praxis/article/view/167/163> Acesso em 09 de agosto de 2016.

ORTIZ, R. **A morte branca de um feiticeiro negro: Umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PASSOS, M. M. V. **Oiá Bethânia: Amálgama de mitos**. 2004. Tese (graduação em Comunicação Social) – Universidade Estadual da Bahia, BA.

PEIRANO, M. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, C., TORRES, A. R. R., ALMEIDA, S. T. **Um Estudo do Preconceito na Perspectiva das Representações Sociais: Análise da Influência de um Discurso Justificador da Discriminação no Preconceito Racial**. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/prc/v16n1/16801.pdf> Visualizado em 30 de julho de 2017.

PORTO, R. M. **Família e religião**. n.d. Disponível em <http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/5071.pdf> Acesso em 15 de abril de 2017.

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

RABELO, M. C. M. **Aprender a ver no candomblé**. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v21n44/0104-7183-ha-21-44-0229.pdf> Acesso em 12 de agosto de 2016.

- REIS, J. J.. Bahia de todas as Áfricas. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões Afro-Brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1, nº 6, dez. 2005.
- ROCHA, A. M. **As Nações Kêtu**: origens, ritos e crenças: os Candomblés antigos do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2000.
- RODRIGUES, N. **Os africanos no Brasil**. 6ª ed. São Paulo: Ed. Nacional, Universidade de Brasília, 1982.
- ROSE, A. M. A Origem dos Preconceitos. In: **Raça e Ciência II**. Coleção Debates. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- SCHWARCZ, L. K. M. **Navio Negroiro**: cotidiano, castigo e rebelião escrava. São Paulo, nov., 1995.
- SEGALEN, M. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002, p.17-38.
- SILVA JÚNIOR, J. V. **O Ylé Axé RuntóRumbôcina Cidade de Cajazeiras-PB**: africanidades cajazeirenses. 2015. 106f., Orientadora Dra. Silvana Vieira de Sousa, Monografia (Graduação) – UFCG/CFP.
- SILVA, D. M., CALAÇA, M. C. F. **Arte Africana & Afro-Brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Terceira Margem, 2007.
- SILVA, V. G. **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
- SILVEIRA, R.da. “Do Calundu ao Candomblé”. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. **Fé na África**. Religiões Afro-Brasileiras: um encontro de crenças, raças e etnias. Ano 1, nº 6, dez. 2005.
- UOL NOTÍCIAS. **Menina é apedrejada na saída do culto de candomblé no Rio**. 2015. Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2015/06/16/menina-e-apedrejada-na-saida-de-culto-de-candomble-no-rio.htm> Acesso em 27 de junho de 2017.
- VERGER, P. F. **Lendas africanas dos Orixás**. 4ª ed. Salvador, Corrupio: 1997.
- VERGER, P. F. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns**. Tradução de Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Edusp, 2000.

## **ANEXOS**



## **ENTREVISTA CONCEDIDA PELO ZELADOR JACKSON RICARTE (JR)**

Cajazeiras, 21 de março de 2017.

**WN: Seu Jackson em outras entrevistas o senhor já falou que sua iniciação se dá aos 12 anos de idade, essa iniciação ela foi espontânea, ela foi indicação, qual foi o fator que levou o senhor a se iniciar no candomblé?**

**JR:** Saúde, eu tinha um problema que povo dizia que era epilepsia, ai tive que ir, ai fui para os médicos, os médicos disseram que não, um dos médicos em Campina Grande que eu não lembro o nome, eu lembro que o nome dele era Mesquita não lembro bem o nome, que eu era menino, tinha 11 anos e 5 meses, ai ele falou que era um problema espiritual. Ai eu tive que sair para Bahia, na Bahia me cuidei, quando eu cheguei em Rio de Janeiro foi que eu fiz santo, não por opção e sim por necessidade.

**WN: Uma criança com 12 anos de idade, a base familiar foi abalada, houve muito conflito interno ou a família do senhor aceitou de mediatamente essa condição?**

**JR:** Minha mãe sempre foi uma pessoa o seguinte, não dava muita satisfação, é como eu, a ninguém. Se ela comentou com alguém, eu não sabia se houve algum comentário familiar, soube que houve conversa entre ela e minha tia, mas outras pessoas da família eu não sei lhe dizer isso.

**WN: Logo em seguida quando o senhor fez santo já no Rio de Janeiro, o senhor chega a Cajazeiras mais ou menos em que data?**

**JR:** Eu sei que foi no mês de março, que agora em março agora, vai fazer 46 anos, em março agora, vai fazer 46 anos.

**WN: Então nesse caso, em Cajazeiras mas abre na Paraíba a primeira casa de candomblé do culto ketu?**

**JR:** Sim, foi a primeira casa a ser aberta, foi em Cajazeiras. Muito difícil porque, eu sou uma pessoa que não sou sabedor de muita coisa, eu sou uma pessoa que tenho as minhas intuições, então para passar intuições é difícil, não se passa, a gente tem. Muito difícil, mas foi indo, foi indo e tá ai a casa até hoje graças a Deus.

**WN: Quando o senhor chega em Cajazeiras para abrir sua casa de axé baseado no culto do candomblé especificamente da raiz de ketu, Cajazeiras já existia casa de umbanda e se existisse houve alguma rejeição, foi difícil implantar por conta disso? Quando o senhor coloca, instaura o candomblé aqui na cidade o pessoal que praticante da umbanda que é também uma religião de matriz afro, aceita sem nenhum questionamento?**

**JR:** Não, nunca houve nenhum preconceito comigo em forma nenhuma, preconceito para mim só é atingido quando eu sei né, se comentaram por fora não, mas o pessoal quando eu cheguei aqui tinha dona Francisca Santa Cruz e uma mulher chamada Nivia e dona Maria Pereira. E nunca sofri, ao contrário, quando eu chegava na casa delas, elas tratavam com grande orgulho com grande beleza, você sentia que ela estava recebendo com alma e não por receber. E elas não sabiam fazer distinções entre umbanda e nem candomblé e eu também nunca fiz. Eu acho que toda religião ela é linda, seja ela qual for. Faça o bem e não olhe a quem e o resto deixe com Deus.

**WN:** A casa Ilé Axé RuntóRumbôci é conhecida por muitos por receber e abrigar pessoas de diversas nações, diversa escolhas, pessoas que são de umbanda, de candomblé e até mesmo nós temos relatos de pessoas que eram católicos e vieram aqui para fazer visita, assistir algum festejo e acabaram que ingressaram na religião. Isso já de costume, já tem isso desde que abriu ou isso vem acontecendo com o tempo com desmistificação o pessoal foi descobrindo que a imagem demoníaca, que muita gente pinta é fica só no imaginário e quando vem visitar vê que a realidade é diferente e resolve entrar?

**JR:** Não, sempre houve isso que religião cada um tem a sua. 95% das pessoas que vem a candomblé vem por necessidade. Ah eu acho bonito, festa é muito bonito, os bastidores é que da trabalho, é como um peça quando uma pessoa monta um teatro, é lindo a apresentação mas ninguém sabe o vocês passaram lá nos bastidores, então os bastidores é muito cansativo, é coisa muito cansativo então quando a pessoa vem digo pessoal é melhor vir nos bastidores um dia para observar que não só beleza de festa, que festa ela é bonita, a gente não trabalha para ela né, quem trabalha é que sabe o tanto que é uma festa de candomblé seja que tipo de festa for.

**WN:** O senhor é conhecido na cidade como Jackson Ricarte que é Babalórìsà, zelador e líder, chefe de uma casa de axé muito conhecida e respeitada na Paraíba inteira, mas também como Jackson pessoa, Jackson que gosta de ajudar as pessoas que estão nos a redores da sua casa, essas pessoas por diversas vezes umas entraram no candomblé ou não entraram, umas entraram e saíram e outras continuam com a ligação de amizade e respeito também sem a obrigação de participar da religião, o senhor acredita que essa função ela independe da religião ou ela tem que ser feita por Jackson só Jackson ou também pode e deve ser ligado por Jackson Ricarte pessoa assim como Jackson RicarteBabalorixá?

**JR:** Antes de você ser um líder religioso, não importa de que nação, de que seja, você tem ser primeiramente humano e tem que aceitar as pessoas conforme elas são, tem pessoas que não aceita muito, então a gente se afasta deixa cada uma na sua, e tem outras que continuam amizade que uma coisa não tem nada haver com a outra, Deus está dentro de todos nós como os orixás. Ele dá o nosso caminho, se a gente quer seguir ou não é problema da gente, agora lembre-se quando a gente deixa a mala em um canto, sempre volta depois para buscar e as vezes ela está sem alça.

**WN:** Essas ações, o senhor acredita que o fato da pessoa Jackson Ricarte tem ajudado muita gente e a gente sabe que ação é uma atitude que se espalha com facilidade, então senhor acha que a ação feita por Jackson Ricarte tem influência direta ou indireta na casa de axé Jackson Ricarte líder espiritual?

**JR:** Eu quando eu faço eu ligo as duas coisas, mas todo mundo sabe o que eu sou no sentido espiritualmente, vem a ligação de qualquer forma e quando faço, faço que eu gosto de fazer, eu nasci dessa forma e vou continuar fazendo, as pessoas dizem: ah, fulano é ingrato, sicrano é ingrato, não me interessa isso, eu estou fazendo a minha parte, contribuindo da minha maneira e cada um de nós só da aquilo que temos eu dou aquilo que tenho para dá.

**WN: O candomblé hoje ele já é visto com maior aceitação até mesmo pelas outras religiões de matriz afros ou não, no caso do pessoal evangélico, os católicos enfim hoje a sociedade já busca a visualização dessa religião, o senhor acredita que Cajazeiras, como o senhor já colocou que nunca sofreu nenhuma espécie de retaliação, mas o senhor acredita que em Cajazeiras esse preconceito com o candomblé ainda é muito forte?**

**JR:** Eu sou uma pessoa difícil de julgar porque eu nunca vi ninguém falando da minha casa ou de minha pessoa ou menosprezando por eu ser de religião seja lá qual fosse, não, para mim não. Eu conheço pessoas que dizem que é, são falam muito de casa tal, casa tal, mas também tem também o comportamento do zelador, para a gente ser zelador de uma casa tem que abdicar de muita coisa da vida mundana, e todo mundo sabe em Cajazeiras que eu sou uma pessoa que primeiramente, me respeitei, porque se eu não me respeito não posso fazer ninguém me respeitar, sempre respeitei as pessoas, não discuto religião, cada um tem a sua religião e amor cada um tem o seu e cada um usa da forma que deve. Eu tento usar da forma melhor possível, não sou perfeito, mas eu tento usar aquilo que me ensinaram, que me passaram, então eu tento criar uma situação que seja bonita para todo mundo e se alguém me agredisse por qualquer uma situação ou de religião ou de opção sexual eu ia olhar para essa pessoa só daria risada, porque isso daí são coisas de pobreza espiritual que é a pior que tem, por mais dinheiro que tenha nunca vai conseguir ser feliz.

**WN: Hoje aqui em Cajazeiras nós temos alguns movimentos que muitas religiões em busca de um ato ecumênico, nas caminhadas que já acontecem hoje na cidade vê um número muito grande de evangélicos, número muito grande de católicos, mas a gente não vê ainda a inserção da pessoa da religião afro, imagino o por que disse, uma justificativa do por isso?**

**JR:** Eu acho que a diversidade tem que existir, eu acho que o problema de muita gente do candomblé ou de qualquer religião afro é o seguinte ir para conversar e não ter atitude de como eu fui duas vezes para a câmara municipal que nem convidado e eu fui, e não ter atitude depois e só conversare não ajudar nada, então é melhor nem conversar. Não adianta eu está com a mesa posta você chegar na minha casa e não lhe oferecer nenhum café, então é melhor uma mesa sem nada e aos poucos colocar a comida nela.

**WN: O Jackson Ricarte que hoje caminha em cajazeiras e que encontra as portas abertas para qualquer coisa que resolva fazer é o Jackson que se colocou enquanto pessoa na cidade. Mas o Jackson Babalórissà, ou zelador que muita gente busca existe uma negação por parte de muitas pessoas que aqui caminham por vez ou outra quando questionado são se negam ou omitem ter buscado o candomblé como o senhor bem disse por necessidade. O senhor acredita que isso seja medo da pessoa de receber retaliação por parte da sociedade?**

**JR:** Não, creio que não, porque Pedro, São Pedro não recebeu nenhuma porque negou Cristo, imagine Jackson Ricarte ou a casa de candomblé. E uma coisa que eu quero deixar bem explicado para o pessoal que não entende, o candomblé é muito mais velho que a igreja católica, o povo diz que nós temos o sincretismo religioso, nós não temos sincretismo religioso, quem criou o sincretismo religioso foi a igreja que criou Santa Barbara porque era do fogo e assim foi criando, São Jerônimo que

era do raio, eles que botaram o santo igual ao santo da igreja, do candomblé, não foi o candomblé que copiou eles não.

**WN: Nós temos dados históricos de que quando os negros vieram da África para cá suas religiões já estavam fixadas e tiveram que seguir o sincretismo por uma questão da igreja católica, o cristianismo impôs sua religião aos negros, e como o senhor coloca nesse momento, o ainda acha que hoje 2017, existe por parte do candomblecista uma omissão ou vontade de não colocar para a sociedade sua real interesse, sua real vontade religiosa com medo dessa perseguição?**

**JR:** Ah, eu creio que sim, porque tem muita gente pequena em todas elas, em todas as religiões tem gente pequena. Eu não omiti porque eu só faço aquilo que gosto e aquilo que creio, eu só acendo uma vela para aquele orixá que eu creio nele, se não, não acenderia uma vela não, eu acho que o que falta neles é personalidade, isso já é uma questão de caráter e não de religiosidade.

**WN: Ok, muito obrigado seu Jackson, se o senhor quiser concluir e deixar alguma coisa estamos prontos.**

**JR:** Eu agradeço a todos vocês e quando falar de qualquer uma religião só falem se vocês souberem, quando eu digo falar pode ser bem, pode ser mal, a gente estuda um pouquinho para poder falar de alguma delas, então é necessário saiba o que está dizendo, toda religião para elas é bonita, não existe os que atacam religião, essas pessoas devem ser infelizes, porque quando a gente é feliz a gente não ataca ninguém. Obrigado e sucesso para vocês.

**ENTREVISTA CONCEDIDA POR UM PARTICIPANTE DO CANDOMBLÉ QUE PASSOU PELOS RITUAIS DE INICIAÇÃO E É MORADORA DO BAIRRO ONDE ESTÁ O YLÉ AXÉ RUNTÓ RUMBÔCI, SENDO IDENTIFICADA AQUI PELO NOME FICTÍCIO DE JULIANA (JU)**

Cajazeiras 22 de março de 2017.

**WN: Quanto tempo faz que a senhora mora nesse bairro?**

**JU:** Exatamente 26 anos.

**WN: A senhora é casada?**

**JU:** Solteira.

**WN: Tem filhos?**

**JU:** Não.

**WN: Qual a sua idade, por favor?**

**JU:** 26 anos.

**WN: Então a senhora acaba de nos informar que nasceu e criou nesse bairro?**

**JU:** Exatamente.

**WN: A senhora nos informa que desde seu nascimento, mora perto, mora nas imediações do YléAxé Runtó Rumbôci, o que a senhora pode me falar sobre atuação do YléAxé Runtó Rumbôci, tanto com a sua família como nas mediações?**

**JU:** Bem, o que eu tenho a falar, é que exatamente, desde como me criei aí nas mediações, eu tenho como minha segunda casa, convivi com todos os pessoais, com o próprio Babalorixá que é o senhor Jackson, sempre tive uma relação boa com todo mundo. Pra mim foi candomblé escola, o qual aprendi muita coisa também. E é isso aí tive uma boa relação com todos.

**WN: Dona Juliana, essa boa relação que a senhora coloca que teve, a senhora percebe que esta relação se estende aos outros moradores do bairro também?**

**JU:** Sim, também, certeza.

**WN: Essa relação de amizade foi construída com o passar do tempo, não só com sua família, mas com todo mundo das proximidades do YléAxé RuntóRumbôci, se fosse abordados fariam bem também?**

**JU:** Exatamente, certeza absoluta.

**WN: Por que a senhora acha isso?**

**JU:** Ele é uma pessoa ótima, de bom coração, tanto ajuda nas mediações do bairro, tanto quanto fora, não importa, na cidade no geral.

**WN: A senhora vivenciou ou presenciou nesse tempo que a senhora acompanha o Ylé Axé Runtó Rumbôci é uma casa de axé que é muito frequentada?**

**JU:** Sim, muito, muito, muito.

**WN: Há alguma distinção de classe social, situação financeira, de cor ou essa casa está aberta a todo mundo?**

**JU:** Ela está aberta a todo mundo, a todo povo, criança, jovem, preto, branco, amarelo, qualquer pessoa.

**WN: Como a senhora pode me falar como se daria se a senhora tiver conhecimento é claro, como é que se dá essa relação de auxílio de quem busca a casa de axé Runtó Rumbôci, mesmo que essa pessoa não seja uma pessoa que tenha dinheiro ou alguma posse. Essas pessoas que procuram ajuda elas são atendida independente de ter dinheiro ou não, existe um ato social no Ylé Axé, ou existe mais a imagem de quem só procura quem tem dinheiro?**

**JU:** Não, não, não. Quando chega ai, depende do caso, tem ato social sim, não é só quem tem dinheiro.

**WN: Dona Juliana, a senhora coloca que Jackson Ricarte é uma pessoa muito boa, a figura Jackson Ricarte para a senhora seria o que?**

**JU:** Como citei no começo. Jackson Ricarte pra mim e o Babalorixá Jackson Ricarte pra mim são as mesma pessoa, porque sempre eu tratei como o mesmo, nunca tratei com diferencieei do Babalorixá Jackson com a pessoa dele em si mesmo, a casa dele, sempre tive a relação com ele a mesma. Tanto faz ele como Babalorixá ou a pessoa dele.

**WN: A senhora conhece alguém, ou a senhora foi e quiser conversar claro sobre isso, a senhora conhece alguém que foi ajudado direto ou indiretamente pela figura Jackson Ricarte?**

**JU:** Meu irmão. Ele um certo tempo passou por crises convulsivas o qual foi feito todo tipo de exame e não dava nada e ele foi e acolheu.

**WN: Seu irmão teve a dificuldade sanada? Foi resolvida?**

**JU:** Certeza.

**WN: Isso seria a atuação do Jackson Ricarte Babalorixá, a atuação do Jackson Ricarte pessoa, ela ultrapassa os limites do axé? Em que sentido eu pergunto, a senhora conhece alguém que foi ajudado por ele enquanto pessoa ou financeiramente ou até mesmo usando da amizade que tem para conseguir algum benefício, algum emprego, alguma coisa desse tipo, pela influência que ele tem na cidade, conhece alguém, ou a senhora mesma, ou alguém da sua família, que foi ajudado por Jackson Ricarte?**

**JU:** Conheço sim, eu mesma foi uma que, ele quanto a pessoa Jackson Ricarte, ele com a grande influência que ele tem na cidade, conseguiu meu primeiro emprego, cujo o qual estou lá até hoje e também o do meu irmão.

**WN: A senhora faz uma diferenciação muito interessante da figura Jackson Ricarte mas toca muito no Babalorixá Jackson Ricarte, quando a senhora cita o termo “Babalorixá” a senhora é conhecedora?**

**JU:** Sim, porque cujo o qual eu tenho mais intimidade para conversar a pessoa Babalorixá, porque quanto ele na casa dele eu não sou muito de frequentar.

**WN: Essa intimidade que a senhora dispõe do babalorixá Jackson Ricarte, a senhora por ventura seria iniciada no candomblé?**

**JU:** Como citei no começo nasci e me criei nas mediações do Ilé Axé Runtó Rumbôci, passei de 3 a 4 anos como Abiyán/simpatizante, mas hoje me iniciei, infelizmente não foi no terreiro dele, foi na casa do Ilé Axé Yapará na pessoa do Babalorixá Jucelino de Omileji dewá.

**WN: A senhora acredita que sua entrada no candomblé se deu por a senhora ter acompanhado o senhor Jackson e as pessoas que são adeptos a ele, essa possibilidade de ajudar quem procura?**

**JU:** Sim.

**WN: Sendo frequentadora, inicialmente como Abiyán, como a senhora colocou, hoje iniciada, a senhora acredita que o candomblé ele realmente sofre preconceito?**

**JU:** Sofre bastante.

**WN: A senhora já foi vítima de alguma espécie?**

**JU:** Não, eu não. A minha pessoa não.

**WN: Mas a senhora já acompanhou, já viu ou soube de alguém que foi chacoteada, ou prejudicada por conta o preconceito da sua escolha religiosa?**

**JU:** Que eu me lembre não.

**WN: A senhora acha que na visão dos outros, e quando falo outros falo das outras religiões, há uma espécie de demonização do candomblé em Cajazeiras?**

**JU:** Não, não existe.

**WN: Então na cabeça das outras pessoas das outras religiões o candomblé tem nada satânico e não tem nada com demônio?[A ENTREVISTADA PEDIU QUE A PERGUNTA FOSSE REFEITA] A senhora acha que na cabeça de pessoas que são frequentadoras de outras religiões, adeptos de outras religiões existe um processo de assimilação ou de imaginação de que no candomblé só existe o que não presta existe demônio, existe satanismo ou coisa do tipo?**

**JU:** Certeza, para quem não conhece o que é o candomblé, na cabeça deles passam muito isso, pessoas ignorantes que também não tem a humildade de respeitar o próximo e entender o que é a religião dele.

**WN: Então se por ventura qualquer pessoa que adepto de outra religião tivesse a possibilidade ou a curiosidade de conhecer o candomblé ou pelo menos visitar, a senhora acredita que o processo do preconceito seria reduzido?**

**JU:** Certeza. Tenho certeza absoluta que sim.

**WN: Ao invés de criticar e acusar, seria mais fácil conhecer?**

**JU:** Com certeza.

**WN: A gente agradece a colaboração dona Juliana, fico muito agradecido e fica o espaço aberto se a senhora quiser fazer alguma consideração.**

**JU: Obrigada.**



**ENTREVISTA CONCEDIDA POR UM MORADOR DO BAIRRO ONDE ESTÁ O YLÊ AXÉ RUNTÓ RUMBÔCI, SENDO IDENTIFICADO AQUI PELO NOME FICTÍCIO DE CARDOSO (CA)**

Cajazeiras 22 de março de 2017.

**WN: Boa noite seu Cardoso, qual é a sua idade?**

**CA:** Boa noite. Minha idade é trinta anos.

**WN: O senhor é casado, tem filhos?**

**CA:** Casado.

**WN: Há quanto tempo o senhor mora aqui no bairro?**

**CA:** Justo, trinta anos.

**WN: Então o senhor me diz que nasceu e criou-se aqui?**

**CA:** Exatamente

**WN: Qual a referencia que o senhor tem do YlêAxé RuntóRumbôcina sua vida?**

**CA:** Olha só, o YLÊ AXÉ RUNTÓ RUMBÔCI é uma casa “cara” que já acolheu diversos tipos de pessoas, com problemas e problemas tantofinanceiro como de doença, entendeu? Vários tipos de problemas e sempre o babalorixá Jackson Ricarte acolhe esse pessoal porque ele é um cara que constrói pontes na vida dos...das pessoas aqui que veem de várias cidades, outros estados entendeu?

**WN: Seu Cardoso, então o senhor me diz que desde sua infância o senhor recorda de que a casa de axé RUNTÓ RUMBÔCI, ela é uma casa que é muito movimentada devido muitas pessoas terem buscado o auxílio do senhor Jackson Ricarte por diversos motivos, não só pessoas de Cajazeiras mas também de outros locais?**

**CA:** Com certeza, de outros locais, vários estados, aqui da redondeza, é, de várias classes sociais, rico, pobre, entendeu?

**WN: O senhor especificamente, já houve a necessidade de buscar o axé, a casa de axé, o espaço espiritual RUNTÓ RUMBÔCI?**

**CA:** Eu já sim, sim.

**WN: O senhor se arrependeu?**

**CA:** Não. Pelo contrário.

**WN: A casa, o YLÊ AXÉ RUNTÓ RUMBÔCI ela tem a frente a pessoa de Jackson Ricarte. Qual a referência, qual a imagem que o senhor tem do homem Jackson Ricarte?**

**CA:** Cara, Jackson Ricarte, pra mim, como eu a conheço a mais de vinte anos, é um cara que constrói pontes, ele sempre tenta ajudar de qualquer forma o pessoa que o procura entendeu? E papa o melhor ainda, o pessoal sai muito satisfeito.

**WN: O senhor teve, na sua vida ou na vida de algum parente ou de um colega seu, um conhecido seu ou outra pessoa que more aqui no bairro o senhor vivenciou algum momento em que a pessoa Jackson Ricarte, independente de religiosidade, ele veio em ajuda e saiu em ajuda a alguma pessoa?**

**CA:**Já sim, com certeza.

**WN:** Em conversas com outras pessoas, nós escutamos, nas entrevistas foram ditas que ele usa inclusive da boa sociabilidade que tem, para tentar arrumar empregos para pessoas que são moradores do bairro pra tentar continuar ajudando essas pessoas através da amizade que ele disponibiliza aqui na cidade, o senhor concorda ou o senhor discorda disso?

**CA:**Eu concordo porque sou um deles. Ele mesmo já arrumou emprego pra mim, minha esposa hoje é empregada devido a ele, vários amigos meus e eu já consegui também empregar família minha, primos, vizinhos, em prol da amizade que eu tenho com ele.

**WN:** Seu Cardoso, o senhor acredita que se outras pessoas de diferentes religiões tivessem o acesso que o senhor teve ao seu Jackson e a casa Runtó Rumbôci, mesmo que independente de ser iniciado ou não, talvez o pensamento do que realmente é o candomblé e essa imagem demoníaca poderia ser apagada?

**CA:** Com certeza,cara,essa imagem que tem que a maioria do pessoal tem do candomblé,que é essa imagem que um pessoal inguinorante que tem essa imagem negativa,era eles antes de criticar deveria entender,sentar e estudar o que é realmente o candomblé que não é essa coisa negativa que a maioria do pessoal pensa,entendeu?

**WN:** O senhor é iniciado?

**CA:** Não,não.

**WN:** Nunca sentiu vontade de participar da religião?

**CA:**Cara,pra ser sincero,não. Desde minha infância que eu acompanho rituais,festas,mas nunca tive essa vontade e se um dia for preciso cara,eu com certeza,eu seguirei.

**WN:** Nós estamos falando de uma religião que desperta muito incômodo em diversas pessoas, inclusive o preconceito, o senhor já foi vítima ou conhece alguém que foi vítima de preconceito por conta de fazer parte ou de ser próximo do seu Jackson ou da sua casa de axé?

**CA:** Já,já sim, e já me já me perguntaram cara você tava com Jackson em tal canto tal,aí eu falei era,aí outro rapaz que tava próximo a mim falou cara você tava com ele num sei o que aí veio querer falar aí eu falei cara deixe eu fazer uma pergunta aqui, tu conhece ele,aí ele falou não,você conhece a religião,não,então não critique uma coisa que você não conhece cara,fique na sua.

**WN:** Então é a imagem que muita gente pinta do senhor Jackson Ricarte,que muitas famílias tem,muitas pessoas tem,ainda é aquela imagem ligada ao satânico,ligado ao demônio por conta da religião que ele escolheu e que ele defende,e o senhor me coloca que vivenciando e fazendo parte mesmo que indiretamente do axé,as pessoas conseguiriam moldar outra imagem disso?

**CA:**Cara,eu acredito que é difícil,mas pra evitar era melhor o pessoal vim vivenciar,vim uma festa, e ver e tirar a limpo que não essa coisa que a maioria do pessoal ingnorante vê.

**WN: A gente fica muito satisfeito e agradece sua participação seu Cardoso e deixa o espaço aberto se o senhor quiser fazer mais alguma consideração.**

**CA: Não, não. Muito obrigado.**

## **ENTREVISTA CONCEDIDA POR UM REPRESENTANTE DA IGREJA CATÓLICA, SENDO IDENTIFICADO AQUI PELO TERMO “PADRE”**

Cajazeiras 22 de março de 2017.

**WN: Bom dia, padre!**

**PADRE:** Bom dia [nome do pesquisador], aproveito já parabenizo a pesquisa acadêmica, penso que é na pesquisa e na extensão que a universidade consegue sair da suas quatro paredes.

**WN: Muito obrigado. Padre quanto tempo o senhor tem de magistérios, quanto tempo o senhor se ordenou, a quanto tempo o senhor está aqui na cidade?**

**PADRE:** Eu tenho 10 anos de ordenação presbiteral e estou em Cajazeiras a 9 anos.

**WN: Nós temos acompanhado que o senhor tem feito um trabalho de aproximação da sociedade com a igreja e tem funcionado muito bem, esse pensamento é da igreja ou é do padre homem?**

**PADRE:** A igreja sempre vinculou fé e vida, oração e ação, a palavra de Deus chega a recomendar, na carta de São Thiago que é um livro bíblico, que a fé sem obras é morta. Então a igreja católica sempre uniu oração e ação, fé e vida, como nós chamamos. Então a igreja sempre teve a tenta aos temas mais urgentes da sociedade, a prova disso são as campanhas da fraternidade que a igreja tem a cada ano, a mobilização, por exemplo, da lei da ficha limpa, esse mutirão da superação da fome e da miséria, essa acessibilidade que hoje é legislação, hoje todas as construções tem que ter acessibilidade, isso tudo surgiu para ilustrar dentro do seio da igreja. E assim, como filho da igreja que sou, fui educado na fé católica, no seminário sempre tive a oportunidade de professores e orientadores que sempre entenderam a fé como alimento espiritual e a luta, a denúncia, o grito, o clamor social como forma de dignidade humana. E assim, no ministério, tem tentado unir fé e vida.

**WN: Só reforçando essas colocações que o senhor faz, a gente tem acompanhado aqui na cidade um canto muito bonito que é a marcha contra o uso de drogas e também essa busca pelo ecumenismo. O senhor tem sentido uma resposta da sociedade positiva ou de certa forma quando o senhor começou a fazer essa busca a sociedade, não foi de imediato essa aceitação?**

**PADRE:** É todo mundo pensa que a gente planta hoje e amanhã já colhe imediatamente. Eu costumo dizer na linguagem popular que muita gente quer plantar o milho hoje e colher a canjica amanhã de manhã. E não é assim. O processo de conscientização, é um processo mais lento, mas a igreja, especialmente a paróquia de São João Bosco, na qual eu estou trabalhando, nós temos algumas frentes de trabalho no enfrentamento as drogas, o trabalho de conscientização que é a pastoral da sobriedade, pastoral da juventude que são encontros semanais com jovens e com todo esse pessoal que é responsável, o trabalho de correção que o trabalho nas casas de recuperação de dependentes químicos que nós temos também e esse grande trabalho que é para dá satisfação à sociedade que é a macha contra as drogas. De fato a maior resistência é que todo mundo quer saber sobre os frutos, os frutos nós colhemos com o andar da carruagem, né. Nós já temos muitos frutos colhidos, especialmente dos jovens que estavam nas ruas ou que já tinham destruído suas famílias, que depois de passar

por nossas casas de recuperações, hoje estão integrados na vida eclesial, na vida da igreja, cantando, cuidando de outros grupos, ou seja, até mesmo casando, cuidando e batizando os filhos, então a gente fica muito feliz e o mais importante, no mercado de trabalho. A gente também indica aqui no comércio, pela facilidade do contato com alguns empresários daqui da cidade, a gente indica esses que saíram do mundo das drogas e estão trabalhando. Então assim, são muitos os casos, muitos os exemplos, nós preservamos muito a imagem de cada um, exatamente porque o carimbo que foi ex-dependente químico é muito forte, então a gente preserva a identidade de cada um para que eles sejam identificados como um ser humano e não taxado como ex-dependente.

**WN: Essa ação age direto ou indiretamente não só na pessoa como também na família, isso mostra o papel da igreja fora dos limites físicos da paróquia, hoje a gente tem em número de hoje nós temos o catolicismo como a segunda maior, alias a número um, a segunda maior religião seria o islamismo, mais ou menos um bilhão e meios de e temos o catolicismo com um número superior a isso, com dois bilhões e meio. O senhor acredita que a permanência ou saída de algumas pessoas da religião, independente se for catolicismo ou não, está na falta do exercício da fé?**

**PADRE:** Certeza, eu costumo dizer para quem está, por exemplo, na vida acadêmica, se quem está na vida acadêmica estudar apenas durante o curso ordinário, não tiver vida acadêmica científica culturais extra classe, se não tiver, talvez não tenha oportunidade de ter toda a abrangência que está no seu projeto de curso, plano curricular. Assim também a fé, a bíblia diz que a fé vem pelo ouvido, ou seja, a fé vem exatamente pela prática religiosa, então é preciso alimentar a fé, é como uma planta, ela precisa ser regada, precisa ser podada para atingir seu objetivo. Então quem tem uma prática religiosa deve também alimentar essa prática religiosa, participando de suas atividades, se assim não for vai terminar utilizando da mensagem religiosa apenas como talvez uma atividade lucrativa para seus próprios interesses, então a comunidade eclesial não é exclusivamente um toma lá dá cá, é muito mais uma adesão, um corporativismo, a religião é exatamente em viver em comunidade e para viver em comunidade é preciso se reunir, é preciso celebrar, é preciso chorar junto, é preciso rir junto, é preciso enfim é preciso viver junto e celebrar a vida.

**WN: Toda essa colocação que o senhor frisa a respeito de viver em comunidade e exercício da fé, permeia muito a questão do respeito também, e nós temos acompanhado ultimamente diversos segmentos religiosos algumas agressões físicas ou verbais, ou até mesmo um preconceito direto ou indireto com as religiões afro brasileiras, aqui em Cajazeiras nós temos algumas. Como é que a igreja que o senhor comanda ou coordena vê essa questão dessa religião aqui na cidade?**

**PADRE:** É, a igreja católica é uma igreja bastante grande e por congregar muitos fiéis, muitos fiéis de diversas classes sociais, diversos segmentos e com história de vida diferente, a igreja católica ela é, vamos dizer assim, é policultural. As regiões geográficas mesmo, com suas culturas, colocam muitos elementos na prática religiosa. Então, em uma linguagem oficial da igreja católica, nós podemos dizer que a igreja sempre entendeu super bem todas as religiões, incluindo as religiões de matriz africana, como por exemplo o candomblé que nós temos aqui em Cajazeiras e assim por diante, é claro que somos todos pautados pelo respeito, pela tolerância

religiosa. Religião em si, a própria palavra já nos diz, é um religação, religar, então qualquer proposta de religação com o sagrado, vinculando o homem ao sagrado, são propostas interessantes, a partir das questões doutrinárias é que começam as diferenças e em alguns pontos as divergências, no entanto eu tenho percebido que há uma superação bastante ampla de qualquer forma de preconceito, apesar de como eu disse, de ser uma igreja tão grande, alguns dos seus membros, não com a linguagem oficial da igreja, mas alguns membros isolados ainda insistem, talvez em nome de um cristianismo fundamentalista de desrespeitar, talvez por causa do sincretismo ou por causa das paixões que cada um tem, nós somos bairrista, né?! Nós que somos flamenguista se percebermos o símbolo do fluminense vermelho e preto vamos dizer “essas cores são nossas, vocês não ousem tomar” sempre nós vamos encontrar isso, alguém bairrista que vai querer exigir dos outros respeito as suas marcas que são próprias. Então assim, a partir do sincretismo, como o sincretismo tem tornado uma aproximação muito grande em virtude das entidades, como os santos, os próprios santos do candomblé, a partir das datas que são momento escravagista no Brasil toda aquela situação, precisamos reler aquilo tudo, como o olhar mais acadêmico para entender o porquê de todo esse sincretismo, a permissão do culto, isso todos nós sabemos. Mas assim, quanto a sua pergunta, em Cajazeiras a convivência é muito salutar, nós nunca tivemos nenhuma objeção. Estou aqui a 9 anos e a paróquia está geograficamente no mesmo ambiente do espaço, do terreiro de Jackson e dos demais, e assim, nós nunca tivemos nenhum problema, pelo contrário, naquilo que é comum nós sempre participamos. Eu percebo nas atividades culturais da igreja sempre a presença e a colaboração de Jackson, assim como também nesse movimento contra as drogas nós temos sempre abertura aos movimentos e há sempre membros da sua comunidade religiosa que participam conosco na marcha contra as drogas e assim por diante, então a convivência é extremamente salutar. Lamentamos, que é verdade, que por questão cultural, as vezes de medo, de não entendimento, de uma linguagem diferente, de um ritmo diferente, daquilo que se é utilizado, das indumentárias, enfim, as vezes causa culturalmente medo em algumas pessoas e o medo afasta as pessoas, o medo faz com que muitas vezes as pessoas não queiram se aproximar, não queiram entendimento, isso as vezes causa uma falta de compreensão.

**WN: Padre, a gente agradece a sua colaboração e deixa o espaço aberto caso o senhor queira fazer mais alguma consideração.**

**PADRE:**É claro, primeiro parabenizar pela pesquisa, eu acho que ninguém pode amar aquilo que não conhece. Eu digo sempre aos católicos também, precisamos conhecer mais o evangelho para poder está no evangelho, não porque alguém está nos mandando ser mas porque você encontrou no evangelho uma forma saudável de qualidade de vida para você e para seu bem. Assim como também todas as demais religiões, precisamos conhecer mais, amar mais, para respeitar mais. E quando a pesquisa acadêmica acontece, está oferecendo novos espaços, está oferecendo aí um holofote para divulgação, um microfone para que as religiões também mostrem sua cara e torcer sempre pelo respeito, pela tolerância e como nunca houve, pelo menos nesse período que estou aqui em Cajazeiras, nenhuma forma de divergência objetiva de intolerância, torcer que essa convivência salutar continue.

**ENTREVISTA CONCEDIDA POR UM REPRESENTANTE DA IGREJA EVANGÉLICA, SENDO IDENTIFICADO AQUI PELO TERMO “OBREIRO” (OB)**

Cajazeiras, 23 de março de 2017.

**WN: Senhor Obreiro qual a sua idade?**

**OB:** Tenho 38 anos.

**WN: O senhor é solteiro ou casado?**

**OB:** Solteiro.

**WN: Quanto tempo faz que o senhor é evangélico?**

**OB:** Vai fazer 20 anos esse anos em dezembro.

**WN: Toda a sua família é evangélica?**

**OB:** Não, meus pais são católicos, tenho alguns parentes que são evangélicos, tenho parente que é testemunha de Jeová, mas é assim...

**WN:A sua entrada na religião evangélica, como ela se deu?**

**OB:** Eu estudava no Comercial com uma pessoa da mesma igreja, na época eu era católico não praticante, mas tinha sede da palavra de deus e perguntava a ela sobre algumas coisa e ela me respondia, eu tinha desejo de aprender sobre o livro de Apocalipse, em determinado dia eu perguntei a ela se ela sabia sobre o Apocalipse, ela disse “olha eu tenho uma amiga minha que ela da aula sobre Apocalipse e se você quiser eu procuro ela e ela pode lhe dá o estudo” e aí então entrei em contato com ela, para que ela entrasse em contato com a amiga dela e assim eu estudei o Apocalipse durante uns seis meses e ai depois me decidi e até hoje estou na fé.

**WN: Quando o senhor decidiu adentrar nessa religião houve aceitação por parte da família ou algum foi contra, se teve contestação nesse sentido?**

**OB:**Houve resistência, meus pais eles resistiram apesar deles serem católicos e não praticantes, mas resistiram, disseram que eu estava ficando louco, que tava fora de si e que isso não iria trazer benefício nenhum para mim.

**WN: Como base do nosso estudo, a gente também escuta outras pessoas a respeito da ideologia ou pensamento das pessoas, mas especificamente nesse caso, as religiões de matriz afro aqui na nossa cidade. O que o senhor acha sobre essas religiões?**

**OB:**Olha, na verdade, todo ser humano ele procura a Deus, infelizmente muitos estão em religiões, ensinados errôneos mas todo ser humano naturalmente foi criado para adorar. Então uns vão adorar o sol, a lua, as estrelas, outro vão adorar pessoas, outros vão adorar ideologias, mas todo ser humano foi criado com a capacidade de adorar, pena que essa capacidade de adorar é voltada para o lado errado.

**WN: Quando o senhor coloca o lado errado, o Obreiro que está me falando é o Obreiro pessoa, ou Obreiro evangélico e fervoroso na fé?**

**OB:**É aquele ser humano que não baseado apenas em emoções mas em razão, porque a palavra de Deus nos mostra que devemos usar nosso lado racional e pesar pelas evidencias pelo o que a gente procura.

**WN: Falando mais especificamente da Umbanda e do Candomblé em Cajazeiras, o que o senhor pensa disso?**

**OB:** Olha toda religião tem pessoas boas e pessoas más, tem pessoas que procuram servir aquele ensino, aquela religião e outras que infelizmente estão por ali e muitas vezes não sabem nem por que. Agora em relação a essas religiões afro brasileiras, elas tem seus ensinamentos que infelizmente entram em choque com a palavra de Deus, porque no livro de Levítico, no livro de Deuteronômio a bíblia fala que algumas práticas em relação a feitiçaria, sacrifícios, inclusive sacrifícios humanos eram praticados em muitos povos e até religiões que já foram extintas, nações, e praticavam isso e a bíblia ela abomina, a palavra de Deus infelizmente reprovava, porque segundo a bíblia são práticas satânicas, eu posso até citar alguns textos como no livro de Levítico capítulo 20 versículo de número 6 “quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros para se prostituir com eles, eu me voltarei contra ele, e o eliminarei do meio do seu povo, portanto santificai-vos e sedes santos, pois eu sou o Senhor vosso Deus”. Quando vamos também para o livro de Deuteronômio no capítulo de número 18, o escritor de Deuteronômio que foi Moisés diz assim capítulo 18 verso 9 em diante, “quando entrar a terra que o senhor teu deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos, Entre ti não se achará quem faça passar pelo fogo a seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos, pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor e por estas abominações o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti, porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém a ti o Senhor teu Deus não permitiu tal coisa”. Então é por isso que nós acreditamos na palavra de Deus inclusive essas religiões que existem hoje em dia, é afro brasileira que são descendentes lá da África, a bíblia fala que uns dos descendentes de Noé que foi Cã, que a palavra Cã quer dizer quente, então foi de Cã filho de Noé que descendeu os africanos, e por incrível que pareça o povo que mais pratica feitiçarias no mundo são os africanos, então de lá originou-se todas essas religiões, umbanda, candomblé e por aí vai, então a bíblia fala que essas formas de religiões, elas infelizmente tem um ponto negativo, porque exaltam a criatura no lugar do criador, infelizmente praticam magia, feitiçaria, que a bíblia não aprova e a bíblia tem como adoração a satanás e não a Deus e infelizmente pregam doutrina como no caso a imortalidade da alma, a reencarnação, coisas que a bíblia reprovava categoricamente, porque a bíblia mostra que o homem é mortal, não há nenhuma parte imortal nele, nem alma, nem espírito que é imortal, a bíblia diz que o homem é uma alma, ele não tem uma alma, e a bíblia diz que quando morre, morre tudo, não há nenhuma parte que vá se reencarnar, não há nenhuma parte que sobrevive a morte ou espírito ou alma como comumente é aceito em meio a muitas religiões, a bíblia diz que quando o homem morre, morre ele por completo, a bíblia fala sim, para nós os cristãos, de ressurreição que somente quando Cristo voltar que aí sim nós seremos ressuscitados, receberemos corpos imortais e assim estaremos para sempre com o Senhor. É isso que a bíblia nos ensina.

**WN: É perceptível o domínio que o senhor tem sobre os termos bíblicos, mas o senhor acredita que alguém que não seja evangélico ele possa vir a ter uma negatividade dessa religião, ao candomblé ou umbanda, ou uma demonização desse pessoal diante daquilo que se foi criado, diante da imagem do não**



**conhecer e já se moldar essa imagem satânica como muita gente pensa? Ou o senhor acredita que isso seja resultado dos próprios praticantes que tem se imposto dessa forma, que tenha se colocado já em uma posição de por medo em alguém?**

**OB:**Olha como eu te falei, a bíblia ela é clara em mostrar que Deus tem pessoas Dele em todos os lugares. Em Apocalipse 18:4 a palavra de Deus é categórica em dizer aqui para nós o seguinte, ela falando de um complexo religioso que infelizmente deturpa as verdades de Deus, da palavra de Deus, Apocalipse 18:3-4 diz assim“ Porque todas as nações beberam do vinho da ira da sua fornicção com ela se prostituíram os reis da terra, também os mercadores se enriqueceram a custa de sua luxuria, ouvi outra voz do céu dizendo: Retirai-vos dela povo meu, para não serdes cúmplices nos seus pecados e para não participardes dos seus flagelos, porque os seus pecados se acumularam até o céu e Deus se lembrou dos atos ilícitos que ela praticou”. Então infelizmente há essa triste realidade, Babilônia é um complexo religioso que ensina falsos ensinios, doutrinas falsas, misturadas com a verdade. Embriagam as pessoas ao ponto dela acharem que estão servindo a Deus, quando na verdade elas estão servindo e adorando a criatura, principalmente o arque inimigo de Deus, que se rebelou lá no céu, satanás. Então infelizmente acontece isso.

**WN: Hoje a gente já vê várias formas de união, de movimentação ecumênica entre diversas igrejas evangélicas e até mesmo os evangélicos e os católicos hoje já tem buscado, aí acredito que como o senhor fala, que todo mundo foi feito para adorar e esse é o pressuposto inicial, a gente já muito movimento dessa unificação em busca dessa unificação em as pessoas de religião evangélica e católica. O que o senhor me diz disso?**

**OB:**Olha, o ecumenismo que hoje em dia é propagado para que seja realizado, é um ecumenismo que é só para ser feito em pontos comuns, não visão realmente a palavra de Deus de forma plena, completa, porque é um jogo de interesses, aquilo que você acredita, que eu acredito, que o outro acredita, quem pode ser unido, ai agente se une, mas os outros pontos discordantes quem não estão em harmonia, então não são aceitos. O verdadeiro ecumenismo que a bíblia fala é todos terem mesmo Deus, o mesmo Senhor, a mesma palavra, o mesmo ensino e andarem na mesma fé. Mas hoje em dia é um jogo de interesses que infelizmente visão mais uma questão de rebeldia contra o Criador, porque a bíblia fala que vai ter uma união universal, mas é para perseguir aquele povo remanescente que é conta os ensinios, as tradições humanas.

**WN: A religião evangélica tem buscado aceitar as pessoas como são sem excluir ninguém e de certa forma, assim como outras religiões, aumentar o número de adeptos. Com esse pensamento da busca de uma só fé, como o senhor acha que poderia ser a abordagem ou o lidar com as pessoas que são assumidamente das religiões afro como umbanda e candomblé?**

**OB:**Olha, em primeiro lugar a bíblia manda amar as pessoas, a bíblia manda amá-las independentes do que elas sejam, respeitá-las mas quando a bíblia manda discordar, a bíblia manda discordar não de pessoas mas de idéias, então uma forma da bíblia ensinar a chegar até aqueles que discordam de nós é em primeiro lugar aprendendo a descobrir o porquê que elas estão crendo naquilo ali, porque se eu vou discordar da outra pessoa sem nem saber o que ela está crendo, estou já agindo com preconceito. Então a bíblia manda que eu ame a pessoa, a bíblia manda

respeitar as pessoas apesar da bíblia não aprovar certas práticas, porque a bíblia diz que Deus ama o pecador e odeia o pecado, então a bíblia nos ensina a fazer essa diferença. Discordar de idéias e não de pessoas. Eu posso ser amigo de várias religiões diferentes, mas eu posso respeitá-los, mas não concordar com certas práticas que eles fazem. Então é isso que a bíblia nos ensina.

**WN: O senhor colocou no início da nossa conversa que houve uma barreira dentro da sua casa quando o senhor decidiu ser evangélico. Nós também sabemos que existe muito preconceito de outras pessoas evangélica, católicas ou não independente de ser praticante ou não, com as pessoas que são adeptos as religiões afro. Assim com o senhor sofreu esse preconceito por ser evangélico, nós sabemos que essa pessoas também sofrem esse determinado preconceito. O senhor já testemunhou ou já viu alguma coisa desse tipo, agressão física ou mesmo verbal com as pessoas que são candomblecistas ou umbandistas, tanto na igreja que o senhor frequenta como em outro local?**

**OB:**É, infelizmente existe, a gente vê que são zombados, muitas vezes ridicularizados, porque está com aquela vestimenta, é algo espalhafatoso, é algo ridículo para muitos. Então isso já se torna uma forma de preconceito. Eu sei que sou obrigado a concordar com tudo que outro faz, mas devo pelo menos respeitar e se eu discordar dele, devo discordar da idéia dele, da pratica dele e não da pessoa. É isso que a gente deve aprender a fazer, essa diferenciação.

**WN: A gente agradece a contribuição e deixa o espaço aberto se o senhor quiser fazer alguma citação ou colocação, o senhor pode ficar à vontade.**

**OB:**Olha, eu queria dizer o seguinte, que a bíblia ensina que Deus, Ele ama a todos por igual. Infelizmente hoje em dia o ódio, o preconceito, tenta predominar a violência em meio ao ser humano. Deus ama o espírita mas Deus odeia o espiritismo, então Deus Ele sabe como fazer essa diferenciação, já o ser humano não, o ser humano ama o pecado e odeia o pecador. Deus já é diferente, Deus ama o pecador e odeia o pecado. E o que a bíblia nos ensina é que realmente nos não tivermos amor verdadeiro uns pelos outros, então como é que nós vamos mostrar de que lado realmente as pessoas devem ficar e buscar. Porque se eu agir com opressão, ataques constantes a determinados grupos religiosos, então não vai resolver nada, vai criar mais resistência, vai criar mais impacto, mas o que a bíblia ensina é que devemos amar a todos, procurar ajudar a todos, levar o conhecimento da palavra de Deus a todos, infelizmente nem todos irão aceitar a palavra de Deus, mas aí o livre arbítrio que Deus deu já implica nisso aceitação ou rejeição, mas uma coisa é certa, Deus quer salvar todos, apesar de muitos estarem em ensino errôneos, ensinamentos que não agradam a Deus, mas a bíblia diz que Deus quer fazer com que a luz da sua verdade, a luz da sua palavra, a sua graça chegue a cada coração. Se a pessoa for sincera, for realmente receptiva a graça de Deus, a bíblia diz que o Espírito Santo irá trabalhar e operar nela o querer e o realizar de Deus, então vai fazer uma transformação na vida dela, porque muitas vezes as pessoas estão enganando a si mesmas como falsas sensações, falsos sentimentos achando que estão verdadeiramente no lugar certo, no caminho certo, mas não é bem assim. Certo?! Agradeço muito pela atenção, por ter me procurado para esses breves esclarecimentos, espero que tenha chegado aqui ao denominador comum. Que Deus nos abençoe e nos guie eternamente.